

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire



FORMAÇÃO
DE
EDUCADORES SOCIAIS





Alexandro Fernando Silva • Ângela Antunes • Cilene Victor da Silva •
Deucélia Nunes de Lima • Fernanda R. Alves Castanho • Flávio Boleiz Júnior •
Gustavo Belic Cherubine • Luciano Carvalho Barbosa • Luiz Carlos de Oliveira • Márcia Guerra •
Margarita Victoria Gomes • Maria Rita Avanzi • Moacir Gadotti • Nilton Fernandes
• Paulina Christov • Paulo Roberto Padilha • Saete Valezan Camba • Solange Lima

FORMAÇÃO DE EDUCADORES SOCIAIS

Projeto JovemPaz

**Construção intercultural
da paz e da sustentabilidade**

REALIZAÇÃO



INSTITUTO
PAULO FREIRE

PATROCÍNIO



PETROBRAS

AUTORES

Alexandro Fernando Silva, Ângela Antunes, Cilene Victor da Silva, Deucélia Nunes de Lima, Fernanda R. Alves Castanho, Flávio Boleiz Júnior, Gustavo Belic Cherubine, Luciano Carvalho Barbosa, Luiz Carlos de Oliveira, Márcia Guerra, Margarita Victoria Gomes, Maria Rita Avanzi, Moacir Gadotti, Nilton Fernandes, Paulina Christov, Paulo Roberto Padilha, Salete Valezan Camba e Solange Lima

Capa: Carlos Thadeu C. de Oliveira e Thais Regiani

Preparação de originais: Paulo Roberto Padilha

Composição: Dany Editora Ltda.

Coordenação editorial: Danilo A. Q. Morales

Apoio:  **CORTEZ**
EDITORA

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa dos autores do editor.

© 2004 by IPF

Direitos para esta edição
Instituto Paulo Freire (IPF)
Rua Cerro Corá, 550 — cj. 22 — 2º andar
05061-100 — São Paulo — SP — Brasil
Tel.: (5511) 3021-5536 Fax (5511) 3021-5589
E-mail: ipf@paulofreire.org
Home Page: www.paulofreire.org

Impresso no Brasil — dezembro de 2004



Agradecimento

Agradecemos à PETROBRAS pela parceria no desenvolvimento do Projeto JovemPaz, selecionado pelo Programa PETROBRAS Social — Geração da Paz.

Dedicatória

Dedicamos este livro a todos os jovens do Morro Doce (São Paulo), Rochedalle (Osasco), Iguape e Ilha Comprida (Vale do Ribeira).





SUMÁRIO

Apresentação — Filosofia, Metodologia e práxis	9
CAPÍTULO 1 — O Projeto <i>JovemPaz</i> : Resgatando os objetivos e a trajetória do projeto	17
CAPÍTULO 2 — Formação de Educadores Sociais: Teoria para fundamentar a prática	47
1. Eixo temático “Sustentabilidade e cultura da paz”	51
2. Eixo temático “Agenda 21 e Carta da Terra”	62
3. Eixo temático “Cultura, Política e Comunicação”	93
CAPÍTULO 3 — Formação de educadores sociais: práticas <i>JovemPaz</i>	103
1. Rádio	105
2. Jornal	117
3. Grêmio	136
4. Círculo virtual	150
5. Festa <i>JovemPaz</i>	160
Considerações Finais — Resultados, desafios e saberes construídos no processo	171
Bibliografia	179



Apresentação

FILOSOFIA, METODOLOGIA E PRÁXIS

Todo projeto novo é uma grande aventura. O que mais conta é a vontade política de quem se propõe realizá-lo. Foi assim com o projeto “*JovemPaz: construção intercultural da paz e da sustentabilidade*”, uma parceria entre o **Instituto Paulo Freire** (IPF) e o programa “Geração da Paz” da **Petrobras**.

A Petrobras lançou, em outubro de 2001, o Programa Petrobras Social, pelo qual vem desenvolvendo sua política de atuação no chamado Terceiro Setor. Para a Petrobras, “a força motriz do programa é o conceito de Cultura da Paz, esforço coletivo pelo desenvolvimento humano sustentável, preconizado pela UNESCO”. O Instituto Paulo Freire desenvolveu um dos trinta e oito projetos deste programa, selecionando 225 pessoas, principalmente jovens, para atuar em projetos de educação e cultura da paz, principalmente em comunidades e escolas, através dos grêmios.

O Instituto Paulo Freire já tem uma longa tradição de trabalhar com a educação popular, comunitária e cidadã. O projeto da Escola Cidadã desenvolve quatro eixos: princípios de convivência, democratização da gestão, currículo e avaliação. Os princípios de convivência visam a desenvolver e melhorar as relações entre cada um consigo mesmo, com o outro e com o ambiente em que vivem. Este projeto promove formação com membros da comunidade escolar: pais e mães, professores e professoras, estu-

dantes e administradores, na perspectiva da participação democrática. E utiliza como importante referência os princípios da Carta da Terra. Para o Instituto Paulo Freire o desenvolvimento do Projeto *JovemPaz*, em parceria com a Petrobras, dá continuidade e amplia a sua ação relacionada com a educação popular e cidadã, promovida pelo seu fundador, Paulo Freire.

Na formulação e na construção deste projeto muitas pessoas participaram. Na Petrobras, Maria Tânia de Oliveira, coordenadora dos projetos sociais, na área de comunicação e linguagem, e Carlos Alberto Ferreira, da Gerência de Projetos, em São Paulo, Lia Hermont Blower, gerente de Comunicação Nacional, e Márcio R. Schiavo da Comunicarte. Em seguida, a participação de Janice Dias e Maria Aparecida de Moraes, responsáveis pelo projeto na Petrobras, foi decisiva para a sua formatação, execução e acompanhamento.

No Instituto Paulo Freire, a experiência de Salete Valesan Camba, principalmente com o Projeto Rural Vivo no Vale do Ribeira, foi muito importante, ao lado de Moacir Gadotti, Ângela Antunes, Paulo Roberto Padilha e Gustavo Belic Cherubine, equipe que desde o início trabalhou na concepção do projeto.

Para o desenvolvimento do projeto *JovemPaz* muitas pessoas contribuíram. Entre outras, devemos agradecer principalmente a: Alexandro Fernando Silva, Cilene Victor da Silva, Deucélia Nunes de Lima, Fernanda R. Alves Castanho, Flávio Boleiz Júnior, Luciano Carvalho Barbosa, Luiz Carlos de Oliveira, Márcia Guerra, Margarita Victoria Gomes, Maria Rita Avanzi, Nilton Fernandes, Paulina Christov e Solange Lima.

Dizem que os jovens estudam para “ser alguém na vida”, que são “o futuro da Nação”, que são consumistas. Dizem que eles são o futuro, quando deveríamos estar preocupados com o seu presente. Essa é uma imagem projetada pelos adultos. E grande parte da mídia insiste em dizer que os jovens são violentos, difundindo uma visão equivocada da juventude, principalmente das camadas populares.

É verdade, muitas vezes, a TV imbeciliza e induz o jovem ao consumo. A cultura neoliberal veiculada por essa mídia, tenta fa-

zer com que os jovens percam suas referências históricas, neutralizando suas motivações utópicas. Ela incute neles a idéia de que não vamos mais sair da economia de mercado, seletiva, excludente e marginalizante. Por esta lógica, precisamos estar preparados para competir. Buscar o prazer imediato, viver no “ficar”, sem projeto de vida. O **neoliberalismo** apresenta aos jovens apenas espaços nos quais eles se tornam objetos e não sujeitos, bem como alternativas de consumo e não de vínculos, de relações humanas, de companheirismo.

Daí a importância de uma educação política, transformadora, comunitária, intertranscultural, como a que propôs o Projeto *JovemPaz*. Para isso, a necessidade de uma escola democrática, diferente da escola meritocrática que temos hoje. Ao contrário dos parâmetros de violência mostrados pela mídia, dos “exterminadores” do passado e do futuro, a educação precisa mostrar exemplos de vida digna. Ao contrário da educação neoliberal, que prepara para o desespero silencioso dos jovens, que treina “cães de guerra”, necessitamos de uma “educação como prática da liberdade” e de uma escola criadora, na perspectiva do “inédito viável”, como propõe Paulo Freire, uma educação para a construção da paz e da sustentabilidade.

Uma **educação popular** e libertadora, efetivamente democrática, precisa mostrar exemplos de solidariedade crítica, de vida dedicada à ética, que nasce na estética, e de educação política. Necessita, criativamente, buscar parâmetros de solidariedade contra a competitividade que leva a “escolas de segurança máxima”, a detectores de metais, câmeras, vigias armados. Daí a importância da democracia. Escolas democráticas não podem existir sem a liderança dos educadores, sem um modo de vida democrático. Os alunos aprendem dos professores democráticos que o conhecimento tem um peso na vida deles e na sociedade, mas que é preciso educar o conhecimento para que ele seja transformador. E para que a democracia seja real na escola é preciso que haja informação. Ninguém participa sem informação. O livre fluxo de idéias é fundamental.

Na luta contra-hegemônica, é fundamental educar para o **pro-
tagonismo infanto-juvenil**, que significa formá-los para sentir, propor, criticar e criar suas próprias formas de comportamento e realização pessoal, desenvolver ao máximo sua capacidade de sonhar, de saber e poder expressar-se com maior liberdade e criatividade e, finalmente, construir um outro mundo possível, em rede, orientado por uma outra lógica de poder, onde todos possam saber, ser e ter.

As ações do JovemPaz se desenvolveram em três pólos: Morro Doce, bairro da cidade de São Paulo, Município de Osasco e Vale do Ribeira, no Estado de São Paulo. Estas foram organizadas através da formação específica com **oficinas de rádio, jornal e grêmio estudantil**, tendo por fundamento uma “formação geral” integrada por **três eixos**: 1. “*Sustentabilidade e cultura da paz*”; 2. “*Carta da Terra e Agenda 21*”; e 3. “*Cultura, política e comunicação*”. Em conjunto com as ações presenciais e diretamente desenvolvidas com os educandos, algumas ações se estenderam com o objetivo de ampliar a discussão dos temas trabalhados junto às comunidades locais. Para tanto, foram realizadas diferentes atividades, tais como palestras, Círculos de Cultura Virtuais e as Festas JovemPaz.

O projeto contou com a **parceria** entre a Rede Estadual de Educação de São Paulo, a Rede Municipal de Educação do Município de São Paulo e outras instituições que se dispuseram a colaborar, como foi o caso do IBAMA, do Projeto Eremim (Osasco), da União de Moradores do Parque Anhangüera (UMPA), do Governo Eletrônico da Cidade de São Paulo, da Associação de Monitores Ambientais de Iguape (AMAI), da Prefeitura Municipal de Iguape e da Colônia de Pescadores de Iguape.

O **desafio inicial** foi a seleção dos educandos/as para participar do projeto. Iniciamos com a divulgação entre as escolas e as comunidades dos pólos, utilizando como critérios para a seleção dos candidatos a experiência de trabalho com os jovens e o interesse no trabalho comunitário e social e a necessidade de conhecer a comunidade. A seleção inicial possibilitou o cadastro de diferentes grupos de educandos e um público bastante heterogêneo.

Após esta primeira fase, a metodologia de trabalho proposta pelos docentes do IPF incluiu:

a) o *estudo da realidade (ER)*, pelo qual o aluno expõe suas idéias e seus conhecimentos sobre o tema ou o assunto apresentado, e o professor ouve, registra essas informações e organiza o conhecimento, mesmo sem ainda sistematizá-lo;

b) a *organização do conhecimento (OC)*, pelo qual o professor problematiza o assunto, partindo das informações colhidas, e o aluno reflete sobre a situação apresentada. O aluno apresenta alternativas e o professor acrescenta informações, recorre ao conhecimento historicamente acumulado, para ampliar a compreensão do educando sobre o objeto de estudo;

c) a *aplicação do conhecimento (AC)*, pelo qual, uma vez ampliado o conhecimento sobre o objeto de estudo, o aluno entende melhor a sua realidade e tem condições de melhor atuar sobre ela.

A **linha filosófica** do projeto foi a mesma para as três regiões, consubstanciada no universo de princípios políticos, pedagógicos e filosóficos desenvolvidos pelo educador Paulo Freire. Mesmo assim, os três pólos revelaram características distintas, pois cada um deles trouxe a vivência e problematizações de suas regiões. O trabalho dos formadores e o círculo virtual de cultura foram importantes para unir os três grupos na identidade do *JovemPaz*.

Os **elementos facilitadores** e os **entraves** também foram diferentes nos três pólos, mesmo porque alguns recursos eram mais abundantes ou mais escassos, dependendo do local ou do momento em que as ações eram realizadas. Os educandos, em cada um dos pólos, conforme suas características, apropriaram-se da formação e puderam atuar do modo mais próprio na sua comunidade. Alguns dos educandos do Vale do Ribeira contavam, por exemplo, com mais experiência em trabalhos comunitários e monitoria ambiental, o que funcionou, naquela comunidade, como elemento facilitador no desenvolvimento das ações.

No Morro Doce, o apoio da Rede Municipal de Educação e da Associação de Moradores do Parque Anhangüera possibilitaram o sucesso na atuação dos educandos. Em Osasco, o trabalho se desenvolveu, no início, em parceria com a Rede Estadual de Educação, com a Escola Estadual Júlia Lopes de Almeida e, num segundo momento, com o Projeto Eremim, que tornou disponível suas instalações para a formação, onde a interação entre os dois projetos foi significativa para o trabalho.

Procurando identificar as **maiores dificuldades** do projeto, entendemos que o uso dos equipamentos de informática e a comunicação possam ter sido os itens mais difíceis de contornar, já que contávamos com a locação de espaços nas escolas, onde os recursos nem sempre estavam disponíveis para utilização. A cultura da construção coletiva, com a participação de todos, foi uma preocupação constante das ações do projeto com os educandos e com a comunidade local onde foram desenvolvidas as ações.

A **marca do projeto** foi o respeito à construção coletiva dos educandos, o incentivo às suas ações em seus espaços e o construir juntos. As festas *JovemPaz*, entendidas como momentos ricos de “leitura do mundo”, de resgate da cultura local, de maior conhecimento do contexto escolar e comunitário, e de reconhecimento da cultura global (planetária), foram realizadas nos três pólos, com a participação da comunidade. Elas serviram tanto para resgatar a alegria das festas populares mas, principalmente, para amadurecer os grupos de educandos na organização e também na leitura dos dados que elas puderam revelar. Os depoimentos dos educandos sobre sua participação no projeto, como veremos a seguir, refletem o sabor e as cores das vivências e dos trabalhos desenvolvidos:

“Espero que com a ajuda de todos nós (os integrantes) possamos fazer um mundo melhor, uma vida melhor; precisamos levar o projeto prá frente, erguendo assim a bandeira da alegria, da felicidade, enfim, a bandeira do jovem paz!!! (Rafael Gomes Milan Figueroa, 13 anos, Escola Jardim Britânia — Pólo Morro Doce).

“Desenvolver junto à comunidade algo que pudesse conscientizar as pessoas da necessidade de viver em comunidade, no verdadeiro sentido da palavra. Dar continuidade, buscando melhorias através de nós e da sociedade, para que todo esse trabalho (projeto) não se perca, mas que todos venham a participar conosco, pelo nosso futuro e pela Terra e sua preservação.” (Noemi de Oliveira Ottávio Almeida, 34 anos, Escola EMEI Morro Doce — Pólo Morro Doce).

“Acho genial a proposta do projeto; fez com que eu aprendesse muito, como conviver com a comunidade, saber me sustentar em união para preservar a Natureza e poder passar isso aos jovens, crianças e adultos” (Marcos de Araújo Izaías, 16 anos, Escola Projeto Eremim — Pólo, Osasco).

“Eu estou gostando muito, pois aprendo cada dia mais, com minha participação. Com a cultura da paz e a sustentabilidade podemos construir um mundo melhor, e é isso que estamos aprendendo, sem perder a esperança” (Rosana dos Santos Nobre, 17 anos, Escola E. Júlia Lopes de Almeida — Pólo Osasco).

“Muito interessante e interativa. Busca passar conceitos de liberdade com responsabilidade, fazendo com que busquemos as pessoas ideais, através de muita luta. Eu espero que esse projeto continue, pois ele deu um novo rumo à minha vida, me fazendo conhecer culturas diferentes e ter uma postura crítica” (Daniel Rodriguez Hernandez, 17 anos, Escola E. Judith Santana Diegues — Pólo Vale do Ribeira).

“Acho a proposta do curso muito interessante; paz, cultura são realmente necessárias ao nosso convívio, e ecologia e preservação têm que ser assuntos realmente debatidos em nosso meio. Depois do início do curso, minha participação social foi dinamizada” (Sindy Uiara Medina, 16 anos, Escola E Jeremias Júnior — Pólo Vale do Ribeira).

As falas dos participantes mostram o valor deste projeto. Veremos, a seguir, no capítulo primeiro, as informações extraídas da versão inicial do Projeto JovemPaz, que nos permitem entender como ele foi construído. A seguir, no segundo capítulo, acompanharemos a teoria que fundamentou a prática. Não podemos mudar

o mundo sem uma visão de mundo. Primeiro, temos a visão de um outro mundo possível e depois, na prática, construímos e reconstruímos esse mundo. A prática também nos ensina e reorienta a primeira visão que tínhamos dele, desde que persigamos o objetivo inicial, ao mesmo tempo em que introduzimos uma mudança no mundo que encontramos e queremos deixar melhor. No terceiro e mais longo dos capítulos, mostramos, em detalhe, as nossas práticas, de forma didática, para que aqueles e aquelas que desejarem se inspirar no *JovemPaz*, possam encontrar, neste livro, alguma ajuda. De forma sintética, no final, mostramos alguns dos resultados, desafios enfrentados e saberes construídos no processo.

O projeto *JovemPaz* foi um grande aprendizado para todos nós. E deixou um gostinho de quero mais. Ele, desde já, estimulou e deu origem ao seu primeiro importante desdobramento: a criação da **Rede JovemPaz**.

Capítulo 1

O PROJETO JOVemPAZ

Resgatando os objetivos e a trajetória do projeto

Ressignificar o **Projeto de Vida** dos jovens é fortalecer sua identidade cultural, vinculando-a ao desenvolvimento da cultura da paz e da sustentabilidade. Para isso, apresentou-se, desde a introdução do projeto *JovemPaz*, uma proposta de formação para o **protagonismo social** dos jovens, no interior das escolas e nas comunidades em seu entorno, com base naquela perspectiva.

Este projeto procurou desenvolver ações diretamente com os jovens e com lideranças comunitárias, que trabalhavam ou que já tivessem trabalhado com jovens ou, ainda, que demonstrassem firme interesse em trabalhar com a juventude.

Definiu-se que a população beneficiária do *JovemPaz* seria aquela residente nos seguintes municípios do Estado de São Paulo: Osasco, envolvendo duas escolas, com 4.900 alunos, em São Paulo, envolvendo sete escolas na região do Morro Doce, com 4.606 alunos, em Iguape e Ilha Comprida, na região do Vale do Ribeira, quatro escolas, com 3.218 alunos. Nas comunidades, o IPF fez parcerias com outras organizações e instituições que já atuavam com jovens ou que pretenderam incorporar o protagonismo juvenil em suas ações.

As ações do projeto contemplaram a dimensão da **formação** e da **comunicação**: trabalhou-se com educadores sociais que atuaram na formação de jovens para o protagonismo social, visando à formulação de metodologias de participação juvenil nas escolas e nas comunidades, formando para a organização e para a implementação dos Grêmios Escolares, da Rádio Escolar, do Jornal Escolar e da Festa *JovemPaz* (espaço de integração, interação e formação, que viabiliza de forma alegre e prazerosa a realização do diagnóstico escolar/comunitário, “Leitura do Mundo”).

A produção deste livro foi um dos objetivos do projeto, como forma de registrar e divulgar a experiência. Mas, além disso, durante todo o processo de formação, objetivou-se elaborar material gráfico (*folders, banners, cartazes, boletins*), criar uma *Homepage* do projeto e incentivar a participação dos jovens em eventos nacionais e internacionais, promovidos ou não pelo Instituto Paulo Freire. Nesse sentido, os objetivos do projeto foram assim definidos:

1. Educar para a cultura da paz e da sustentabilidade, fortalecendo a articulação política, a autonomia e a organização comunitária dos jovens, por meio das seguintes ações:

a) formação de Educadores Sociais jovens ou adultos, que trabalham ou têm interesse em trabalhar com jovens, para a construção da cultura da paz e da sustentabilidade;

b) formação para a participação e organização da Festa *JovemPaz*;

c) formação para a participação e organização da rádio escolar;

d) formação para a participação e organização do jornal escolar;

e) formação para a participação e organização dos grêmios estudantis.

2. Oferecer subsídios (dados, informações, metodologias) para a construção do projeto político-pedagógico das escolas e da própria comunidade, na perspectiva da cultura da paz e da sustentabilidade.

3. Criar espaços de exercício da cidadania ativa dos jovens, oferecendo condições para que se envolvam no levantamento de dados e informações sobre sua comunidade, e apresentem propostas que subsidiem as instituições, as organizações governamentais e não-governamentais e os movimentos sociais, para a definição de políticas públicas, nas áreas social e ambiental.

4. Sensibilizar sobre a necessidade de a escola e a comunidade construírem sua Agenda 21 e a Carta da Terra, e oferecer conteúdos e metodologias para essa construção.

5. Formar os jovens para utilizarem os novos meios de comunicação para sua aprendizagem, articulação e mobilização social, integrando a ação local às ações das três regiões do Estado de São Paulo envolvidas no projeto.

A construção da participação protagônica do jovem, a partir de parâmetros diferentes desses que a sociedade na qual vivemos, está apresentando a eles, principalmente, através da TV, é um importante objetivo do *JovemPaz*. Pretendeu-se trazer à tona e problematizar o papel da TV, que apresenta aos jovens, diariamente, um exagero de mensagens competitivas, insolidárias, sexistas, machistas, individualistas e violentas, como, por exemplo, nos filmes com Sylvester Stalone, Bruce Willis, Schwarzenegger. Em nossas ações, procuramos apresentar **outros parâmetros**, exemplificados por Betinho, Florestan Fernandes, Paulo Freire, Milton Santos, Rigoberta Menchu, Madre Tereza de Calcutá, entre outras pessoas que encarnaram os valores da solidariedade, do companheirismo, da amizade, do diálogo, da não-violência.

Buscou-se promover espaços de **encontro e intercâmbio** entre os jovens das escolas envolvidas e também no interior de cada unidade escolar, entre os jovens das escolas e os que estão sendo atendidos por organizações comunitárias e/ou por outras instituições locais de cada região (igrejas, centros de juventude, clubes, etc.), entre jovens que já vêm desenvolvendo atividades na perspectiva do protagonismo juvenil, e também entre os jovens de todas as escolas envolvidas no projeto (encontros interescolares). Procurou-se aprofundar o diálogo entre eles e

contribuir para a sua organização social, construindo propostas e linhas de ação que fundamentem práticas educativas e ação social dialógicas, dentro e fora da escola, que promovam a cultura da paz e da sustentabilidade.

As ações diretas do projeto subdividiram-se, conforme o programado, em **ações de expansão e de implantação**.

As **ações diretas de expansão** se referiram à continuidade de ações com os jovens de duas escolas estaduais do município de **Osasco**, aprofundando o trabalho que já vinha sendo desenvolvido com os Grêmios Estudantis e as Rádios Escolares das respectivas escolas. As **ações diretas de implantação** referiram-se a sete escolas da Região do Morro Doce — Distrito de Perus, na cidade de São Paulo, três escolas de **Iguape** e uma escola de **Ilha Comprida**.

As ações diretas, desenvolvidas no *JovemPaz*, consistiram de:

1. Três palestras em cada região, em Osasco, no Morro Doce e no Vale do Ribeira. A primeira palestra teve como tema central a “Sustentabilidade e Cultura da Paz”, a segunda, “Carta da Terra e Agenda 21” e a terceira, “Política, Cultura e Comunicação”. A primeira palestra de cada região serviu também como momento de lançamento do projeto.

2. Festa JovemPaz, três em Osasco, três no Morro Doce e três no Vale do Ribeira. Conforme já vimos, a Festa ou as Festas *JovemPaz* foram realizadas envolvendo pessoas da escola e da comunidade e tiveram sempre um caráter pedagógico. Tendo como objetivo maior o registro e a sistematização das vivências e das experiências, como parte do processo da “Leitura do Mundo”, foram atividades fundamentadas no universo de princípios filosóficos, políticos e pedagógicos desenvolvidos por Paulo Freire, com base nas quais foi possível conhecer, numa dimensão humana, social, cultural e ambiental, o universo dos jovens que vivem na região de abrangência do projeto.

Sabemos que a evasão física das escolas é precedida da invisível e simbólica evasão de sentidos culturais e desejos das pes-

soas humanas que nelas se encontram. A “Leitura do Mundo”, feita por meio das Festas *JovemPaz* e das atividades das rádios e do jornal escolar, buscou conhecer melhor os jovens das regiões atendidas pelo projeto: o que os distancia e o que os aproxima da escola onde estudam, como as escolas os vêem, como eles vêem a escola, o que podem fazer pela escola, o que a escola pode fazer por eles, que representações sociais os jovens fazem de si mesmos, que representações os adultos com os quais eles convivem fazem dos jovens, conhecer seu projeto de vida (como vêem o mundo em que vivem, como se vêem nesse mundo, o que projetam para seu futuro, que conhecimentos valorizam, a que espaços e fontes de conhecimento recorrem, como integram as práticas educativas da escola às práticas educadoras de outros espaços por eles freqüentados, onde buscam informações, como socializam informações e constroem conhecimento).

Como o projeto compreendeu não só a dimensão humana, mas também a natural (a relação do **ser humano** com a Natureza, numa perspectiva ecopedagógica, da Pedagogia da Terra), tanto na região do Morro Doce, quanto na do Vale do Ribeira, a “Leitura do Mundo” buscou orientar o olhar dos jovens para essa questão, alertando-os para a necessidade de intervenção para preservação ambiental. Procurou, ainda, conhecer o que os jovens e a comunidade pensam e como vêem a si mesmos e o ambiente em que vivem, na perspectiva da cultura da paz e da sustentabilidade, visando a indicar ações de intervenção para a melhoria da qualidade de vida da população direta ou indiretamente alcançada pelo projeto.

O projeto *JovemPaz* veio ao encontro deste movimento que valoriza a participação social nas políticas ambientais e que está crescendo no Brasil, na medida em que a própria sociedade brasileira aprimora sua vivência democrática. As mais representativas políticas de gestão sócio-ambiental estão incorporando, desde sua elaboração, instrumentos e mecanismos para a participação popular que garantam os direitos dos diversos grupos sociais, inclusive dos jovens.

3. Curso de formação para Educadores Sociais (em Osasco, no Morro Doce e no Vale do Ribeira): Palestras e Oficinas temáticas, com caráter teórico-prático, pautadas em três eixos norteadores da formação:

1. Sustentabilidade e Cultura da Paz:
 - a. Trabalho, violência, drogas e sexualidade
 - b. Consumo sustentável
 - c. Energia: produção e uso
 - d. Segurança alimentar
 - e. A construção intercultural da Sustentabilidade e da Cultura da Paz
2. Carta da Terra e Agenda 21: ética, desenvolvimento sustentável e projeto político-pedagógico

Carta da Terra

 - a. Respeitar e cuidar da comunidade de vida
 - b. Proteger a Terra
 - c. Promover a justiça social e econômica
 - d. Formar para a democracia, a cidadania, a não-violência e a paz

Agenda 21

 - e. Globalização e modelos de desenvolvimento
 - f. Construindo uma cidade sustentável
 - g. Ciência e Tecnologia para uma vida sustentável
 - h. Fortalecendo a dimensão local e construindo a “Agenda 21 do pedaço”
 - i. Fortalecendo a escola e a comunidade para a construção do seu projeto político-pedagógico
3. Política, Cultura e Comunicação:
 - a. Democracia, organização e mobilização social
 - b. Informação e Conhecimento: o quê, para quem e para quê?
 - c. As novas tecnologias e os meios de comunicação: a dimensão da virtualidade

4. Curso de formação para 60 Jovens para os Grêmios Estudantis (20 em Osasco, 20 no Morro Doce e 20 no Vale do Ribeira): Organização dos Grêmios Estudantis, que estiveram promovendo atividades sócio-ambiental-culturais, através de “**Círculos de Cultura**”. Os Círculos de Cultura foram adotados enquanto espaços de organização estudantil (com caráter mais flexível, ágil e dialógico, alterando a estrutura tradicional de organização dos grêmios, como espaços de mediação pedagógica de conflitos vividos pelos jovens no interior da escola e na comunidade, bem como espaços de “leitura do mundo” processual do universo juvenil buscando dados para ressignificar o processo educativo à vida desses jovens, aproximando o projeto da escola ao seu projeto de vida e de organização dos jovens na vida política da escola. Objetivou-se, por exemplo, no caso das escolas da Região do Morro Doce, que os alunos fizessem conexões entre os Grêmios Estudantis e as discussões realizadas no Orçamento Participativo (OP) da cidade, apresentando demandas de políticas públicas voltadas aos interesses dos jovens. Estes objetivos foram alcançados, menos no nível estadual e mais no municipal, pois este trabalhou com o OP como metodologia referencial para a definição do orçamento da cidade, criando condições, inclusive, para a adoção de práticas relacionadas à maior inserção do jovem neste processo, através do projeto intitulado Orçamento Participativo Criança, que ficou conhecido como OP-criança.

5. Curso de formação para Jovens para o Jornal Escolar (em Osasco, no Morro Doce e no Vale do Ribeira): Formar jovens e adultos para utilizar o Jornal Escolar como veículo de expressão da “Leitura do Mundo” da comunidade, na perspectiva da cultura da paz e da sustentabilidade, e de aproximação entre os diferentes segmentos, estimulando a comunicação entre eles e o maior envolvimento com o projeto da escola e da comunidade.

6. Curso de formação para jovens para Rádio Escolar (em Osasco, no Morro Doce e no Vale do Ribeira): Formar jovens e adultos para utilizar o Jornal Escolar como veículo de expressão da “Leitura do Mundo” da comunidade na perspectiva da cultura

da paz e da sustentabilidade e de aproximação entre os diferentes segmentos, estimulando a comunicação entre eles e o maior envolvimento com o projeto da escola e da comunidade.

7. Círculos de Cultura Virtuais (educação à distância): Realizados através do Campus Virtual do Instituto Paulo Freire para cada região. A formação à distância por meio da Internet visou à apropriação crítica desse novo espaço de aprendizagem pelos participantes, ampliando as oportunidades de formação com base nos conteúdos dos cursos desenvolvidos pelo projeto. Os Círculos de Cultura Virtuais promoveram a integração entre os participantes dos diferentes núcleos, por meio da troca de informações, da participação de discussões através de *chats*, apropriando-se desse meio de comunicação para aprendizagem, mobilização e organização social.

8. Seminários de encerramento do Projeto, com palestra e debate com a comunidade (um em cada região): Realizaram-se estes seminários de encerramento e de avaliação do projeto, de diferentes formas e em momentos específicos, por região, prevenindo-se um grande encontro ao final deles para o lançamento do livro que ora é apresentado, e que traz uma síntese dos resultados alcançados. Este livro, bem como o seminário final, visa a dar um retorno à população das regiões envolvidas e aos representantes dos órgãos públicos e da iniciativa privada sobre o que foi realizado no projeto. Isto para que todos possam tomar conhecimento da contribuição dos jovens para as políticas sociais e empreendimentos privados, em construção ou em andamento, com debate aberto entre todos os participantes, mesmo considerando-se o fato de que houve diferenças na execução do projeto, de região para região, o que a própria metodologia adotada pelo IPF já previa como, inclusive, algo necessário a ser reconhecido e observado num projeto deste tipo.

Por outro lado, as ações de **informação e difusão** consistiram na realização dos encontros de lançamento do projeto em cada região, nas Festas *JovemPaz*, nas palestras abertas, no seminário de avaliação do projeto e de apresentação dos resultados à popula-

ção das regiões envolvidas, com debate aberto entre todos os participantes, nos Círculos de Cultura Virtual, na implementação dos Grêmios Estudantis, do Rádio Escolar e do Jornal Escolar e na **publicação deste livro**, sistematizando os saberes construídos no processo, apresentando uma metodologia de construção do protagonismo social dos jovens para a construção da cultura da paz e da sustentabilidade.

Os **resultados** do projeto *JovemPaz*, aqui apresentados, procuram oferecer subsídios para a formação de educadores sociais e a formulação de estratégias pedagógicas e sociais de participação juvenil, no interior das escolas e na comunidade, e de mediação pedagógica dos conflitos entre os próprios jovens, no interior da escola e deles com a escola e a comunidade. Poderão contribuir, ainda, para a discussão de metodologias de pesquisa social, como história de vida e investigação-ação, através da leitura do mundo do universo juvenil e, com o levantamento dos dados e informações, subsidiar a construção do projeto político-pedagógico das escolas, a Agenda 21 e a Carta da Terra e as políticas públicas.

Com a publicação deste livro estamos prestando contas das atividades desenvolvidas no projeto e veiculando seus resultados teórico-metodológicos. Esperamos que esta sistematização possa gerar novas ações, como a organização de novos cursos, experiência e vivências que valorizem a participação dos jovens e sua assunção como educadores sociais, como pudemos iniciar com esta experiência.

Ao discutirmos a relevância deste trabalho, nossa primeira preocupação foi pensar nos jovens da região e na **abrangência do projeto** — Morro Doce (bairro periférico da região metropolitana da cidade de São Paulo, que fica no entorno do Parque Anhangüera), Jardim Aliança e Rochdale (bairros periféricos da cidade de Osasco), Lagamar (região estuarina-lagunar do Vale do Ribeira, cidades de Iguape, Ilha Comprida e bairros próximos da área de influência da Estação Ecológica Juréia-Itatins). Como a maioria dos jovens brasileiros, os dessas regiões vêm enfrentando uma série de problemas para seu pleno desenvolvimento: falta de alterna-

tiva de emprego e renda, violência, miséria, degradação ambiental, ausência de atividades culturais e de lazer, deficiência na formação intelectual, falta de estímulo e espaço para participação política, falta de credibilidade por parte dos adultos e das escolas, que não os vêem como protagonistas sociais, além de não terem conhecimento do universo juvenil.

Por outro lado, pensando especificamente no âmbito da educação escolar e formal, observamos que o projeto político-pedagógico das escolas e os projetos e políticas da própria sociedade não vêm contemplando o **projeto de vida** dos jovens alcançados. O mesmo acontece em relação ao contexto em que vivem, de convite à desesperança, ao consumismo, à competitividade, ao “aqui e agora”, à ausência de projetos. Nesse sentido, constatamos também que a instituição escolar e os demais espaços de educação e ação social não podem se esvaziar de sentido para eles. A vida social cobra de maneira dramática a contribuição da escola e da comunidade, principalmente em se tratando de jovens das classes populares. Num momento em que se aumentam as chances de acesso à escola e novas formas de participação social, não podíamos ficar indiferentes à evasão dos educandos que chegam à escola e à falta de participação política dos jovens de maneira geral. Seria necessário manter os jovens na escola e atuantes na sociedade, e incluir no Projeto *JovemPaz* aqueles que, infelizmente, não estivessem participando das atividades escolares regulares.

Refletiu-se, o tempo todo, que, embora a educação não tenha o poder de transformar a sociedade, ela pode transformar pessoas para que nela atuem de modo a transformá-la. A construção de uma **cultura da paz e da sustentabilidade**, em nível local e planetário, não seria possível sem uma **educação para a paz e a sustentabilidade**. A perspectiva planetária não se sobrepõe ao mundo local; incorpora-o a partir de um sentido de pertença e de cooperação para a construção de nosso espaço comum, o planeta Terra. A criação local de uma cultura de paz e justiça (*Justipaz*) é condição para uma cultura global da paz. A escola não é o único espaço responsável por essa construção, mas é um contexto privi-

legiado. Deve ser um espaço de criação, de alimentação e de potencialização dessa cultura, onde os grupos de diversas perspectivas culturais e contextos sociais possam desenvolver não só o respeito mútuo, mas processos fecundos de reconhecimento e cooperação recíprocas. Mas não pode fazer “pelos” jovens. É necessário e urgente fazer “com” os jovens, tornando-os protagonistas de sua história.

O **protagonismo juvenil** reconhece a capacidade geradora que os jovens têm para sentir, propor, criticar e criar suas próprias formas de comportamento e realização pessoal. Educar para o protagonismo juvenil é tentar desenvolver ao máximo a capacidade de sentir e sonhar do jovem, a capacidade de saber e poder expressar-se com maior liberdade e criatividade e a capacidade de agir sobre a realidade em que vive. Para que haja protagonismo juvenil é preciso que as ações desenvolvidas com os jovens não sejam por e para eles, mas “com” eles e não com discursos moralistas, mas através de atos concretos, em todas as esferas da sua vida, seja ela privada, familiar, afetiva, estudantil, etc.

Nesse sentido, o projeto pretendeu, com uma metodologia apropriada, enfrentar esse desafio, buscando organizar os jovens e construir com eles as condições de concretização de seus sonhos, contribuindo para a formação de jovens autônomos, solidários, participativos e ativos na busca da transformação social.

Educação, saúde, comunicação e mídia, renda e trabalho, sustentabilidade e meio ambiente, sexualidade, direitos políticos, democracia, lazer, cultura e esporte passaram a ser temas debatidos e aprofundados com os jovens, visando ao atendimento de suas necessidades.

Procuramos caracterizar muito bem os locais em que o projeto foi desenvolvido. É o que apresentaremos a seguir.

Em primeiro lugar, vimos que o Município de Osasco é uma das cidades que compõem a região metropolitana de São Paulo. Sua origem remonta à existência de uma fazenda chamada “Fazenda Osasco”, de propriedade de um imigrante italiano que veio

da cidade de Osasco, na Itália. A área da fazenda foi desmembrada do sítio Ilha de São João.

No Município de Osasco a propriedade, em 1890, ficava no km 16 da estrada de ferro Sorocabana e possuía casas, ranchos e forno de olaria, tendo os limites com a frente para a linha férrea, vertente Bagreira, córrego Bussocaba e rio Tietê. Em 1894, a Superintendência de tráfego da Cia. Sorocabana aponta a necessidade de se construírem estações intermediárias entre as existentes. No mês de agosto de 1895, a Superintendência declarou aberta uma estação de trens no km 16; em setembro, o relatório apresenta os serviços realizados: desvios de Porto Martins a São Manoel, de 100 m, e outro no km 16 na estação Osasco para os trens de carga. Sendo, assim, em 1895, a estação foi oficializada, porém já existia desde 1894, segundo descrição da escritura de venda de Agu e esposa, à Comoratti Ciriaco.

De uma fazenda e de uma estrada de ferro, surgia a cidade brasileira de Osasco. Hoje a realidade que cerca o terreno original é bem diferente.

Nascida nas várzeas do Rio Tietê, esse município da área metropolitana da maior cidade das Américas luta para garantir que as enchentes não vitimem ainda mais os moradores já carentes dos Bairros Rochdale e Jardim Aliança, onde se desenvolveram os trabalhos do Projeto Jovem da Paz em duas escolas ali localizadas.

Aprendemos, ao estudar a história de Osasco, que para drenar as terras próximas à estação, constantemente alagadas, foram plantados milhares de eucaliptos e que onde os trechos eram mais secos, estes destinavam-se à ocupação urbana e, portanto, eram loteados a imigrantes

Esse loteamento daria origem à Vila Osasco e ao traçado das atuais ruas Primitiva Vianco, República do Líbano, Antônio Agu, Batista de Azevedo, João Batista e da Estação. Nas baixadas do que um dia foi um córrego, hoje esgoto a céu aberto, não há mais eucaliptos e os cerca de um milhão de habitantes da cidade de Osasco não podem mais desfrutar de rios com águas limpas.

Vimos também que naquela cidade se misturam diversos povos oriundos de diversas regiões do mundo, pessoas que se misturam à população original e aos migrantes brasileiros. Portanto, nos dois locais de desenvolvimento do projeto *JovemPaz*, em Osasco — Jardim Aliança e Rochdale — há forte presença dos migrantes do Norte do Brasil e do Norte de Minas Gerais. A condição socioeconômica e ambiental em que vivem esses moradores não é muito diferente da precariedade em que vivem os moradores do Morro Doce e do Lagamar. Miséria, violência, falta de alternativa de emprego e renda são encontradas novamente.

Em segundo lugar, a região do Morro Doce, onde estão localizadas outras escolas do projeto na cidade de São Paulo, pertence ao distrito de Perus, Zona Oeste da Capital, nas margens da Rodovia Anhangüera, na altura do km 23 sentido Campinas. A Zona Oeste é a mais “verde” de todas as áreas da cidade de São Paulo. Toda a região recebe a influência de duas significativas unidades de conservações urbanas: o Parque Anhangüera, municipal, e o Parque Estadual do Pico do Jaraguá.

Os levantamentos municipais mais recentes apontam a necessidade de estruturação de um espaço destinado aos jovens, que se faz cada vez mais urgente, principalmente no Parque Anhangüera, que é hoje uma área piloto do atual governo municipal, para iniciar a gestão popular no meio ambiente.

Nos trabalhos que já vimos realizando nas escolas da região, nas salas de aula da suplência, por exemplo, é possível perceber de forma ampla o que acontece na comunidade. Histórias de luta e de superação frente aos inúmeros desafios que se apresentem para quem mora na periferia de um grande centro urbano. Quando chega a noite, os alunos formam grupos para poder chegar em casa com segurança após o término das aulas. Muitas vezes, uma aula tem que ser interrompida e a classe dispensada, para que os alunos possam acompanhar uma outra sala já liberada; assim todos vão juntos.

As mobilizações em torno de associações da sociedade civil, clubes e movimentos sociais não são estimuladas. Quando aconte-

cem, limitam-se à conquista do terreno, do barraco ou da moradia popular. Não há continuidade das ações. As igrejas, de diversas tendências e orientações, mas sempre de alguma forma direta colaborando com mecanismos de opressão, acabam conquistando os espaços de cidadania dos moradores, sem trazer resultados políticos e sociais mais efetivos, esvaziando a discussão que poderia resultar em ações coordenadas.

Observamos, ainda, que os grêmios estudantis não funcionam em nenhuma das escolas da região do Morro Doce, diminuindo ainda mais a possibilidade de participação dos jovens.

Há uma presença muito grande de imigrantes dos Estados do Norte, fato que provoca uma certa união, que pode ser estimulada, pois todos lembram a origem comum. A luta pelo emprego é assunto de muitas conversas, onde a informação sobre uma abertura de vaga pode provocar muitos sonhos. Comércio ambulante, rede hoteleira, indústria, supermercados, construção civil são postos de trabalho buscados pelos moradores locais.

Jardim Britânia, Jardim Santa Fé, Jardim Sol Nascente são alguns dos nomes de áreas que vêm sendo urbanizadas nos últimos dez anos, formando toda uma parte da cidade desconhecida da maioria de seus habitantes, onde falta tudo que na cidade construída já existe.

Seguem alguns números de indicadores sociais retirados da pesquisa SEADE “Município São Paulo — 2000”.

As outras duas cidades de atuação do *Projeto JovemPaz, Iguape e Ilha Comprida*, estão inseridas no Complexo Estuarino-lagunar de Iguape, Cananéia e Paranaguá, também chamado de Lagamar. Esta região ocupa uma área com cerca de 5.800 km², na fronteira dos Estados de São Paulo e Paraná, estendendo-se por 200 km de litoral, desde a Estação Ecológica da Juréia-Itatins, no Estado de São Paulo, até o Pontal do Sul no Estado do Paraná.

Trata-se de um ecossistema bastante complexo, que abrange um conjunto de lagunas, braços de mar, baías, estuários, restingas, ilhas e morros isolados.

PERUS — DISTRITO MUNICIPAL A PARTIR DE 1991	
Taxa média geométrica de crescimento anual da população — 1996/1999 (Em % a.a.)	2,14
Taxa de mortalidade geral (Por mil habitantes)	5,51
Taxa de mortalidade por Aids (Por cem mil habitantes)	14,67
Taxa de mortalidade por acidentes de transportes (Por cem mil habitantes)	17,93
Taxa de mortalidade por homicídio (Por cem mil habitantes) ...	53,79
Taxa de mortalidade por suicídio (Por cem mil habitantes)	1,63
Taxa de mortalidade infantil (Por mil nascidos vivos)	9,91
Taxa de natalidade (Por mil habitantes)	26,32
Taxa de fecundidade geral (Por mil mulheres entre 15 e 49 anos) .	94,21
População	61.350
População feminina	30.886
População masculina	30.464

Fonte: Município de São Paulo 2000 — Fundação SEADE.

O **Vale do Ribeira** possui os maiores contínuos da Floresta Atlântica original, condição que explica a diversidade de unidades de conservação lá instaladas, que criam restrições de uso para os moradores. Quase a totalidade das unidades de conservação prevista no ordenamento jurídico brasileiro está efetivada na região.

O Vale do Ribeira também é uma Reserva da Biosfera, título concedido pela UNESCO, no âmbito de seu programa mundial “*Man and Biosphere*” (MAB) e recentemente foi reconhecida pela UNESCO como Sítio do Patrimônio Histórico, Cultural e Natural da Humanidade.

Os dilemas, conflitos e desafios enfrentados pela região remontam ao período histórico de ocupação do território brasileiro. Dois graves problemas permanecem no Vale do Ribeira. A questão ambiental, foco de tensão política e exclusão causada pelas restrições legais e violência é uma delas. A outra, mais dramática,

é a questão social, marcada pela miséria e falta de condições fundamentais para o desenvolvimento humano, como o alto índice de analfabetismo e baixa qualidade na proteção da saúde humana, tornando o Vale do Ribeira, apesar de toda a sua riqueza, a região do Estado de São Paulo com o pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Os jovens, por pertencerem a um grupo social desmobilizado e sem voz ativa, acabam sofrendo de maneira mais intensa os efeitos do contexto regional desfavorável.

A cidade brasileira com maior índice de crescimento é Ilha Comprida, com 17,3% ao ano, conforme dados revelados pelo Censo 2000. Há um crescente número de migrantes, que chegam à cidade na busca de melhores condições de vida. Muitas vezes, a expectativa não se confirma, ocasionando uma série de problemas como favelamento, miséria e violência. Novamente, são os jovens os mais prejudicados.

Os grupos que chegam acabam convivendo com a população local, remanescente das culturas caiçaras e quilombolas, que ainda mantém algumas tradições culturais e folclóricas como o fandango e a construção de rabeca, instrumento musical de origem medieval. Tais manifestações são frequentemente ameaçadas e sufocadas pela mídia e pela globalização. Algumas tentativas de organização comunitária já foram iniciadas, mas não se fortificam devido à falta de apoio, informação e recursos que permitiriam a continuidade e a efetivação das iniciativas.

O **Instituto Paulo Freire**, fundado em 1991, atua nas áreas de Educação, Cultura, Comunicação e Ambiental com formação de profissionais da educação, desenvolvimento de projetos, assessoria e consultoria a sistemas de ensino, edição e publicação de materiais.

Nossas ações mais recentes e diretas com jovens estão contempladas nos seguintes projetos:

- Escola Cidadã — Osasco — SP: formação do Conselho Escolar, onde participam educadores, pais e alunos; formação do Grêmio Estudantil; oficinas para educadores,

pais e alunos de: Relações Interpessoais, Rádio Escola, Hip Hop, Jardinagem e Paisagismo.

- Projeto de Qualificação Profissional e desenvolvimento do Cooperativismo, em 2000, nas comunidades da Vila Brasilândia — SP/SP, onde participaram 360 jovens e adultos desempregados ou em situação de risco nos cursos de: Jardinagem e Paisagismo e Desinfecção de reservatórios de água.
- Projeto de Qualificação Profissional e desenvolvimento do Cooperativismo, em 2001, nas comunidades de Osasco-SP, Cajamar — SP, Guaratinguetá — SP, Canindé, Luz, Mooca, Butantã e Santana — SP/SP, onde participaram 460 jovens e adultos desempregados ou em situação de risco, moradores de rua e educadores que atuam com esse público nos cursos de: Jardinagem e Paisagismo, Formação de Formadores, Formação de Jovens Empreendedores, Artesanato e Souvenires com material reciclado.
- EJA — Educação de Jovens e Adultos, desde 1992, atuamos com consultoria, assessoria, formação de educadores e produção de materiais. (ver Movimento de Educação de Pessoas Jovens e Adultas no anexo I)

Associamos a **cultura da paz e da sustentabilidade** porque o meio ambiente é profundamente formativo. A paz deve ser construída para ser vivenciada nas relações humanas e nas relações com a Natureza. Num meio ambiente deteriorado física e culturalmente, o ser humano também se deteriora. Sabemos que na maioria das vezes a degradação ambiental está associada ao capital e seus detentores, resultado da divisão de classes que gera a desigualdade em diferentes formas, mas sabemos também que justamente pela opressão que sofre, os menos favorecidos economicamente não possuem as condições ideais para seu desenvolvimento com autonomia, para transformarem suas vidas ao mesmo tempo em que preservam a Natureza.

A educação do jovem — e também a do adulto — para que alcance uma cultura de paz e sustentabilidade precisa ser uma for-

mação integral, ao mesmo tempo, técnica, científica, cognitiva e afetiva, organizativa, propositiva e, sobretudo, prospectiva, isto é, mostrar que o mundo é assim porque está sendo feito assim, mas que pode ser outro através da ação concreta de cada ser humano. E, no decorrer do desenvolvimento deste projeto, pudemos perceber que as ações de formação de educadores sociais e de lideranças contribuíram para que esses jovens e adultos melhorassem suas práticas educativas e sociais, fortalecendo seus saberes e aprimorando suas atuações enquanto sujeitos sociais.

Ao contemplar o desenvolvimento individual, relacionando-o ao desenvolvimento da comunidade e à preservação da Natureza, por meio de reflexões teóricas e ações práticas, que possibilitaram a informação e formação dos participantes do projeto, contribuiu-se para o fortalecimento e para a garantia dos direitos humanos fundamentais e dos direitos do Planeta. Resignificar o projeto de vida dos jovens e adultos e fortalecer sua identidade cultural revelou o compromisso do projeto com o desenvolvimento da cultura da paz e da sustentabilidade.

É também importante registrarmos, desde já, quais foram os objetivos e a trajetória do projeto *JovemPaz* e como aqueles foram sendo alcançados. Isso para que, futuramente, estes mesmos objetivos possam servir de referência ou de indicadores do que se pode pretender alcançar, num projeto com características semelhantes a este. De qualquer forma, nos capítulos seguintes, observaremos, com mais detalhes, como as atividades foram fundamentadas e também operacionalizadas.

Para fins da presente análise, limitaremos-nos, sinteticamente, a observar o alcance dos objetivos gerais e específicos do projeto, desde já considerando que foram feitos pequenos e necessários ajustes no decorrer de sua execução, de acordo com exigências específicas da própria dinâmica local e do surgimento de situações imprevistas, que se apresentaram no processo, por melhor que tenha sido o diagnóstico inicial e a elaboração do próprio plano de ação.

No que se refere à educação para a cultura da paz e da sustentabilidade, trabalhamos para fortalecer a articulação política, a

autonomia e a organização comunitária dos jovens, por meio das seguintes ações:

- a) formação de Educadores Sociais jovens ou adultos, que trabalhassem ou que tivessem interesse em trabalhar com jovens para a construção da cultura da paz e da sustentabilidade;
- b) formação para a participação e a organização da Festa *JovemPaz* — com os participantes dos cursos mais os diferentes segmentos escolares e da comunidade;
- c) formação para a participação e a organização da rádio escolar;
- d) formação para a participação e a organização do jornal escolar;
- e) formação para a participação e a organização dos grêmios estudantis.

Outro objetivo importante do projeto foi o de construir e oferecer subsídios (dados, informações, metodologias) para a construção do projeto político-pedagógico das escolas e da própria comunidade, na perspectiva da cultura da paz e da sustentabilidade, através da sistematização dos dados levantados nas Festas *JovemPaz* e publicados neste livro. Procurou-se criar espaços de exercício da cidadania ativa dos jovens, através das Festas *JovemPaz*, das oficinas das rádios, do Grêmio Estudantil e do Jornal Escolar, oferecendo condições para que se envolvessem no levantamento de dados e informações sobre sua comunidade, apresentando propostas que subsidiassem as instituições, as organizações governamentais e não-governamentais e os movimentos sociais, para a definição de políticas públicas nas áreas social e ambiental.

Enfatizamos também neste projeto a sensibilização dos participantes para a necessidade de, escola e comunidade, construir sua Agenda 21 e a Carta da Terra, e oferecer conteúdos e metodologias para essa construção, além de formar os jovens para que utilizem os novos meios de comunicação, para sua aprendizagem, articulação e mobilização social, integrando a ação local às ações das três regiões do Estado de São Paulo, envolvidas no projeto.

Por sua vez, os objetivos específicos do *JovemPaz* foram pensados e serviram como permanente referência para que pudéssemos melhor dimensionar a execução do projeto e o alcance de suas metas. Consideramos importante, logo no início, as visitas de coordenação do projeto nas respectivas regiões, seguidas pela seleção dos participantes do processo de formação, pela definição dos locais de realização dos cursos e do esclarecimento sobre as atividades que viriam a ser desenvolvidas, com o devido estabelecimento de um calendário das ações, discutido e aprovado coletivamente. Nesse processo, aconteceram reuniões de esclarecimento, preenchimento de fichas de inscrição, entrevistas com os candidatos, a organização de listas dos selecionados e da lista dos selecionados que participaram do projeto.

Outro objetivo específico previsto foi a realização de palestras para a introdução do tema central de cada unidade de formação. Nestas palestras foram também apresentados os resultados do processo de formação à comunidade em geral que, indiretamente, beneficiou-se do projeto. Oficinas teórico-práticas sobre os temas centrais previstos no *JovemPaz* foram também previstas e realizadas, visando à formação inicial e continuada dos participantes.

Concluídas as etapas iniciais de formação, com as palestras e oficinas mais relacionadas à perspectiva da cultura da paz e da sustentabilidade, entramos na etapa da realização das formações relacionadas a áreas específicas, ou seja, relacionadas ao grêmios estudantil, ao rádio escolar, ao jornal e aos círculos de cultura virtuais, como um trabalho que favoreceria todas as demais dimensões do projeto.

No que se referiu à formação para os Grêmios Estudantis, trabalhamos a organização do processo de formação da chapas, das eleições e da construção da proposta de atuação desses Grêmios na escola. Quando falamos da rádio escolar, desenvolvemos atividades que oferecessem às pessoas a oportunidade para atuar com comunicação, com base no estudo, na identificação e na aplicação das técnicas e materiais necessário para se implantar uma rádio escolar. E, nos Círculos de Cultura Virtuais, envolvemos to-

dos os participantes dos cursos para a formação a distância por meio da Internet, promovendo a integração entre os jovens dos diferentes núcleos, incentivando a comunicação permanente via *chats*, estimulando a utilização do correio eletrônico, até mesmo para o preenchimento de fichas de avaliação do curso e para a divulgação das reflexões dos grupos.

As Festas JovemPaz foram pensadas para envolver todos os participantes do curso. Para que fossem possíveis, trabalhamos, nesse caso, diferentes modalidades e formas de registro e de sistematização das vivências e das experiências, orientando a realização da “Leitura do Mundo” da comunidade numa dimensão humana, social, cultural e ambiental. E, para o melhor conhecimento dos jovens que viviam nas regiões de abrangência do projeto, foram propostas atividades culturais, utilizando as diferentes manifestações da expressão humana: dança, música, desenho, pintura, poesia, teatro, vídeo.

Objetivou-se também no JovemPaz a realização de reuniões com as lideranças escolares, visando à preparação das próprias Festas JovemPaz, sempre insistindo no diálogo crítico para o devido esclarecimento de todas as dúvidas dos participantes. Esta experiência e o cuidado com a sistematização dos dados, em processo, alimentou o próprio sistema de comunicação das pessoas no projeto e permitiu o levantamento de dados, para a sistematização e a avaliação da experiência, que ora apresentamos nesta publicação coletiva.

Resta-nos, ainda, analisar qual foi a metodologia adotada neste projeto, pois aqui está, mais especificamente, o que poderíamos considerar um diferencial do trabalho desenvolvido na parceria entre o Instituto Paulo Freire e a Petrobras.

A cultura da paz e da sustentabilidade pressupõe a pedagogia da esperança, da autonomia, da indignação, procurando sempre superar a educação bancária, que é desumanizante.

O projeto, que se fundamentou na pedagogia freireana, adotou a metodologia dialógica, que implica as seguintes etapas: “Leitura do mundo” (investigação dialógica da realidade), tematização

(codificação e decodificação dos temas da realidade investigada), problematização (desafios e possibilidades das situações existenciais concretas) e propostas de intervenção (necessidade de ações concretas visando à superação das situações-limites, buscando o “inédito viável”). No “encontro dos homens mediatizados pelo mundo para dar um nome ao mundo” (Freire, 1996:107), acontece o diálogo. Nesse sentido, a educação é “comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados” (*Idem*, pp. 67-69). A **mediação pedagógica** proposta nos “Círculos de Cultura” realizados buscou trabalhar com os conflitos, valores, atitudes e conhecimentos que promovem a qualidade dos vínculos para relações construtivas e não destrutivas.

As ações diretas de expansão e de implantação seguiram a metodologia acima, desmembrando-se nos seguintes passos:

1) **Ações diretas de expansão** para continuidade das atividades com os de duas escolas estaduais do município de **Osasco**, aprofundando o trabalho que já vinha sendo desenvolvido com os Grêmios Estudantis e as Rádios Escolares das respectivas escolas.

2) **Ação direta de implantação** do projeto nas sete escolas da Região do Morro Doce, Distrito de Perus, cidade de São Paulo, três escolas de Iguape e uma escola de Ilha Comprida.

Preparação interna da equipe de docentes do IPF envolvida na realização do projeto, acertando detalhes dos encaminhamentos iniciais das ações programadas.

Visitas às regiões para seleção dos participantes do processo de formação do projeto, definição dos locais de realização dos cursos, esclarecimento sobre as atividades que serão desenvolvidas e apresentação do calendário das ações.

Reunião com direção, vice-direção, coordenação pedagógica, educadores e representantes do Conselho de Escola de cada escola para apresentação detalhada do projeto, esclarecimento de dúvidas, definição de calendário das ações, organização das Festas JovemPaz e seleção dos participantes dos cursos.

Divulgação nas escolas e respectivas comunidades sobre a realização do projeto por meio de faixas, cartazes, cartas explicativas.

Realização da primeira palestra para lançamento do projeto por região e introdução ao primeiro tema central de formação. Uma em São Paulo, envolvendo as escolas da região do Morro Doce, uma em Osasco e outra em Lagamar, envolvendo as escolas de Iguape e Ilha Comprida. Em cada região, foram convidados todos os funcionários das escolas (direção, coordenação pedagógica, professores, inspetores...), alunos, autoridades da área da educação responsáveis pela região, lideranças políticas e sociais, representante do Conselho Tutelar, da Associação de Moradores de Bairro, da Pastoral dos Jovens, representantes de ONGs ou instituições locais que estejam desenvolvendo trabalhos com jovens e adolescentes, e outros convidados sugeridos pelas próprias escolas ou pela comunidade, que possam contribuir para o desenvolvimento das ações.

Início dos cursos de formação dos jovens sobre Grêmio Estudantil, Jornal Escolar e Rádio Escolar.

Início dos Círculos de Cultura Virtuais de educação à distância para todos os participantes de todos os cursos.

Festa JovemPaz para realização da “Leitura do Mundo” com os alunos da escola e da comunidade local, por meio de atividades culturais.

Elaboração de Jornal sobre o desenvolvimento do projeto, com apresentação dos resultados parciais à comunidade e aos financiadores das ações.

Criação e manutenção da *homepage* do projeto para divulgação das ações desenvolvidas ao longo do processo.

Elaboração do livro, com sistematizações parciais, conforme desenvolvimento das etapas de cada processo de formação.

Seminários regionais para divulgação dos resultados dos trabalhos realizados, além de **palestra** e debate aberto com a comunidade.

No que se refere à avaliação do projeto, e para garantir que os objetivos fossem alcançados, consideramos necessária uma permanente atenção ao processo de avaliação. Isso porque consideramos que a avaliação é uma importante etapa do processo de conhecimento e de desenvolvimento de um projeto. Ela deve ser feita dialógicamente, tanto pelos proponentes do projeto quanto pelos sujeitos mesmos, os próprios jovens que participaram do projeto.

Avaliar é medir, mas não só. A medida pode ser um momento inicial de uma avaliação, mas não é condição essencial para que se tenha uma avaliação. Esses princípios gerais orientaram a avaliação específica de cada ação. Tratou-se de realizar uma avaliação emancipadora, dialógica (comunicativa, intersubjetiva) e não burocrática. Por isso, ela foi ao mesmo tempo, descritiva e analítica, levando em conta a globalidade (não tornar absolutos indicadores parciais), a adesão voluntária (que garanta a legitimidade política da avaliação) e a continuidade do processo de avaliação.

Observamos que a **avaliação processual** é um mecanismo que acompanha a implantação de um projeto viabilizando a correção de rumos para a consecução dos objetivos almejados: a cultura da paz e da sustentabilidade. Como o objetivo foi sempre a construção intercultural da cultura da paz e da sustentabilidade, o processo avaliativo procurou garantir a dialogicidade, categoria fundante no pensamento de Paulo Freire e compatível com o desenvolvimento metodológico do Projeto *JovemPaz*. Ser dialógico em avaliação significa dizer que ela considera, ao mesmo tempo, aspectos qualitativos e quantitativos desse processo.

Com base nesses princípios, o processo de avaliação deste projeto se fez a partir da seguinte metodologia:

1ª sensibilização, que compreendeu o conjunto de atividades de discussão do próprio processo avaliativo;

2ª diagnóstico, que compreendeu o conhecimento completo do projeto;

3ª avaliação interna, que compreendeu a manifestação contínua dos próprios jovens sobre o desenvolvimento do projeto;

4ª avaliação externa, considerada como estratégia balizadora das análises do grupo coordenador do projeto;

5ª reavaliação, que se constituiu na prática permanente da avaliação qualitativa.

Todas as ações do projeto — encontros, reuniões, festas, seminários, palestras, cursos e oficinas — consideraram diferentes critérios, padrões e meios de avaliação, consubstanciadas nos pressupostos acima, permitindo-nos observar e analisar de forma qualitativa os resultados do projeto, conforme apresentaremos no final deste livro.

Cabe-nos ressaltar que os **resultados** deste projeto foram analisados, sobremaneira, mediante avaliação da **participação do educador social neste processo de formação**. Além disso, consideramos o **nível de sua atuação na construção pessoal e coletiva de novos valores**. Estes novos valores se relacionam ao maior nível de inserção social desses educadores, no que se refere à construção intercultural da paz e da sustentabilidade, nos espaços em que atuam e em que atuarão. Tais resultados são extensivos à **capacidade de inserção e de intervenção social destes jovens e adultos em relação a seus pares e à sua comunidade**. E este acompanhamento, resultado de um processo de ação-reflexão-ação durante o desenvolvimento das atividades de formação, foi parte constituinte da nossa metodologia de avaliação dialógica e processual dos resultados, conforme já pudemos afirmar.

Para que pudéssemos avaliar o **impacto deste projeto**, dentro da nossa metodologia de avaliação dialógica e processual, estivemos, desde o primeiro contato com o público participante, com as escolas e com as respectivas comunidades, realizando sistemática e cientificamente o **registro das experiências prévias e do contexto nos quais se encontram**. O diagnóstico permanente da realidade ou, como denominamos, a “leitura do mundo”, através da **Festa JovemPaz**, foi um importante instrumento de acompanhamento do referido impacto.

No decorrer do projeto, durante e ao final de cada oficina ou encontro de formação, procuramos realizar também processos de

medição do impacto da formação oferecida, bem como das ações desencadeadas pelos educadores sociais com seus pares e suas comunidades.

Por outro lado, o Projeto *JovemPaz* conta com um conjunto de parcerias e alianças, inclusive de instituições e organizações que já vem trabalhando com o tema em outros projetos do Instituto Paulo Freire.

Instituto C&A: O Instituto C&A é a atual instituição financiadora do Projeto “Escola Cidadã” das duas escolas estaduais do município de Osasco. O projeto, cujo objetivo é construir o Projeto Político Pedagógico das escolas, tem ações de formação dos educadores e dos colegiados escolares (Conselho de Escola e Grêmio Estudantil).

Sub-Prefeitura de Perus -AR-PR — R. Ilídio Figueiredo, 349 — Vila Nova Perus Telefones: 3917-0904 PABX/FAX: 3917-0706. Desde início de 2001, a AR-PR trabalha em parceria com o IPF, no âmbito do Núcleo Regional de Educação Ambiental da Zona Oeste da Cidade de São Paulo. No Projeto *JovemPaz*, apoiará as ações no Morro Doce, politicamente e oferecendo infraestrutura disponível.

IBAMA — Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais — Escritório Regional de Iguape — Sede da Área de Proteção Ambiental Cananéia-Iguape-Peruíbe (APA-CIP) (Órgão Federal) Rua da Saudade, S/N, Bairro Canto do Morro, Iguape-SP, telefones e fax (13) — 6841-2388/2692. A gerente da APA, Paula Rodrigues Alves Castanho Ansarah, e o Gerente- Executivo do IBAMA no Estado de São Paulo, Wilson Almeida Lima, apóiam de forma pessoal e institucional o projeto. Como o IBAMA atua em todo território nacional, é um órgão federal, a proposta servirá de referência e observação para as demais regiões do Brasil. A APA-CIP, no Vale do Ribeira, é de muita importância por causa da relevância natural, dos títulos ambientais e culturais internacionais MAB-UNESCO e ONU e por ser um grande desafio sócio-ambiental. Foi considerada modelo de Área de Proteção Ambiental, por ter sido uma das primeiras a propor um Conselho

Gestor, atualmente em funcionamento. Apoio do Núcleo de Educação Ambiental do IBAMA. O órgão federal, entre outras formas de apoio, oferecerá organização comunitária, lancha, carros, apoio político e institucional, sede e alojamento, pesquisa, funcionários e material e o que mais tiver ao alcance e capacidade do órgão.

Prefeitura do Município de Ilha Comprida: apoio político e institucional consolidado. Um galpão de trabalho, os passes dos ônibus para transporte e a mobilização da rede pública de ensino municipal e estadual foram oferecidos como parte de um apoio inicial e crescente. Assim como a maioria dos municípios do Vale do Ribeira, Ilha Comprida, possui baixo IDH apesar de ser o município que mais cresce no Brasil (17,3% ao ano — Censo 2000). Ribeira e Barra do Turvo são os mais baixos índices do ESP e ficam no VR. Na Ilha Comprida, o prefeito Décio Ventura e o vice-prefeito Marcos Ragni são parceiros tradicionais do IBAMA. Parte do território da Ilha é habitat do Papagaio da cara-roxa. A Ilha Comprida possui diversas comunidades caiçaras em situação de risco, além de um contingente de migrantes que principia favelizar-se.

Prefeitura do Município de Iguape: Apoio político e institucional. Prestará apoio para o transporte dos participantes e para a mobilização da rede pública de ensino municipal e estadual.

REDEVAC — Red de Evaluación en Ciencias Naturales. Composta por pesquisadores colombianos e de outros países da América do Sul que trabalham com educação e comunidades indígenas. Terá o papel de articular os setores ambientais da Colômbia e apresentar o projeto. Como um dos instrumentos metodológicos do projeto é a Convenção da Biodiversidade (dimensão da cidadania planetária), seu papel será de promover parcerias que resultem em iniciativas locais semelhantes, visto que Brasil e Colômbia são os países que possuem a mais rica biodiversidade.

Associação dos Jovens da Juréia — Grupo de jovens moradores tradicionais da Estação Ecológica de Juréia-Itatins (inserida na APA) com grande capacidade de articulação. Lutam pelos direitos dos moradores afetados pela criação de unidades de conservação restritivas. É uma ONG atuante e que faz muitas parcerias,

inclusive com a APA. No Vale do Ribeira atuam regionalmente, com maior intensidade na região do Lagamar (municípios de Cananéia — Iguape-Peruíbe).

Outros: **Projeto Eremim (Osasco)**, **UMPA (União de Moradores do Parque Anhangüera)**, **Associação de Moradores do Morro Doce, Governo Eletrônico da Prefeitura de São Paulo, Telecentro Anhangüera**.

Escolas:

Osasco/SP: EE Paulo Freire — 2.700 alunos e EE Júlia Lopes de Almeida — 2.200 alunos

Morro Doce/SP: EMEF Paulo Prado — 800 alunos, EMEF Jardim Monte Belo — 275 alunos, EMEF Jardim Britânia — 190 alunos, EMEF Remo Rinaldi Naddeo — 856 alunos, EMEF Jardim Britânia — Anexo — 400 alunos, EMEF Zoraide — 634 alunos e EMEF Gusmão — 1.481 alunos.

Vale do Ribeira: Iguape: EE Clodomil Cardoso — 1.380 alunos, EE Jeremias Júnior CEL — 1.135 alunos, EE. Sebastiana Muniz Paiva — 325 alunos. Ilha Comprida: EE Judith Sant’ana Diegues Profa — 378 alunos.

As escolas serão as instituições apoiadoras, no sentido de possibilitar o desenvolvimento das ações com os Grêmios Escolares garantindo espaço físico e participação dos educadores e direção das escolas.

AMAI — Associação dos Monitores Ambientais de Iguape. Organização criada e dirigida por jovens moradores da região do Lagamar. É uma das entidades municipais que organiza a REMAVALÉ, Rede de Monitores Ambientais do Vale do Ribeira. A AMAI desenvolve o ecoturismo sempre voltado para a educação ambiental, conscientizando e integrando os visitantes aos costumes da população local e comunidades tradicionais. A Monitoria Ambiental vem se afirmando como eficiente estratégia para a conservação das áreas naturais, viabilizando a inclusão dos moradores locais no mercado de trabalho do ecoturismo, melhorando a qualidade de vida das populações locais, através do mane-

jo sustentável dos recursos naturais do Vale do Ribeira. No Projeto *JovemPaz*, prestará apoio político e institucional para abordagem e contato inicial com os jovens locais. Será também co-organizadora das atividades ecoturísticas, culturais e de educação ambiental.

ASVR — Associação dos Surfistas do Vale do Ribeira.

Outra organização criada e dirigida por jovens moradores da região do Lagamar. A ASVR promove o surf sempre voltado para a educação ambiental, conscientizando e integrando os praticantes ao meio ambiente com estímulo à preservação. Organiza eventos na região que integram o calendário oficial da prática do surf no Brasil. Será também co-organizadora dos eventos de surf e de outros esportes e co-organizadora de atividades de educação ambiental. Organiza uma escolinha de surf para crianças e atualmente desenvolve um projeto de formação para guarda-vidas em parceria com a Prefeitura da Ilha Comprida e patrocínio da Petrobras.

No Projeto *JovemPaz*, prestará apoio político e institucional para abordagem e contato inicial com os jovens da região.



Capítulo 2

FORMAÇÃO DE EDUCADORES SOCIAIS

Teoria para fundamentar a prática

A violência nas escolas e na sociedade é uma preocupação internacional. Não é apenas um fenômeno brasileiro. A partir dos anos 90, em diferentes partes do mundo, notícias de agressão nas escolas começam a fazer parte do cotidiano: agressões e mortes praticadas por estudantes contra colegas e professores, drogas, gangues... Começa também a busca de respostas a esses problemas através de audiências públicas, legislação específica, debates, pesquisas, programas de prevenção e combate à violência, com envolvimento de pais e alunos, etc. O Projeto *JovemPaz* não se limita à questão da violência nas escolas; ele visa a formar educadores sociais para a cultura da paz e da sustentabilidade para interagir tanto nas escolas quanto nas comunidades.

A literatura sobre o assunto destaca que a violência é um fenômeno global, estrutural (cultural, social, econômica, política e religiosa). O modelo econômico dominante está baseado no *homo economicus*, movido somente pelos seus próprios interesses, buscando maximizar seus próprios benefícios pessoais (privatização, competitividade), opondo-se a tudo e a todos. A base da racionalidade desse modelo é a busca do interesse pessoal. Por isso, a “solução” não está na visão simplista de que podemos pedagógica-

mente superar a violência estrutural. Não se trata de uma solução psicológica ou individual. É preciso ir muito além. Mas, resta a pergunta: o que podemos e devemos fazer?

A violência praticada contra as pessoas é aprendida também na escola. Por isso a escola também pode ensinar e praticar a não-violência. Não há um só antídoto para a violência na escola. Não há um só programa de prevenção que possa ser aplicado em todas as escolas. Mas alguma coisa podemos fazer. Nesse que-fazer educativo será preciso levar em conta o contexto local, cultural, comunitário. O que não podemos é desistir. A única alternativa à violência na escola é a educação para a convivência e o diálogo. Para atingirmos esse objetivo devemos, segundo a pedagogia freiriana, trabalhar de modo mais cooperativo nas aulas (“Círculos de Cultura”), gerir de forma mais democrática a convivência e educar emocionalmente (Francisco Gutiérrez), construindo redes que desenvolvam a ética democrática, a “ética do ser humano” (Paulo Freire), dentro de uma visão paradigmática nova. Para mudar a realidade precisamos observá-la e enxergá-la diferentemente. Nesse sentido, o Projeto *JovemPaz* nos permitiu pensar num novo paradigma educacional, que nos ajudou a ver o mundo de outra forma e ao promover o protagonismo infanto-juvenil. Resumidamente, é possível entendermos o significado desse protagonismo.

Protagonista é o sujeito que toma parte principal de um acontecimento; é o ator e o interlocutor mais importante. Do grego, de “proto” (o primeiro, o principal) e “agon” (lutador). Já o *Protagonismo juvenil* é a capacidade que têm os jovens de sentir, propor, criticar e criar suas próprias formas de comportamento e realização pessoal. Não confundir com empreendedorismo. O empreendedorismo está mais ligado a emprego e renda e o protagonismo a direitos e cidadania. Por outro lado, *educar para o protagonismo juvenil* é desenvolver ao máximo sua capacidade de sentir e sonhar, de saber e poder expressar-se com a maior liberdade e criatividade.

Apenas 8% das crianças e dos jovens, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), sentem prazer em frequentar **escolas**, o que nos leva a concluir que a escola acaba

formando seres violentados (embora não se deva culpar a escola pela violência social provocada pela negação de direitos). Trinta por cento da população brasileira têm menos de 17 anos; 43 milhões de jovens (96% com idade entre 7 e 14 anos) freqüentam escolas.

Efeito perverso do **modelo econômico** competitivo neoliberal: exclusão, crianças e jovens na rua com medo, sofrendo agressões e reagindo violentamente contra a sociedade. Entre os **pobres**, é cada vez mais curto o período da juventude (torna-se adulto precocemente): antecipação da maternidade, drogadição, violência.

É preciso deixar claro, desde o início, que todos somos **seres históricos** e, portanto, de um certo tempo e espaço: vivemos num sistema de exclusão, e explicar as causas sociais e políticas da exclusão aos excluídos é um dever primário do educador de jovens, muitos deles vítimas da **negação de direitos sociais**. Não são excluídos por “culpa” própria.

Políticas sociais e econômicas são inseparáveis. A estratégia neoliberal é transformar os direitos em **serviços** prestados pelo Estado, pelo Mercado e pelo Terceiro Setor, transformando “luta por direitos” em “convênios” para dissipar conflitos sociais. A paz é fruto da justiça (**JustiPaz**).

Temos leis que protegem a criança, como o **Estatuto da Criança e do Adolescente** (ECA), mas trata-se ainda de uma “legalidade não reclamável”, sem garantias concretas no dia-a-dia: grande parte da população e até muitos magistrados o repudiam.

O **sonho** de muitos desses jovens excluídos (dentre eles a mulher jovem é ainda mais excluída) é ter acesso à universidade, à informática, à arte, à cultura, ao lazer, ao computador, ao celular, ter um carro, um computador, participar plenamente da sociedade da informação. Se, de um lado, existem jovens cujo sonho é o consumismo capitalista, de outro existem muitos jovens que não têm sonho algum, que vivem o dia-a-dia na apatia e não vêem saída alguma para suas vidas. Às vezes, começar por um pequeno curso sobre cidadania, jardinagem, artesanato,

uma pequena vivência, pode-se constituir em princípio do seu despertar.

Nós, **adultos**, não estamos preparados para educar crianças e jovens. Nosso erro mais primário é pensar que as crianças e os jovens de hoje são as mesmas crianças e os jovens que fomos. Por isso, somos tentados a propor o mesmo padrão de educação que tivemos (patri-matriarcal). Muitas vezes não entendemos o que as crianças e os jovens nos dizem, apesar delas e deles continuamente nos estarem dizendo que são “incompreendidos”. Por isso, quem trabalha com jovens não deve “ministrar aulas”, mas atuar como líder democrático, como organizador, como facilitador, co-criador de projetos e ações.

Por tudo isso, precisamos educar educando. Não podemos formar para a cultura da paz e da sustentabilidade sem também nos educar no processo. A teoria precisa fundamentar a prática, mas a prática refletida também precisa reorientar a teoria e a prática.

O Projeto *JovemPaz* se propôs a “ensinar com”, desde os jovens, aprender com eles. Para isso, as atividades foram organizadas em eixos temáticos, articulados entre si, conforme veremos a seguir.



Diversidade e diferença

1. Eixo temático “sustentabilidade e cultura da paz”

Neste eixo, dialogamos sobre os conceitos centrais do Projeto JovemPaz, *sustentabilidade e paz*, procurando refletir sobre seus significados e buscar situações no cotidiano dos participantes, relacionadas a estes temas. Investigamos a realidade, lançando um olhar atento sobre ela, para identificar como os diferentes grupos sociais se relacionam entre si e com o meio ambiente.

O desafio e o compromisso deste projeto foram com a promoção da vida. Uma vida de qualidade, não apenas para nós e nossos amigos e amigas, mas para grupos que vivem em realidades diferenciadas, sejam próximas ou distantes de nós. A busca pela paz e a sustentabilidade, coloca-nos alguns desafios políticos, socioeconômicos, culturais, ambientais, de partilha de saberes, de lidar com as diferenças. Trata-se de repensarmos não apenas como se dão as relações entre as sociedades e o ambiente, mas também como se dão as relações dentro de nossa sociedade. Como nos lembra Leonardo Boff:

A lógica que leva a dominar classes, oprimir povos, discriminar pessoas é a mesma que leva a explorar a *Natureza*. É a lógica que quer o progresso e o desenvolvimento ininterrupto e crescente como forma de criar condições para felicidade humana. Mas esta forma de querer ser felizes está destruindo as bases que sustentam a felicidade: a *Natureza* e o próprio ser humano. (BOFF, 1999:65).

Tivemos como propósito também entrar em contato com propostas que têm sido feitas por autores e grupos sociais de outras localidades, com o intuito de conhecermos o que pensam e como agem. Podemos aprender com estes outros olhares, agregar idéias para o projeto de paz e sustentabilidade que queremos construir. Além disso, com esta troca passamos a nos sentir parte de uma rede mais ampla, que vem pensando e atuando sobre esta temática, visando nos fortalecermos, ao perceber que nossas vozes não são solitárias nesta busca pela promoção da vida. Se pensamos paz e sustentabilidade desta forma, podemos nos colocar como

sujeitos comprometidos com a sua construção, ao invés de nos confortarmos com uma postura passiva, em que esperamos que alguém decida por nós e dite as regras do jogo. Entendidas dessa forma, paz e sustentabilidade aparecem não como um conjunto de declarações e normas impostas de cima para baixo, mas como algo construído desde baixo, de nossa realidade cotidiana.

Atualmente, busca-se construir um conceito positivo de paz. Significa compreendê-la como algo que está num processo que é dinâmico e permanente, baseado na igualdade e na reciprocidade das relações e interações, no respeito aos direitos humanos e na satisfação das necessidades básicas. Compreende ainda uma atenção à justiça social, procurando uma situação de ausência de violência estrutural, ou seja, comprometida com a garantia de oportunidades de vida e de plena realização das potencialidades humanas (SERRANO, 2002).

Não se trata de desconsiderar e camuflar os conflitos que estão presentes nas relações entre pessoas e grupos. Em nosso exercício de imaginação, reconhecemos a diversidade e a diferença que existe entre as pessoas e grupos que convivem entre si. Considerando diversidade e diferença, o conflito aparece como um traço frequente, que ocorre quando tentamos realizar uma tarefa comum. O próprio conflito pode ser compreendido como um fator positivo de mudança nas relações ou pode ser tratado de maneira destrutiva. O caminho para se construir a cultura da paz não está na negação ou na camuflagem do conflito, mas na abordagem não-violenta dele.

Pensando no papel dos educadores sociais, é importante lembrar que educar na perspectiva de construir a cultura da paz e da sustentabilidade requer participação. Não é uma atividade meramente teórica, mas composta também de vivências, que visam a motivar comportamentos ativos, mobilizar valores e pontos de vista, estimular a transformação da realidade. Trata-se de exercitar um olhar acurado sobre a nossa realidade, procurando perceber como nossa coletividade lê o mundo, para que estas diferentes leituras/expectativas/desejos possam ser acolhidos no projeto de sustentabilidade e paz que queremos implementar.

- Para a construção de uma cultura da paz é importante refletir sobre as diferenças entre pessoas de diferentes culturas, gerações, situações sociais, etc.? Como lidamos com as diferenças presentes em nossa comunidade?

Estas reflexões ajudaram o grupo a pensar como nos envolvemos, a partir de ações em nosso dia-a-dia, em um movimento que visa, acima de tudo, à promoção da vida.

Música: “Uns” (Caetano Veloso) (sugestão de alguma outra que trate de diversidade?)

Uns vão	Uns cem	Uns médios
Uns tão	Uns sem	Uns por demais
Uns são	Uns vêm	Uns masculinos
Uns dão	Uns têm	Uns femininos
Uns não	Uns nada têm	Uns assim
Uns hão de	Uns mal uns bem	Uns meus
Uns pés	Uns nada além	Uns teus
Uns mão	Nunca estão todos	Uns filhos de deus
Uns cabeça	Uns bichos	Uns dizem sim
Uns só coração	Uns deuses	Uns dizem fim
Uns amam	Uns azuis	E não há outros.
Uns andam	Uns quase iguais	
Uns avançam	Uns menos	
Uns também	Uns mais	

Segundo encontro

Tema: Construindo a paz positiva a partir do enfrentamento de problemas cotidianos.

O convite para o segundo encontro marcou a intenção de identificarmos os conflitos enfrentados pelos jovens em nossa comunidade e a maneira como se encaminham as soluções para estes conflitos.

Lembramos que o conceito de paz positiva, que dá alma a nosso projeto, reconhece a diversidade, característica das pessoas e dos grupos que convivem entre si. Nesta diversidade, um traço freqüente que ocorre quando tentamos realizar uma tarefa comum é, portanto, o conflito. Mas este conflito não precisa ser compreendido como algo negativo; ele pode ser um fator positivo de mudança nas relações se não for tratado de maneira violenta.

O diálogo aparece como um caminho para construirmos a cultura da paz. Mas um diálogo verdadeiro, em que cada um expresse sua maneira de compreender o mundo em que vive e todos procuremos enxergar um pouco a partir do olhar do outro. Talvez com isso seja possível compreender anseios e desejos, e quem sabe construir um projeto comum, que modifique a realidade em que vivemos.

Texto utilizado: “O protagonismo como solução” (Mário Volpi — *A mídia dos jovens*, Ano 5, n. 9, dez/01)

Duas visões reducionistas e extremas são mais freqüentes em relação à cobertura jornalística sobre a violência envolvendo adolescentes. De um lado, há a apresentação do adolescente enquanto vítima indefesa em relação a seu agressor ou então enquanto vítima de um processo de exclusão social ou até mesmo de sua incapacidade e limitação. De outro, ele é apresentado como um agressor incorrigível, capaz de transcender os limites da civilidade, o que o converte num criminoso contumaz.

Em ambas as visões, a idéia de um sujeito com vontades, desejos, capacidades e possibilidades fica obscurecida pelo fato delituoso, que passa a ter mais importância que toda sua história de vida.

Entretanto, já são significativas as reportagens que começam a vencer a tentação desta análise simplista e incluem nos textos a apresentação de soluções comunitárias para o problema da violência. As melhores soluções apresentadas são aquelas em que os adolescentes aparecem como protagonistas de processos organizativos educativos, artísticos, culturais, esportivos. A característica gregária do adolescente, sua capacidade crítica e criativa ficam evidentes nos projetos apresentados e demonstram que a criação de espaços comunitários com estas caracterís-

ticas representa uma solução mais duradoura para as questões associadas à violência.

É impressionante como se espalharam por todo o País, nos últimos anos, iniciativas em que os próprios adolescentes convertem-se em atores sociais responsáveis por gerar alternativas de convivência, educação e socialização, seja organizando-se para montar uma peça teatral, editar um jornal, criar equipes de esportes, formar grupos populares de dança e grupos musicais — e até mesmo para debater acerca dos seus direitos, organizar grêmios estudantis, participar de associações de moradores e de movimentos por reconhecimento e respeito à sua etnia e raça.

Não é exagerado afirmar que há mais adolescentes envolvidos em ações para melhorar a sociedade do que adolescentes envolvidos em delitos. A imprensa, mesmo timidamente, começa a perceber esta mudança. O Estado e a sociedade também precisam percebê-los, valorizá-los, dar-lhes oportunidades e tratá-los como sujeitos, vencendo a tentação da sua simples vitimização ou criminalização.

Terceiro encontro:

Tema: Sustentabilidade: consumo sustentável

Quem já ouviu falar a respeito de sustentabilidade e consumo? Nosso terceiro encontro tratou destes temas.

A partir de algumas imagens, refletimos sobre relações entre modos de vida, padrões de consumo e condições sociais, procurando relacionar as ações que podemos fazer individualmente para promovermos a sustentabilidade — ou seja, pensar nos comportamentos que podemos assumir em nosso dia-a-dia — com ações que precisam ser assumidas pela sociedade como um todo e que dizem respeito à mudança de valores desta sociedade.

Algumas questões que ajudaram as nossas reflexões foram:

- Podemos optar por um modo de vida?
- O que determina o modo como as pessoas vivem?
- Quais são as possibilidades de mudanças de modo de vida individual e da comunidade?

Fez-se também o exercício de pensar caminhos e propostas de consumo sustentável, com base em exemplos de nossa comunidade sobre diferentes temas — lixo, água, transporte, recursos naturais, alimento, energia, entre outros que propostos pelos participantes.

A partir deste ensaio, realizamos observações em nossa comunidade, buscando experiências práticas sobre o tema em estudo.

Texto: “13 características da comunidade sustentável” (ISER, 1996)

- Produz pouco lixo porque não desperdiça recursos.
- Limita a poluição para que possa ser assimilada pelos sistemas naturais.
- Valoriza e protege a Natureza.
- Atende às necessidades locais com os recursos locais, sempre que possível.
- Providencia casa, comida e água limpa para todos.
- Dá oportunidades para que todos tenham um trabalho do qual gostem.
- Valoriza o trabalho doméstico.
- Protege a saúde de seus habitantes, enfatizando a higiene e a prevenção.
- Providencia meios de transporte acessíveis a todos.
- Dá segurança para que todos vivam sem medo de crimes e arbitrariedades.
- Dá a todos acesso igual às oportunidades.
- Permite que qualquer pessoa participe dos processos de decisão.
- Dá a todos oportunidades de cultura, lazer e recreação.

Quarto encontro

Tema: Sustentabilidade e cidadania

Neste quarto encontro o ponto inicial foi o resgate das experiências de sustentabilidade levantadas em nosso bairro/comunidade/município/região, procurando apreender caminhos possíveis para construir a cultura da sustentabilidade.

Como vimos no texto sobre as características da comunidade sustentável, a proposta de sustentabilidade tem facetas ambientais,

sociais, culturais, políticas e econômicas. No entanto, é importante dizer que estas características não se fazem de uma hora para outra, dependem da participação ativa dos diversos grupos sociais, que convivem e se utilizam cuidadosamente dos recursos naturais.



Amplidão na construção de pensamentos

Foi importante, nesta etapa, discutir as seguintes questões:

- Qual papel cada um e cada uma de nós cumpre na garantia de um ambiente saudável em benefício do conjunto de cidadãos e cidadãs?
- Qual é a responsabilidade dos órgãos que controlam os recursos públicos? E das empresas? Portanto, estaremos tratando neste nosso encontro de cidadania e participação de afirmação de direitos coletivos a um ambiente saudável.

Lembrando que nosso compromisso e desafio são a promoção da vida, é importante trazer as reflexões de uma autora chamada Maristela Fantin. Ela diz haver diferentes compreensões do que seja a vida:

“Poderíamos dizer que de um lado encontramos uma compreensão da vida que caminha para uma perspectiva coletiva, solidária, societária, planetária. Do outro lado, encontraríamos uma perspectiva de vida que vai limitando-se a um número reduzido de indivíduos, privilégios, consumo, em que as pessoas se percebem necessariamente competindo entre si.” (FANTIN, 1998).

Neste processo, é sempre importante olharmos para nossa atuação individual, pensando em que medida temos aberto espaço para práticas solidárias nas nossas relações. Sem perder de vista, é claro, nosso envolvimento com espaços coletivos de ação e reflexão sobre o tema.

Texto: “O meio ambiente em disputa: conflitos ambientais e a luta por cidadania” — Isabel Carvalho e Gabriela Scotto — pesquisadoras do IBASE (trecho do texto com algumas modificações)

Gostaríamos de trazer alguns elementos que permitem situar a relação entre meio ambiente e cidadania, no marco da participação e da ação política orientadas para a construção do espaço público enquanto palco para a ação cidadã. Neste cenário a sociedade civil e seus atores coletivos representam um papel importante num novo modo, ambiental e politicamente sustentável, de operar de forma democrática as relações entre a vida dos grupos sociais e a gestão democrática dos recursos da Natureza.

Se tomamos como exemplo algumas experiências populares de sustentabilidade sócio-ambiental, podemos compreender um pouco mais destas relações. Os ribeirinhos amazônicos de Tefé classificaram e definiram diferentes graus de utilização dos lagos, e reivindicam contra a pesca industrial, a democratização do acesso às águas usando a expressão “reforma aquática”, impedindo práticas de pesca predatória com o “empate aquático”.

A principal lição de cidadania que essas experiências nos ensinam é o entendimento do meio ambiente e dos recursos ambientais como bens de uso comum. Os ribeirinhos de Tefé e outras experiências que visam o uso sustentável dos recursos representam interesses que defendem o caráter público do meio ambiente, enquanto permanência e disponibilidade desses bens para aquelas comunidades que deles dependem.

Há, no entanto, práticas que se opõem a esta maneira de compreender e usar os recursos naturais. Exemplos disso são as ações e práticas nas quais prevalecem o uso privado dos bens públicos, os recursos naturais. Exemplos tais como a extração de mogno por madeiras, extração de areia para comercialização, venda de algumas espécies animais etc., são casos nos quais esses recursos naturais são transformados em mercadorias e comercializados em benefício de agentes particulares.

Noutros casos, o uso privado do meio ambiente se dá por uma via mais indireta: quando uma indústria libera resíduos tóxicos no ar está afetando um espaço comum. Isto traz conseqüências não apenas para os que trabalham nessa indústria, mas também às pessoas que moram ou circulam nas imediações. Caso essa indústria libere dejetos num rio, estará afetando as condições ambientais de todos os que utilizarem aquela água. Estes modos de uso do meio ambiente nos quais prevalecem os interesses privados e que, às vezes, se evidenciam como “agressões ambientais”, caracterizam-se pelo fato de acarretarem danos ao bem ambiental, afetando sua disponibilidade para outros segmentos da população e incorrendo num prejuízo ao uso comum do bem ambiental em questão.

Deste modo, travam-se em torno dos bens ambientais lutas entre atores sociais, que disputam diferentes formas de acesso e/ou gestão desses bens. As lutas sociais pela “desprivatização” do meio ambiente são também lutas pela ampliação da cidadania, uma vez que representam ações coletivas destinadas a garantir o caráter público e social da Natureza, e a democratizar o gerenciamento e as condições de acesso aos recursos naturais.

1.2 Metodologia

A metodologia utilizada nesta etapa visou a estimular uma reflexão sobre a nossa realidade, transformando-a. Dessa forma, partimos de uma ação presente na realidade que nos cerca, refletimos sobre ela, confrontando nossos pontos de vista com outras maneiras de olhar e, então, propomos novamente uma ação, agora transformada.

Os encontros foram organizados em quatro momentos. No primeiro deles, vivenciamos atividades de integração, visando ao

estabelecimento de um clima afetivo, acolhedor e descontraído, que permite um maior envolvimento entre as pessoas e com a temática do curso. Estas atividades contribuíram também para a vivência de algumas situações em que se manifestam valores e conceitos, que serão tratados no curso: solidariedade, cooperação, confiança.

Um segundo momento dos encontros consistiu no estudo da realidade, quando partilhamos nosso entendimento sobre o tema através de imagens, idéias, opiniões e levantamentos feitos na comunidade.

No terceiro momento, estivemos buscando um diálogo entre nossa leitura de mundo e conceitos, idéias e opiniões de outros autores e atores sociais, visando a conhecer outros pontos de vista sobre o tema.

No quarto momento, realizamos atividades práticas em grupos menores, elaboração de painéis-síntese, construção de propostas e caminhos para procurar estabelecer relação das reflexões feitas com nossas ações, transformando-as. Neste momento final, fizemos também a avaliação de nosso curso: o que está indo bem, o que precisaria mudar para melhorar esta experiência e quais foram os principais resultados que pudemos alcançar no Projeto *JovemPaz*.

Orientações didático-pedagógicas

A construção do conhecimento, a partir de um exercício de reflexão sobre a prática cotidiana de nosso bairro/escola/município, re-descobrimo como se dão as relações entre pessoas, grupos e com o meio, visando a transformar a realidade foi, efetivamente, uma maneira ativa de construirmos conhecimento. Procuramos, com isso, dar sentido à construção de uma cultura da paz e da sustentabilidade, partindo de temas e ações que nos rodeiam, sem querer forçar uma proposta que esteja distante do acontecer diário.

Nossa experiência, e esta, em especial, comprovou que os processos educativos para construção de uma cultura da paz e da sustentabilidade têm um tempo próprio, que precisa ser considerado. Nossa mediação pedagógica dependeu, portanto, de levarmos em conta, no nosso saber-fazer, algumas pré-condições pensadas inicialmente no projeto, que ao longo da realização do curso e de todas as atividades propostas, puderam ser confirmadas, tais como:

a) saber esperar — pois o processo educativo implica ritmos diferentes, que precisam ser respeitados;

b) não forçar ninguém — procurar construir a partir do que se enfrenta no cotidiano;

c) não há pressa — pois o que interessa não é a acumulação da informação e dos produtos, mas desencadear a reflexão.

Estas propostas foram defendidas por Francisco Gutiérrez e Cruz Prado (2000), que nos ensinam a pensar uma “Pedagogia da Demanda”, que parta dos desejos e expectativas do grupo que se encontra para construir conhecimento conjuntamente.

2. Eixo temático “Carta da Terra e Agenda 21”

Não existe uma maneira única de se olhar e compreender o mundo. Muitos homens e mulheres, no passar dos anos, tentaram compreender o que acontece ao seu redor, buscando colaborar para com a transformação das relações que ocorriam na comunidade, em acontecimentos cotidianos gostosos e bonitos de se viver. Infelizmente, entretanto, um modo de se relacionar, que deu prioridade à dominação de umas pessoas pelas outras, da opressão da maioria por uma minoria, que foi se transformando em dona dos meios de produção — terras, ferramentas, máquinas, indústrias —, destacou-se e ganhou terreno, transformando o mundo naquilo que ele é hoje. As marcas dessa forma de viver foram ficando no nosso jeito de nos relacionarmos, de convivermos e de levarmos adiante nosso modo de trabalho, influenciando de tal forma as relações entre homens e mulheres, que fez muitas pessoas a considerarem

natural esta forma de viver e de agir, como se fosse inerente à nossa humanidade e, portanto, impossível de se modificar.

Ao contrário disso, Paulo Freire nos ensina que: “O mundo não é. O mundo está sendo!” (FREIRE, 1997:83). Para mudarmos o mundo de modo que ele passe a ser *um outro mundo*, precisamos reconstruir as bases de nosso relacionamento, pautadas na harmonia, no respeito pelo diferente, na reverência pela natureza e na consciência de que a vida, para continuar existindo, depende de nossa consciência com relação à interdependência de todos os seres vivos. Observamos que “interdependência” é um conceito de origem budista, significativo de que toda a comunidade de vida está ligada entre si. Cada ser vivo exerce uma função importante no equilíbrio da vida e é importante para que a própria vida se mantenha.

Na década de 90 do século 20, novas possibilidades se abriram para a sociedade civil de todo o mundo. Representantes de mais de 170 países assinaram, na ECO-92, no Rio de Janeiro, Brasil, uma resolução, buscando implementar caminhos para a construção de uma agenda para o século 21, capaz de transformar o mundo num lugar melhor para toda a comunidade de vida; a partir de então, o envolvimento com a Carta da Terra passou a se constituir num marco ético para a realização desse projeto, com apoio humanista, respeitando os direitos do Planeta e dos que nele habitam, como garantia de um mundo baseado na sustentabilidade.

Veremos, nas próximas páginas, a proposta que a Carta da Terra nos apresenta, para a construção de um pensar e um agir éticos universais, que pode ajudar a todos/as nós na construção de um novo modelo de pensar, agir, viver, conviver.

Com essa possibilidade maravilhosa de re-pensar o mundo e as relações com os nossos pares e com a Natureza como um todo, trilharemos por caminhos que nos auxiliem a construir juntos uma agenda para o século 21, que possa transformar o local onde vivemos, capaz de contribuir para a elaboração de uma grande agenda nacional, que fale de nossos anseios, nossas perspectivas de futuro e de um mundo novo, que haveremos de construir. Este foi o “es-

pírito” e o fundamento presente nos trabalhos relacionados com a formação do *JovemPaz*.

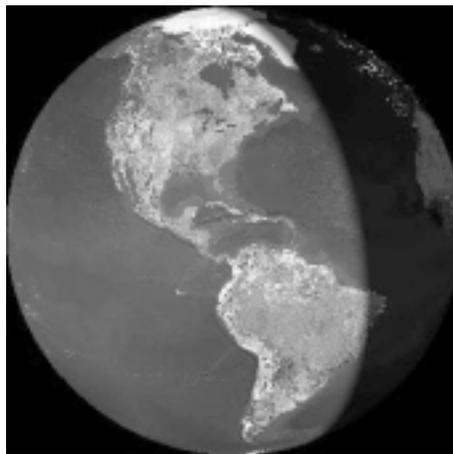
2.1 *A Terra é a nossa casa*

Vivemos num planeta muito bonito: a Terra. Redonda, com os pólos levemente achatados, ela tem o formato aproximado de uma laranja.

Sua superfície é formada por 30% de terra firme — nos continentes e ilhas — e 70% de água — nos oceanos, rios, lagos e mares.

Quando os primeiros astronautas foram para o espaço, ao verem a Terra de longe, maravilharam-se. O espanto com a beleza de nosso planeta encantou aqueles homens treinados para sobreviver às mais duras situações no espaço. Surpresos, exclamaram: “A Terra é azul!”

Infelizmente, a Humanidade não tem sabido cuidar bem de nosso planeta. A Natureza nos oferece tudo de que precisamos para viver bem. Temos já tecnologia capaz de produzir alimentos



Estabelecendo relações entre as condições locais com a global.

em quantidade suficiente para todos, mas ainda não conseguimos vencer a fome da maior parte da população terrestre.

O modelo de economia predominante no mundo atual produz quantidades enormes de alimentos. A agricultura, em larga escala, abastece o mercado mundial com muitos produtos que são utilizados para a alimentação, direta e indiretamente, ou como matéria-prima na fabricação de muitos utensílios, remédios e tantas outras coisas. Infelizmente, entretanto, apenas uma pequena parte da população terrestre tem acesso aos frutos dessa produção, enquanto que a maioria das pessoas fica excluída, colocada de fora do acesso a esses bens. A fome ainda mata muita gente no mundo todo.

Além disso, para abastecer os seres vivos com a energia de que necessitam para viver, a Natureza oferece luz solar e oxigênio que, dissolvido na atmosfera que cerca todo o nosso planeta, está disponível para nossa sobrevivência.

Por outro lado, o homem já detém em suas mãos o domínio da agricultura sustentável. Entretanto, com o modo de produção que temos utilizado, estamos estragando o ar que respiramos, poluindo os rios e mares, e criando até “buracos” na nossa atmosfera, que acabam colocando em perigo a vida dos homens e das mulheres, das plantas e dos animais.

Dotados de uma inteligência capaz de realizar coisas incríveis — como levar o homem à Lua, “enxergar” dentro de veias e artérias e as desobstruir, quando necessário, e tantas outras descobertas científicas e tecnológicas inimagináveis há poucos anos, os homens também foram capazes, infelizmente, de criar a bomba atômica, que pode destruir toda a vida no nosso lindo Planeta Azul.

A atmosfera envolve, com inúmeros gases, toda a superfície de nosso planeta. E viveremos para sempre sob a sombra dessa terrível possibilidade: o fim da vida causado pela ação destruidora do próprio homem!

Como grande organismo vivo que é, a Terra se ressentiu quando a ferimos e a maltratamos, e todos os seres vivos acabam sofrendo com isso. Mas tudo pode ser diferente! Está em nossas mãos

escolher se desejamos continuar destruindo a nossa casa Terra ou se preferimos salvá-la.

Vivemos numa grande comunidade planetária e junto com todos os povos que habitam os diferentes países, formamos uma grande família. Se todos desejarmos, se quisermos mesmo, poderemos viver respeitando a Natureza e construindo um outro mundo muito gostoso de se viver, mais humano e cheio de paz! Um mundo em que não haja fome, em que todos tenham o que precisam para viver e onde não haja mais guerras, violência, desavenças, brigas e desentendimentos. Um planeta habitado pela alegria e esperança. Em que uns cuidem dos outros com muita solidariedade e da Natureza com muito amor!

O que podemos fazer?

Cada um de nós pode contribuir para a construção de um outro mundo! Se ajudarmos e amarmos uns aos outros, viveremos com muito mais alegria e felicidade, pré-construindo, já, esse outro mundo que desejamos para nós mesmos e para as futuras gerações.

Independentemente de nossa origem, do lugar onde vivemos ou de nossas crenças, podemos ajudar a melhorar o mundo!

Como construir uma convivência mais solidária, fraterna e humana? Será que, se começássemos a pensar melhor antes de tomarmos certas decisões e atitudes, não contribuiríamos para melhorar o mundo em que vivemos?

O que mais poderíamos fazer? Que tipo de atitudes podemos tomar no dia-a-dia para ir melhorando a situação da Terra e das pessoas que vivem conosco em nossa grande casa? Cada ação que levamos adiante de maneira impensada, já aprendemos, reflete negativamente sobre nós mesmos. Entretanto, da mesma maneira, cada atitude refletida, dialogada, pensada de maneira positiva, reflete de forma positiva para toda a Humanidade.

Nossa responsabilidade é muito grande, pois nossas ações não se operam no vazio. Cada ação local se reflete invariavelmente numa reação global.

Um pouco da história da Carta da Terra

As condições a que fomos submetendo nosso planeta foram ficando tão insuportáveis, que as pessoas de todo o mundo começaram a se queixar, exigir providências de seus governos. Preocupados com isso, 170 países resolveram enviar representantes para discutir as condições do meio ambiente, numa grande conferência que a ONU — Organização das Nações Unidas — realizou no ano de 1992, na cidade do Rio de Janeiro. Essa conferência ficou conhecida como “ECO-92” e “Rio-92”.

Um grupo de representantes do mundo todo resolveu redigir vários documentos, que pudessem conter compromissos assumidos por todos os países do mundo, que garantissem condições melhores para o Planeta e, conseqüentemente, para todos que vivem nele.

Ao pensarem numa proposta que falasse de valores e que pudesse servir de base para uma vida mais justa e digna para todos, esses representantes formaram uma comissão para redigir a “Carta da Terra”, uma declaração de direitos da Terra e de seus habitantes.

Como o desejo era fazer um documento que pudesse servir a todos os componentes da grande família humana, respeitando as crenças, hábitos e costumes de todos os povos, resolveu-se fazer uma grande consulta mundial de temas e valores a serem incluídos nesse documento.

Após dez anos de consultas, debates e muitas conversas pelo mundo afora, conseguiu-se chegar ao texto final da Carta da Terra — que está disponível para leitura no final deste livro.

Construiu-se um documento que fala de valores importantes para a construção de um mundo mais justo para todos. Uma base de fundamentos, que serve de marco ético para os demais documentos e para as ações que resolvermos levar a cabo na construção de um outro mundo!

Além disso, na conferência de 1992, depois de muita discussão e aprofundamento nas questões ambientais, percebeu-se que

seria muito importante que todos os países se empenhassem na construção de uma agenda de compromissos que garantissem uma melhoria significativa na vida das pessoas, e na conservação e sustentabilidade do nosso planeta para o século 21. Essa agenda passou a ser conhecida como Agenda 21.

Ficou combinado, entre todos os países, que se construiriam de maneira participativa milhares de Agendas 21 locais, como subsídio de apoio para a confecção de uma agenda nacional. Depois, com a somatória das agendas 21 nacionais, chegaria-se a uma Agenda 21 Global, garantindo um mundo melhor para toda a comunidade de vida da Terra.

A Agenda 21 local, então, se apresenta como grande oportunidade de crescimento e engajamento para toda a população formada por pessoas que transitam nos diferentes setores e instituições de nossa sociedade — sociedade civil, governos, empresas, etc.

Ao apresentar a segunda edição do manual intitulado “Construindo a Agenda 21 Local”, do Ministério do Meio Ambiente, Marina Silva, atual ministra dessa Pasta, nos ensina:

“Há três anos, por exemplo, a elaboração da Agenda 21 brasileira está na fase inicial de consultas em todos os *Estados* (...) A Agenda 21, com sua pauta objetiva para a ação sustentável, deixa claro que é impossível ver a questão ambiental sem vê-la, ao mesmo tempo, como parte de um quadro social, econômico, institucional, político. E, dessa forma, suas soluções passam também por uma articulação complexa de fatores que apontam para a necessidade de mudar o modelo de desenvolvimento predador, injusto e excludente.”(BRASIL, 2003:12).

E, num movimento que busca apontar novas direções para a construção de uma sociedade inclusiva, onde haja lugar para todas as maneiras de agir e pensar, desde que de maneira sustentável e respeitosa para com toda a comunidade de vida, aponta-nos a viabilidade dessa construção participativa de um mundo melhor. Nesse sentido, continua a ministra do Meio-Ambiente:

“Agenda 21 é um poderoso instrumento nesse caminho de mudanças, desde que estejamos dispostos a usá-lo em toda sua riqueza conceitual, metodológica e operacional. Essa é uma decisão que não se esgota numa abordagem restrita ao universo da própria Agenda. Supõe vontade e determinação política mais ampla, que informa e ilumina a ação, por meio de diretrizes e concepções que dizem respeito à natureza do poder, entendendo-o como um patrimônio da sociedade para promover o bem público.” (BRASIL, 2003:12).

A vontade e a determinação política deve partir de nós mesmos. Precisamos aguçar nossos olhares para o mundo. Identificar os problemas que nos circundam, que nos incomodam. Discutir muito para descobrir as maneiras de resolvê-los e, finalmente, colocarmos as “mãos na massa” e construirmos o outro mundo que desejamos e podemos juntos construir.

“O poder tem que fazer um sentido público e coletivo; ele é tão mais legítimo quanto mais diluído e compartilhado for. Isso implica criar estruturas de formulação, avaliação e decisão mais horizontalizadas, capazes de gerar eficiência pela operação das competências pessoais, num ambiente de respeito pela diversidade de opiniões, culturas e idéias, com dedicação e criatividade. Daí surgirá a competência coletiva de que o País precisa para mudar.”(id.).

Se mudar um pequeno hábito em nossas vidas não é fácil, certamente também não é fácil mudarmos o nosso país e o mundo em que vivemos. No entanto, os sonhos que sonhamos conjuntamente podem se tornar realidade. Pensando e agindo juntos, mesmo que movidos por interesses tantas vezes diferentes, mesmo que com sonhos e esperanças difusas, na união em busca de um ideal único de um país e de um mundo melhor, com possibilidades de um futuro melhor para nós mesmos, para nossos filhos e para as futuras gerações, haveremos de juntar forças e ganhar impulso para as necessárias transformações.

A fala da ministra Marina Silva nos ensina que “*estamos certos de que é no processo participativo que os planos estratégicos*

cos locais passarão a ser, realmente, planos de desenvolvimento sustentável de uma localidade, e não planos de uma única gestão política administrativa”(BRASIL, 2003:13).

A partir da percepção da importância do processo da construção das Agendas 21 Locais, o contato com a Carta da Terra nos ajudar na elaboração de um jeito de viver mais ético, solidário e incluyente; quer dizer, que garanta a participação de todos com voz e vez. Trata-se de uma luz a nos guiar e de um método que pode nos ajudar a alcançar as mudanças que buscamos.

E a *Agenda 21* escolar?

Se a construção de uma *Agenda 21* para cada comunidade passou a ser considerada como uma ferramenta importante para a confecção da *Agenda 21* nacional, por outro lado, a construção de *Agendas 21* em cada empresa, em cada posto de saúde, associação de moradores, escolas, passou a ser uma maneira importante de contribuição para se transformar o mundo num lugar melhor, que



Monstro de lixo construído com material coletado nos arredores da escola – Iguape.

leve em conta os anseios e as necessidades de todos. A somatória dos resultados dessas agendas de cada comunidade, poderá compor, assim, a *Agenda 21* local, reunindo todas as regiões e setores da sociedade.

A Agenda 21 escolar deve ser um documento capaz de expressar os anseios, sonhos e desejos de toda a comunidade escolar na construção de um outro mundo, onde as relações entre as pessoas e destas com o meio ambiente se dêem de maneira harmoniosa e sustentável.

Vamos refletir um pouco?

- Quantos planetas o homem conhece que sejam capazes de abrigar a vida?
- Qual a importância da água para que a vida possa subsistir em nosso planeta?
- A quem pertence tudo o que a Terra providencia para nossa subsistência?
- Por que existem tantas diferenças na distribuição das riquezas em nosso planeta?
- O que podemos fazer para ajudarmos na construção de um mundo mais justo e bonito para todos?
- O que a Carta da Terra deve nos oferecer para, juntos com todos os povos do mundo, construirmos um mundo melhor?

Leitura Complementar

PARADIGMA DO CUIDADO

Leonardo Boff

Depois de termos conquistado toda a Terra, a preço de pesado estresse da biosfera, é urgente e urgentíssimo que cuidemos do que restou e regene-

remos o vulnerado. Desta vez ou cuidamos ou vamos ao encontro do pior. Daí, urge passar do paradigma da conquista ao paradigma do cuidado.

Se bem reparamos, o cuidado é tão ancestral quanto o Universo. Se após o *Big Bang*, não tivesse havido cuidado por parte das forças direti-vas pelas quais o Universo se auto-cria e se auto-regula, a saber, a força gravitacional, a eletromagnética, a nuclear fraca e forte, tudo se expan-diria demais, impedindo que a matéria se adensasse e formasse o Uni-verso como conhecemos. Ou tudo se retrairia, a ponto de o Universo colapsar sobre si mesmo, em intermináveis explosões. Mas não. Tudo se processou com um cuidado tão sutil, em frações de bilionésimos de segundo, que permitiu estarmos aqui para falar de todas estas coisas. Esse cuidado se potenciou quando surgiu a vida, há 3,8 bilhões de anos. A bactéria originária, com cuidado singularíssimo, dialogou quimica-mente com o meio, para garantir sua sobrevivência e evolução. O cui-dado se complexificou mais ainda quando surgiram os mamíferos, don-de também nós viemos, há 125 milhões de anos, e com eles o cérebro límbico, o órgão do cuidado, do afeto e do enternecimento. E o cuidado ganhou centralidade com a emergência do ser humano, há sete milhões de anos. A essência humana, segundo uma tradição filosófica que vem do escravo Hígino, bibliotecário de Cesar Augusto, que nos legou a famosa fábula 220 do cuidado até Martin Heidegger, o filósofo, reside exatamente no cuidado.

O cuidado é aquela condição prévia que permite o eclodir da inteligên-cia e da amorosidade. É o orientador antecipado de todo comportamento para que seja livre e responsável, enfim, tipicamente humano. Cuidado é gesto amoroso para com a realidade, gesto que protege e traz serenidade e paz. Sem cuidado, nada que é vivo sobrevive. O cuidado é a força maior que se opõe à lei suprema da entropia, o desgaste natural de todas as coisas até sua morte térmica, pois tudo o que cuidamos dura muito mais.

Essa atitude precisamos resgatar hoje, como ética mínima e univer-sal, se quisermos preservar a herança que recebemos do Universo e da cultura e garantir nosso futuro. O cuidado surge na consciência coletiva sempre em momentos críticos. Florence Nightingale (1820-1910) é o arquétipo da moderna enfermeira. Em 1854, com 38 colegas, partiu de Londres para um hospital militar na Turquia, onde se travava a guerra da Criméia. Imbuída da idéia do cuidado, em dois meses, conseguiu reduzir a mortalidade de 42% para 2%. A primeira Grande Guerra des-truiu as certezas e produziu profundo desamparo metafísico. Foi quando

Martin Heidegger escreveu seu genial *Ser e Tempo* (1927), cujos parágrafos centrais (§ 39-44) são dedicados ao cuidado como ontologia do ser humano. Em 1972, o Clube de Roma lança o alarme ecológico sobre o estado doentio da Terra. Em 2001, termina na Unesco a redação da Carta da Terra, texto da nova consciência ecológica e ética da Humanidade. Os muitos documentos produzidos se centram no cuidado (*care*), como a atitude obrigatória para com a Natureza. Seres de cuidado são, entre nós, dona Zilda Arns, com as crianças, e Dom Helder, com os pobres. São arquétipos que inspiram a cura e o salvamento de toda vida.

Fonte: <http://www.leonardoboff.com/site/vista/2003/set05.htm>

2.2 Os princípios da Carta da Terra

Segundo o dicionário *Novo Aurélio Século XXI*, princípio é uma proposição, segundo a qual tudo quanto podemos observar no Universo deve depender estritamente das condições próprias da nossa existência e da nossa presença, como observadores no Cosmo.

Mais que “observadores”, a Carta da Terra nos propõe princípios, que nos levem a protagonizar papéis importantes na construção e na manutenção de um modo de vida novo e sustentável. Um modo de vida que propicie condições de justiça social e equidade no tratamento “de” todos e “com” todos.

Os princípios da Carta da Terra nos propõe formarmos uma grande família humana, que reverencie todo o Universo, nosso planeta em especial, e tudo quanto é vida em nosso mundo.

A Carta da Terra contém quatro princípios básicos, quer dizer, quatro pontos principais, em torno dos quais se pretende construir um novo modo de vida para nosso planeta.

PRIMEIRO PRINCÍPIO: “*Respeitar e Cuidar da Comunidade de Vida.*”

Este princípio da Carta da Terra nos auxilia a pensar na importância que têm todos os seres vivos. Cada animal, cada planta,

se interligam a tudo o que é vivo, formando o que se chama de “comunidade de vida”.

Para que haja equilíbrio na Natureza, é necessário que respeitemos a dignidade inerente de todos os seres humanos e reconheçamos a interdependência de todos os seres vivos, quer dizer, percebamos que cada ser necessita da existência de todos os outros, para que possa haver equilíbrio. Mesmo aquelas formas de vida muito estranhas, que parecem completamente inúteis, são importantes para a manutenção da harmonia da Natureza.

Todos os seres vivos se relacionam, direta ou indiretamente, dependendo uns dos outros

Respeitar a Terra e cuidar de toda a comunidade de vida pressupõe, também, a fé na dignidade inerente a todos os seres humanos e nas capacidades intelectuais, artísticas, éticas e espirituais de toda a Humanidade.

No dia 10 de dezembro de 1948, a Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) adotou e proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que em seu preâmbulo já destaca a dignidade de todas as pessoas humanas.

Sem o respeito à dignidade humana é impossível construir um mundo verdadeiramente de paz

Respeitar a dignidade inerente a toda pessoa humana significa reconhecer que todos possuem “autoridade moral, honra, respeitabilidade, decência, decoro” (segundo o dicionário Aurélio).

Dotados dessa “dignidade”, todos os homens e todas as mulheres possuem grandes capacidades para pensar e compreender o mundo, através de suas óticas particulares e culturais, além de apresentarem todas as condições de produzir conhecimentos e manifestações artísticas muito importantes e valores espirituais pertinentes para a sua própria pessoa, para sua comunidade, bem como para toda a comunidade de vida que habita nosso planeta.

Possuir, administrar e usar os recursos naturais acarreta a grande responsabilidade de se evitar qualquer dano ao meio am-

biente e de se defender todos os direitos da pessoa humana. Aqueles que possuem mais poder, possuem também, conseqüentemente, maior responsabilidade para com a sociedade!

Os Direitos Humanos são Universais!

O conhecimento nos possibilita fazer novas escolhas. Essa liberdade de escolher, que obtemos através dos conhecimentos que adquirimos, faz aumentar nosso poder. Por isso, aumenta também nosso dever quanto à promoção do bem comum, e bem comum significa “bem de todos”.

Não é possível pensarmos em respeitar e cuidar da comunidade de vida e, ao mesmo tempo, aceitarmos viver numa sociedade injusta, em que as pessoas não possuam condições de participar das decisões importantes para suas próprias vidas e as vidas da comunidade. É preciso que defendamos a democracia, com direito e condições efetivas de participação de todos nas tomadas de decisões. A justiça se constrói dentro de condições de sustentabilidade e paz. Mas como pensar em sustentabilidade e paz, se não houver defesa do meio ambiente e da igualdade de importância de todas as pessoas na composição da sociedade?

A Natureza nos presenteia permanentemente com belezas e recursos magníficos

Temos que acreditar e defender os direitos fundamentais de todas as pessoas, de modo que todos/as tenham oportunidade de realizar seu potencial. Para tanto, precisamos colaborar na construção de um mundo que seja economicamente justo, seguro e ecologicamente responsável.

A Natureza nos presenteou e continua a presentear com muitas belezas e muitos recursos, para que pudéssemos ter uma vida digna e agradável. Mas não é somente para nós que estão disponíveis esses recursos e essas belezas. Elas devem estar disponíveis, também, para as futuras gerações.

Toda a liberdade que nossa geração possui para tomar decisões e para implementar ações deve se condicionar às necessida-

des das futuras gerações, como garantia de que elas também possam ter acesso aos mesmos recursos e às mesmas belezas naturais.

Nossa responsabilidade para com as pessoas que ainda vão nascer é muito grande. Dizer que respeitamos os seus direitos significa dizer que devemos a elas a construção de instituições sérias e éticas e uma educação que transmita valores e tradições, que apóiem, a curto, médio e longo prazos, a prosperidade das comunidades humanas e ecológicas da Terra. Temos um grande compromisso com a paz!

SEGUNDO PRINCÍPIO: *“Integridade Ecológica”*

Este princípio chama nossa atenção para a importância da preservação do meio ambiente e da restauração dos ecossistemas e recursos degradados de nosso planeta.

Há 2500 anos, no século V a.C., Sidarta Gautama, o grande mestre do Oriente — que ficou conhecido como Buda, que significa *“aquele que sabe”* — chamou a atenção para a interdependência que existe entre todos os seres vivos, quer dizer, a necessidade de equilíbrio na relação do homem com todos os animais, plantas e outros organismos vivos, para que a vida possa prosseguir harmoniosamente no nosso planeta.

Recentemente, a palavra “biodiversidade” tem aparecido muito nos livros e na mídia. Ela significa diversidade de vida, quer dizer, a grande variedade composta por todos os seres vivos que habitam a Terra, em cada uma de suas regiões.

Quanto mais a Ciência se desenvolve, mais definitivamente se apercebe da importância que todos os seres vivos possuem para a manutenção da vida em nosso planeta e para o bem-estar de toda a Humanidade.

Por outro lado, cada ser vivo guarda em seu mapa genético um histórico completo de sua evolução, desde seu surgimento, proporcionando um campo enorme de pesquisa para a descoberta de inúmeros saberes ainda não conquistados pelo homem.



Sustentabilidade e afeto

Diante disso tudo, é muito importante que procuremos, em cada ação de nosso dia-a-dia, evitar a degradação do meio ambiente. Se cada um de nós conseguir evitar pelo menos um pequenino dano à Natureza, a cada dia, nossa ação pontual local se somará a milhões de ações do mesmo tipo no mundo inteiro, que globalmente resultarão na proteção e restauração do equilíbrio ecológico tão necessário para a conservação da biodiversidade!

A continuidade da vida na Terra depende da manutenção da biodiversidade mundial. E são muitas as coisas que podemos fazer para contribuirmos para com a sustentabilidade ecológica do Planeta. Por exemplo, pequenas atitudes fazem muita diferença. Coisas simples como:

- fechar a torneira enquanto ensaboamos as mãos;
- tomar banhos mais rápidos;
- apagar a luz quando a claridade natural for suficiente;
- andar a pé preferencialmente a andar de carro;
- planejar bem os filhos e reduzir as taxas de natalidade;

- consumir somente o que for necessário;
- procurar utilizar a menor quantidade possível de sabão e detergentes, dando
- preferência sempre aos “biodegradáveis”;
- reduzir a emissão de lixo;
- reutilizar tudo quanto for possível;
- separar o lixo reciclável;
- recusar embalagens enormes, que em nada contribuem para a manutenção da
- qualidade da mercadoria que estamos comprando;
- colocar no prato somente a quantidade de comida que realmente conseguimos
- comer;
- jogar o lixo no lixo...

Certamente há muito mais atitudes que podemos tomar em defesa do meio ambiente e da biodiversidade. Se começarmos pelas mais simples, de modo a incorporá-las em nossos hábitos, logo estaremos agindo como que naturalmente em defesa do equilíbrio ecológico!

A emissão de lixo é um grande vilão no nosso dia-a-dia, quando pensamos em preservar a Natureza.

Há coisas que jogamos fora — e que poderíamos reutilizar ou reciclar —, que chega a demorar mais de um milhão de anos para se decompor. Precisamos repensar nosso consumo e nossa emissão de lixo.

Se fizermos nossa parte e divulgarmos a importância dessas ações, estaremos contribuindo de maneira muito importante para a construção de um mundo melhor.

A cada dia, aprendemos coisas novas, que podem facilitar muito nossas atividades cotidianas e melhorar nossa qualidade de vida.

Vamos refletir um pouco?

- De que maneira os seres vivos existentes em diferentes partes do Planeta se interligam?

- O que significa “respeito pelas outras pessoas”? De que maneira esse respeito tem algo a ver com a Declaração Universal dos Direitos da Pessoa Humana?
- Porque é importante que todas as pessoas possam participar das decisões importantes, para suas próprias vidas e para a vida do Planeta como um todo?
- O que significa a palavra *biodiversidade*?
- Que pequenas atitudes diárias podemos tomar para ajudarmos na construção de um mundo mais equilibrado e gostoso de se viver?

A “árvore do conhecimento”.

Se procurarmos aprender mais e mais a respeito das coisas importantes para a sobrevivência do ser humano em nosso planeta, desde coisas muito simples e cotidianas, até saberes científicos mais complexos e complicados, teremos melhores condições de atuar em prol de uma melhor qualidade de vida, para nós mesmos e para toda a Humanidade.

Além de todo respeito que devemos aprender a desenvolver para com nossos semelhantes e para com toda a comunidade de vida, na união com nossos pares podemos fazer muito! Uma vareta sozinha é muito fácil de se quebrar. Entretanto, um feixe de varetas ganha uma força tamanha que, apenas com muito esforço se pode romper.

Ao pensarmos no 3º e 4º princípios que a Carta da Terra nos oferece, percebemos a grandeza da importância do trabalho conjunto, da democracia, da solidariedade e da paz — tijolos frágeis, se encarados individualmente, mas muito valorosos, se utilizados em conjunto, na construção de um mundo melhor.

TERCEIRO PRINCÍPIO: “*Justiça Social e Econômica*”

A pobreza é um grande inimigo da Humanidade. O modo de produção que escolhemos como modelo para nossa vida, apoiado

em um consumismo desenfreado, tem causado a exclusão de milhões de pessoas das condições dignas de vida.

Esse “modo de produção” tem por base a exploração dos recursos naturais, como se eles fossem inesgotáveis, como se fossem tirados de um “saco sem fundo”, que nunca acabassem.

Muitas pessoas sobrevivem do lixo que produzimos em quantidades absurdas. Por outro lado, o consumismo desenfreado que rege o modo de vida de muitas pessoas, leva-as a comprar coisas desnecessárias, a gastar mais dinheiro do que seria preciso para se manterem. Com isso, alimentam o modo de produção extrativista, contribuindo para a degradação dos recursos da Natureza.

Tudo isso acaba incentivando a manutenção do tipo de sociedade que se estabeleceu no mundo, com grandes desigualdades sociais, em que algumas poucas pessoas possuem cada vez maior quantidade de bens materiais e a maioria da população vive na miséria, numa carência muito grande de condições de vida.

Devemos procurar desejar somente o que necessitamos para viver. Dom Helder Câmara, falecido arcebispo de Olinda e Recife, em seu sermão na “*Missa dos Quilombos*”, dizia que “*não há justificativas plausíveis para que milhões continuem passando fome, enquanto alguns poucos tenham até que vomitar para poder continuar consumindo mais!*”. É preciso que assumamos uma postura mais responsável para com aqueles que são mais necessitados.

Todos têm direito a água potável, ao ar puro, a uma quantidade mínima necessária de comida com qualidade, aos solos não contaminados, a casa para morar e ao saneamento básico, que garantam dignidade e qualidade de vida. E o direito à educação para todas as pessoas deve ser também garantido, respeitado e exigido por todos nós, como condição para que atinjamos uma situação de subsistência sustentável em toda a Terra. Educação é condição para a dignidade social.

Diante da produção desenfreada, que degrada a vida no Planeta, e dos lucros abusivos que muitas empresas obtêm, temos que aprender a dizer não.

Se procurarmos preferir os produtos fabricados por empresas que não destruam a Natureza, que não explorem seus funcionários e que respeitem a vida, estaremos contribuindo para que a equidade se instaure na sociedade. E equidade significa melhor distribuição de renda, de bens e de qualidade de vida para todos. Significa respeito igualmente dispensado a todo mundo, na igualdade e nas diferenças que caracterizam pessoas, comunidades, povos e nações, pois é justamente a diversidade cultural, que cada lugar apresenta, que forma a grande riqueza dos povos da Terra. Por isso mesmo, precisamos aprender a amar a humanidade, a perceber a riqueza que habita cada ser humano e a Terra como um todo!

Não é possível mais aceitarmos qualquer tipo de discriminação. Homens e mulheres unidos em torno de um mesmo ideal — tornar nosso mundo um lugar gostoso de se viver —, devem se valorizar e respeitar mutuamente, reconhecendo no outro ou na outra o mesmo potencial, igualmente importante para a transformação do mundo.

A diversidade cultural é a nossa maior riqueza (Leonardo Boff)

Como podemos ser coniventes com a diferença, ainda tão presente na sociedade, no tratamento dispensado a meninos e meninas? Como aceitar que os meninos tenham mais direito a educação, boa alimentação, carinho e incentivo dos pais?

Precisamos urgentemente respeitar os direitos humanos das mulheres. Precisamos exigir que a atenção às idéias das mulheres seja idêntica à atenção que se dispensa às idéias dos homens. Que os salários das mulheres sejam iguais aos dos homens que desempenham mesmas funções. Que os deveres domésticos sejam divididos igualmente e que toda violência contra as mulheres seja punida de modo a ser banida das nossas relações sociais.

Da mesma forma, não podemos mais aceitar a discriminação das pessoas em virtude de sua origem étnica. Que diferença pode fazer o fato de uma pessoa ser negra ou branca, ocidental ou oriental, do Norte ou do Sul?

Um mundo onde a paz se estabeleça como alicerce de todas as relações, deve banir as discriminações étnicas, fazendo delas apenas uma triste e imbecil lembrança de um tempo passado.

O que dizer, então, das questões de classe social? Como aceitar que os ricos sejam mais bem tratados que os pobres? Que os patrões sejam melhor atendidos que os trabalhadores? Que tantas pessoas sejam consideradas como cidadãos de segunda categoria, em função de sua origem social?

Precisamos dizer não às diferenças de classe. Além de lutar-mos para que essas diferenças desapareçam, devemos transformar o mundo num lugar onde os homens e mulheres, independentemente de sua origem étnica e de sua classe social, convivam em igualdade de oportunidades, de dignidade, de respeito. Enfim, em verdadeira harmonia, fundada na solidariedade entre todas as pessoas.

Outro motivo de discriminação, ainda presente na nossa sociedade, é a questão da orientação sexual das pessoas. Preferências e opções sexuais ainda são causadoras de desrespeito e preconceito por parte de muita gente!

Devemos aprender a respeitar as pessoas tal como elas são e não como entendemos que deveriam ser. Heterossexuais, bissexuais, homossexuais, transexuais, pansexuais, são rótulos que se impõem às pessoas de acordo com as suas opções sexuais. Mas todas as pessoas possuem os mesmos direitos, as suas dignidades, independentemente de tais opções. Por isso, a opção sexual de cada pessoa deve ser respeitada, da mesma forma que devemos rechaçar qualquer tipo de preconceito.

E quando a questão é religião? Quantas vezes não tratamos alguém de maneira diferenciada, em função de sua crença, de sua religiosidade, de seu agnosticismo ou ateísmo! E que diferença faz a crença das pessoas? Afinal de contas, todas as crenças, todos os cultos e todas as convicções são importantes, contribuindo, também, para a nossa grande fortuna humana: a riqueza da nossa diversidade cultural.

Outro ponto muito importante a levarmos em conta, ao pensarmos neste princípio da Carta da Terra, é a importância da atuação dos jovens na criação de sociedades sustentáveis. Respeitar a cidadania dos jovens, seu potencial intelectual e criador, sua energia, é condição de crucial importância para a construção de um outro mundo.

A Carta da Terra nos convida a honrarmos e apoiarmos os jovens, suas idéias, as características de sua faixa etária, enfim, sua condição humana, que é plenamente digna de respeito por parte de todos.

Além de serem respeitados no ambiente familiar, devem sê-lo também no trabalho, na comunidade, na escola. Isso porque os jovens são cidadãos e, como tais, devem ser honrados e respeitados por toda a sociedade.

A cultura juvenil deve ser valorizada e o incentivo aos estudos deve estar acima das necessidades de trabalho, como forma de fomento ao desenvolvimento pessoal de cada um.

Também os povos indígenas merecem todo nosso respeito. O direito a sua espiritualidade, conhecimentos, terras, recursos, deve ser reconhecido e defendido, assim como a legitimidade de suas práticas relacionadas a formas sustentáveis de vida.

Temos muito a aprender com os indígenas. Seu conhecimento relativo à biodiversidade, as técnicas de caça e pesca, a música, enfim, toda sua cultura, além de dever ser respeitada e valorizada, tem muito a nos ensinar

Os indígenas são os legítimos donos de seu espaço. Sua cultura, seus saberes, sua arte e suas crenças são dignos de respeito e têm muito a nos ensinar.

QUARTO PRINCÍPIO: *“Democracia, Não-Violência e Paz”*

Para que possamos nos realizar como seres humanos, é muito importante que possamos agir como autores de nossas vidas.



Visita JovemPaz à aldeia Guarani, no bairro Parelheiros, na capital paulista.

Nossas vontades, anseios, valores, querer, necessidades, devem nortear nossas decisões e devem contar na hora de resolvermos o que é melhor para nós mesmos e para todas as pessoas que vivem conosco.

Para que nossas idéias e vontades, valores e necessidades possam valer, é muito importante que disponhamos de espaços democráticos onde possamos nos colocar, participar das decisões. Por isso, devemos acreditar na importância da participação popular e lutar pela conquista desses espaços, onde nossa condição de seres humanos possa se realizar amplamente.

Para que possamos opinar com sabedoria a respeito das decisões, nos afetam, é necessário que seja garantido o acesso às informações oportunas sobre assuntos ambientais e todos os planos de desenvolvimento e demais atividades importantes para nossas vidas.

A escola deve nos ensinar a viver e a agir democraticamente. Um espírito de democracia que seja capaz de *“incluir todos os procedimentos, esforços e recursos que se utilizam, em termos individuais e coletivos, para promover o entendimento e a convivên-*

cia social pacífica e cooperativa entre todos os sujeitos históricos” (PARO, 2002:15).

Além do acesso à informação, é importante que todos tenham o direito de se expressar livremente, quer dizer, de poder falar o que pensam, de poder expressar suas crenças, suas opiniões, de se reunir pacificamente para discutir seus destinos, e de se opor àquilo de que discordem.

Nossa condição de “humanidade” só se realiza plenamente quando podemos opinar, participar das decisões políticas que afetam nossas vidas

Esses direitos civis devem estar presentes em todas as sociedades, pois constituem valores básicos para a vida em democracia. A pessoa só se realiza em sua humanidade quando possui verdadeira liberdade.

Do ponto de vista ambiental, qualquer dano representa perigo para toda a Humanidade. Já vimos mais acima que a Terra é um grande organismo vivo e que sua preservação se estabelece como necessária para o bem-estar de toda a Humanidade.

Para que haja liberdade e democracia para todos, é preciso que a justiça seja ampla e igualitariamente aplicada, garantindo a defesa de todos os direitos e a aplicação de todos os deveres dos cidadãos. Por isso, é preciso que defendamos o acesso efetivo e eficiente a procedimentos administrativos e judiciais, independentes e justos, em toda a nossa sociedade. Os serviços públicos e as leis devem ser oferecidos a todos indistintamente, não excluindo ninguém por qualquer motivo que seja.

Não pode haver democracia de verdade onde houver corrupção

Como falar em democracia, em direitos e deveres, se não for eliminada a corrupção? Como condição para que alcancemos uma democracia de verdade, devemos lutar pela eliminação da corrupção em todas as instituições públicas e privadas.

A democracia só pode florescer e se estabelecer quando seus valores são cultivados e vividos não somente nas esferas governamentais, através do voto, mas nas esferas locais, dentro do espaço familiar, comunitário, no bairro, na vila, no povoado, na escola, no trabalho. Precisamos, então, fortalecer as comunidades locais e as instituições sociais, através de nossa participação e respeito pelos outros, fortalecendo esses valores democráticos que tanto almejamos.

Os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável devem ser amplamente disseminados através da educação formal e informal.

Como espaço de disseminação do conhecimento e do saber, cabe à escola promover a aprendizagem de um modo de vida compatível com os valores da democracia, da equidade social, do respeito ao outro e da liberdade. Para tanto, o espaço escolar deve proporcionar, especialmente às crianças e aos jovens, oportunidades educativas, que lhes permitam contribuir ativamente para o desenvolvimento sustentável. Essas oportunidades devem se estabelecer também no incentivo à contribuição das artes e humanidades, assim como das ciências, na educação para a sustentabilidade.

É muito importante que a escola reconheça, também, o papel crucial da educação moral e espiritual, para que se estabeleça e perdure um modo de vida e produção sustentável.

Se procuramos incrementar um modo de vida saudável, pleno de bem-estar para todas as pessoas, não podemos deixar de pensar também no bem-estar de toda a comunidade de vida. Por isso, devemos tratar a todos os seres vivos com respeito e consideração.

Aprender a tratar todos os seres vivos com respeito e consideração

Não podemos compactuar com crueldades e maus-tratos aos animais domésticos, cobaias ou selvagens. Há que evitar ou eliminar ao máximo possível a captura ou a destruição de espécies.

O que dizer, então, da importância da paz, do respeito, da tolerância, e da não-violência para o estabelecimento de uma sociedade sustentável?

Podemos e devemos colaborar para que todas as pessoas vivam sem violência e em tolerância e paz, respeitando-se mutuamente, independentemente de credo, etnia, sexo, idade, riqueza, origem social.

Somos seres humanos. Aqui, como ao redor do mundo, há que procurar compreender a todos e ajudar-nos melhor uns aos outros, bem como prevenir os conflitos e utilizar a cooperação e o bom senso para resolvê-los, propiciando ganho a todos.

Cabe aos exércitos defender a paz e trabalhar para a restauração da paz no mundo, e não dar apoio à dominação, ao desrespeito à soberania e aos valores e costumes dos povos.

Buscamos maior engajamento de todas as pessoas e instituições na luta para que sejam eliminadas todas as armas nucleares, biológicas, tóxicas e de destruição em geral, em todos os países do mundo, e o uso do espaço exterior deve servir à defesa do meio ambiente e da paz. E quando falamos em paz, é sempre bom lembrar e homenagear Mahatma Gandhi, exemplo de dedicação à construção de uma sociedade livre e não-violenta.

A paz serve para que cada ser humano se encontre consigo mesmo e com os outros seres humanos, culturas, formas de vida, a Terra e o Todo do qual fazemos parte. Conhecer e se entusiasmar com novos e maravilhosos valores para nossas vidas é apenas um pequeno e primeiro passo. Diante de nós, agora, um grande caminho se descortina. Na união com todas as pessoas de bem, a partir de uma conscientização que podemos e devemos auxiliar a levar adiante, construiremos um outro mundo!

Vamos refletir um pouco?

- Porque há tanta desigualdade na distribuição das riquezas com que a Terra provê a todos os seus filhos e filhas?

- Porque será que as mulheres têm sido tão subjugadas pelos homens em nossa sociedade?
- Quem é mais importante:
 - Homem ou mulher?
 - Heterossexual ou homossexual?
 - Negro ou branco?
 - Adulto ou criança?
 - Velho ou jovem?
 - Rico ou pobre?
- No nosso dia-a-dia, o que podemos fazer para ajudarmos na construção da paz?
- Porque é importante que haja tanta diversidade cultural sobre nosso planeta?

O Caminho Adiante

Nós, em nossa humanidade, dependemos uns dos outros e temos o dever de conservar e melhorar o mundo em que vivemos. É nesse sentido que os valores e os princípios da *Carta da Terra* são, hoje, uma referência para que possamos trilhar o caminho da paz e da sustentabilidade, como afirmamos o tempo todo durante a realização do Projeto *JovemPaz*.

Estamos imaginando e buscando uma nova forma de vida, que permita, a todos, crescer de forma justa, emancipatoriamente solidária e cooperativa. As diferentes culturas, em relação potencializada por processos de educação intercultural, podem contribuir para a manutenção e para o aprofundamento constante do diálogo entre as pessoas. Desta forma, estaremos criando as condições para uma convivência mais pacífica e sustentável, relacionada à nossa própria humanidade.

A *Carta da Terra*, enquanto um referencial ético para uma nova lei universal, poderá contribuir para a maior proteção das nações, do meio ambiente e dos povos de todo o mundo.

Como texto complementar aos nossos estudos em torno da Carta da Terra, trazemos uma carta de um índio norte-americano, que nos parece ajudar muito em nossas reflexões.

Escrita há mais de um século e meio, essa carta nos ajuda a compreender as transformações pelas quais passa o mundo, quando não percebemos o sentido de pertencimento que devemos cultivar em nós mesmos com relação à nossa grande casa, o planeta Terra.

Em 1855, o cacique Seattle, da tribo Suquamish, do Estado de Washington, enviou esta carta ao presidente dos Estados Unidos (Francis Pierce), depois de o Governo haver dado a entender que pretendia comprar o território ocupado por aqueles índios. Faz já 144 anos. Mas o desabafo do cacique tem uma incrível atualidade.

A Carta do Cacique Seattle — Cacique Seattle

Como podeis comprar ou vender o céu, a tepidez do chão? A idéia não tem sentido para nós.

Se não possuímos o frescor do ar ou o brilho da água, como podeis querer comprá-los? Qualquer parte desta terra é sagrada para meu povo. Qualquer folha de pinheiro, qualquer praia, a neblina dos bosques sombrios, o brilhante e zumbidor inseto, tudo é sagrado na memória e na experiência de meu povo. A seiva que percorre o interior das árvores leva em si as memórias do homem vermelho.

Os mortos do homem branco esquecem a terra de seu nascimento, quando vão pervagar entre as estrelas. Nossos mortos jamais esquecem esta terra maravilhosa, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs, os gamos, os cavalos a majestosa águia, todos nossos irmãos. Os picos rochosos, a fragrância dos bosques, a energia vital do pônei e do homem, tudo pertence a uma só família.

Assim, quando o grande chefe em Washington manda dizer que de-seja comprar nossas terras, ele está pedindo muito de nós. O grande Chefe manda dizer que nos reservará um sítio onde possamos viver confortavelmente por nós mesmos. Ele será nosso pai e nós seremos seus filhos. Se é assim, vamos considerar a sua proposta sobre a compra de nossa terra. Mas tal compra não será fácil, já que esta terra é sagrada para nós.

A límpida água que percorre os regatos e rios não é apenas água, mas o sangue de nossos ancestrais. Se vos vendermos a terra, tereis de lembrar a nossos filhos que ela é sagrada, e que qualquer reflexo espectral sobre a superfície dos lagos evoca eventos e fases da vida do meu povo. O marulhar das águas é a voz dos nossos ancestrais.

Os rios são nossos irmãos, eles nos saciam a sede. Levam as nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se vendermos nossa terra a vós, deveis-vos lembrar e ensinar a nossas crianças que os rios são nossos irmãos, vossos irmãos também, e deveis a partir de então dispensar aos rios a mesma espécie de afeição que dispensais a um irmão.



Nós mesmos sabemos que o homem branco não entende nosso modo de ser. Para ele, um pedaço de terra não se distingue de outro qualquer, pois é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo de que precisa. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, depois que a submete a si, que a conquista, ele vai embora, à procura de outro lugar. Deixa atrás de si a sepultura de seus pais e não se importa. A cova de seus pais é a herança de seus filhos, ele os esquece. Trata a sua mãe, a terra, e seus irmãos, o céu, como coisas a serem compradas ou roubadas, como se fossem peles de carneiro ou brilhantes contas sem valor. Seu apetite vai exaurir a terra, deixando atrás de si só desertos. Isso eu não compreendo. Nosso modo de ser é completamente diferente do vosso. A visão de vossas cidades faz doer aos olhos do homem vermelho.

Talvez seja porque o homem vermelho é um selvagem e como tal, nada possa compreender.

Nas cidades do homem branco não há um só lugar onde haja silêncio, paz. Um só lugar onde ouvir o farfalhar das folhas na primavera, o zunir das asas de um inseto. Talvez seja porque sou um selvagem e não possa compreender.

O barulho serve apenas para insultar os ouvidos. E que vida é essa onde o homem não pode ouvir o pio solitário da coruja ou o coaxar das rãs, à margem dos charcos à noite? O índio prefere o suave sussurrar do vento esfolando a superfície das águas do lago ou a fragrância da brisa, purificada pela chuva do meio-dia ou aromatizada pelo perfume dos pinhos.

O ar é precioso para o homem vermelho, pois dele todos se alimentam. Os animais, as árvores, o homem, todos respiram o mesmo ar. O homem branco parece não se importar com o ar que respira. Como um cadáver em decomposição, ele é insensível ao mau cheiro. Mas se vos vendermos nossa terra, deveis vos lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar insufla seu espírito em todas as coisas que dele vivem. O ar que vossos avós inspiraram ao primeiro vagido foi o mesmo que lhes recebeu o último suspiro.

Se vendermos nossa terra a vós, deveis conservá-la à parte, como sagrada, como um lugar onde mesmo um homem branco possa ir sorver a brisa aromatizada pelas flores dos bosques.

Assim, consideraremos vossa proposta de comprar nossa terra. Se nos decidirmos a aceitá-la, farei uma condição: o homem branco terá que tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos.

Sou um selvagem e não compreendo de outro modo. Tenho visto milhares de búfalos apodrecerem nas pradarias, deixados pelo homem branco, que neles atira de um trem em movimento.

Sou um selvagem e não compreendo como o fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante que o búfalo, que nós caçamos apenas para nos mantermos vivos.

Que será dos homens sem os animais? Se todos os animais desaparecem, o homem morreria de solidão espiritual. Porque tudo isso pode, cada vez mais afetar os homens. Tudo está encaminhado.

Deveis ensinar a vossos filhos que o chão onde pisam simboliza as cinzas de nossos ancestrais. Para que eles respeitem a terra, ensinai a eles que ela é rica pela vida dos seres de todas as espécies. Ensinai a eles o que ensinamos aos nossos: que a terra é a nossa mãe. Quando o homem cospe sobre a terra, está cuspidando sobre si mesmo. De uma coi-

sa nós temos certeza: a terra não pertence ao homem branco; o homem branco é que pertence à terra. Disso nós temos certeza. Todas as coisas estão relacionadas, como o sangue que une uma família. Tudo está associado. O que fere a terra fere também aos filhos da terra.

O homem não tece a teia da vida. É, antes, um dos seus fios. O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.

Mesmo o homem branco, a quem Deus acompanha e com quem conversa como um amigo, não pode fugir a esse destino comum. Talvez, apesar de tudo, sejamos todos irmãos.

Nós o veremos. De uma coisa sabemos, é que talvez o homem branco venha a descobrir um dia: nosso Deus é o mesmo deus.

Podeis pensar hoje que somente vós o possuís, como desejais possuir a terra, mas não podeis. Ele é o Deus do homem e sua compaixão é igual tanto para o homem branco, quanto para o homem vermelho.

Esta terra é querida dele, e ofender a terra é insultar o seu criador. Os brancos também passarão, talvez mais cedo do que todas as outras tribos. Contaminai a vossa cama, e vos sufocareis numa noite no meio de vossos próprios excrementos.

Mas no nosso parecer, brilhareis alto, iluminado pela força do Deus que vos trouxe a esta terra, e por algum favor especial vos outorgou domínio sobre ela e sobre o homem vermelho. Este destino é um mistério para nós, pois não compreendemos como será no dia em que o último búfalo for dizimado, os cavalos selvagens domesticados, os secretos recantos das florestas invadidos pelo odor do suor de muitos homens, e a visão das brilhantes colinas bloqueada por fios falantes.

Onde está o matagal? Desapareceu. Onde está a águia? Desapareceu. O fim do viver e o início do sobreviver.

Vamos refletir um pouco?

- Que herança deixaremos para as futuras gerações?
- Como transmitiremos aos outros os importantes valores que aprendemos nestes nossos estudos?
- Como a família, a escola, nossos amigos, podem nos ajudar a disseminarmos os valores e princípios da Carta da Terra?



Festa JovemPaz – Decoração com sementes sobre a areia – Renato/MorroDoce

3. Eixo temático “Cultura, Política e Comunicação”

1 – Dos gabinetes acadêmicos à rica realidade – uma experiência com o Projeto JovemPaz

Formar comunicadores sociais, há quase uma década, tem sido uma tarefa tão árdua, porém valiosa, quanto a luta de alguns profissionais em busca da exploração responsável, ética, justa e coerente das possibilidades positivas dos meios de comunicação de massa, em especial, dos meios eletrônicos.

Se no passado recente a preocupação com os impactos sociais dos meios de comunicação não atingia o seu público, ou pelo menos assim se fez pensar, a discussão acerca das funções sociais dos meios de comunicação deixou de ser um privilégio daqueles que habitam o ambiente acadêmico, os círculos da intelectualidade, os gabinetes dos críticos e passou a fazer parte do cotidiano das pessoas, ou seja, chegou ao solo da sociedade.

No entanto, é necessário tentar compreender em que momento houve o estreitamento da barreira que inibia a participação crítica daqueles que mais expostos estão aos fenômenos midiáticos.

A base teórica frequentemente adotada nos cursos de comunicação social remete à idéia de um receptor debilitado crítica, cultural e politicamente, ou seja, totalmente suscetível aos interesses, valores e visão de mundo daqueles que operam os meios de comunicação em nosso país, apenas para ficar no exemplo brasileiro.

Poucos teóricos e estudiosos da área arriscam defender a tese de que o público dos meios de comunicação, por opção e identificação, seja complacente, parceiro e defensor da essência do conteúdo transmitido por tais veículos. Poucos ainda são aqueles que reconhecem o receptor das mensagens midiáticas como alguém capaz de selecionar somente aquilo que lhe diz respeito, exercendo a função de agente ativo e não passivo, como aparece nos modelos clássicos das teorias da comunicação.

A limitação não está na coragem dos especialistas para atribuir ao público a co-responsabilidade, a participação no jogo de sedução, alienação e atrofiamento político e cultural promovido pelos *mass media*. A dificuldade está no alcance de um registro fiel da postura e do pensamento do público diante da midiatização dos fenômenos sociais.

Uma pesquisa que visa a mensurar, por exemplo, o impacto na sociedade provocado pelo conteúdo, pela mensagem de um determinado programa de televisão, tende a avaliar um grupo representativo do universo de espectadores, escolhido na rigidez indispensável, porém, fria das regras estatísticas, matemáticas, metodológicas da pesquisa quantitativa, da amostragem, o que muitas vezes afasta o pesquisador de resultados mais plausíveis.

Os desafios, no entanto, são fundamentais para permitir uma aproximação mais estreita entre aqueles que pesquisam sobre os meios de comunicação e aqueles que consomem seus conteúdos.

Experiências como a do *JovemPaz* são singulares, sobretudo, pelo fato de permitir que discutamos, com jovens de mentes

livres de teorias, conceitos e crenças nas quais eles são personagens e aparecem como sujeito desprovido de crítica, manipulável e susceptível ao atrofiamento político e cultural promovido pelos meios de comunicação na atualidade.

Muitas vezes, no meio acadêmico, em especial no campo das ciências sociais, fazemos afirmações que não conseguimos provar. No máximo, chegamos a indícios que sugerem a identificação de um determinado fenômeno.

A ausência de respostas ou os resultados insuficientes são condição necessária para a busca incessante da verdade questionável — dinâmica que mantém vivo o processo histórico e alimenta o senso crítico.

No entanto, algumas mentes mais apressadas tendem a apresentar especulações como verdade absoluta. Em outros momentos, importamos especulações de épocas e cenários distintos ao que vivemos e as identificamos como nossa verdade.

O exemplo mais clássico que vai ao encontro do que discutimos no *JovemPaz* é a idéia, ou melhor, a verdade propagada nos cursos de Comunicação Social, que identifica o público como vítima indefesa do conteúdo disseminado pelos meios de comunicação de massa.

No próximo tópico, apresentamos a base teórica à qual recorreremos para dialogar com os jovens alunos das três regiões assistidas pelo Projeto *JovemPaz*, Comunidade do Morro Doce, zona Oeste da cidade de São Paulo, Rochdale, distrito do município de Osasco, e o município de Iguape.

2. Política, Cultura e Comunicação – desafios teóricos e conceituais

A proposta do Eixo Três do Projeto *JovemPaz* contemplava três temáticas complexas e desafiadoras, porém, revelava-se uma experiência única de poder conversar com jovens cujas mentes ainda estavam livres de teorias e conceitos amplamente discutidos no meio acadêmico.

Pela idade ou pela falta de oportunidade, os jovens do *JovemPaz* estavam do lado de fora das universidades, mas o sonho e a certeza de que um dia farão parte dela, não mais como objeto de pesquisa, de análise e observação, mas como sujeitos comprometidos com a elevação intelectual, com a ascensão da alma e da sensibilidade humana, conduziram todos eles à serenidade.

Antes de entrarmos no conteúdo discutido e proposto aos participantes do Projeto *JovemPaz*, é importante destacar que a metodologia utilizada nele e, em particular, também neste eixo temático, fugiu aos padrões normalmente utilizados em outros cursos, por exemplo, aqueles normalmente utilizados com alunos e alunas de cursos universitários.

Em todos os encontros, optou-se por identificar e registrar primeiro o que os alunos pensavam acerca dos temas que mais tarde seriam tratados com todo o cuidado e respaldo teóricos que demandam.

Assim, antes da apresentação teórica dos temas contemplados no Eixo Três, os alunos escreveram ou falaram sobre os assuntos. A timidez do primeiro encontro não impediu que os jovens manifestassem suas opiniões e revelassem suas posições da forma mais livre que já pude experimentar.

Para melhor trabalhar as temáticas Política, Cultura e Comunicação, promovemos a discussão a partir do olhar dos meios de comunicação, pois no ápice do conflito entre o público e o privado, do processo de mediatização das relações humanas, da mediatização de toda a dinâmica social, o mundo que enxergamos é o mundo projetado pelos meios de comunicação. Logo, imaginamos que as mentes dos jovens estavam livres das teorias e dos conceitos, mas provavelmente comprometidas com o que aprenderam a ver pelo olhar dos meios de comunicação.

O desafio foi discutir os três temas de forma indissociável, quase que em uma relação de interdependência.

No primeiro encontro com os jovens das três áreas contempladas no projeto, iniciamos a discussão com a temática **Comuni-**

cação, que comumente é reduzida à mera transmissão de informações ou interpretada como sinônimo de meios de comunicação.

Porém, antes da apresentação conceitual, fizemos um mapeamento da percepção do educando acerca da comunicação social e dos meios de comunicação, como mencionado anteriormente.

O debate proposto para a primeira temática do Eixo Três demandava o resgate de algumas idéias clássicas, incluindo a teoria dos efeitos ilimitados dos *media*, batizada de teoria da agulha hipodérmica, desenvolvida por Harold Lasswell e publicada em seu livro de 1927, *Propaganda Techniques in the World War*.

A teoria de Lasswell, um dos expoentes da corrente da *Mass Communication Research*, foi concebida no contexto das duas guerras mundiais e no novo cenário da propagação, em massa, de informações e bens culturais.

O período, marcado pelo totalitarismo e pela inovação nas formas de disseminação de informação, contribuiu para chamar a atenção de teóricos, estudiosos e acadêmicos como Harold Lasswell, Paul Lazarsfeld, Robert Merton, Charles Wright, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, entre outros contemporâneos, cujos estudos têm importância inquestionável, não apenas por excederem à idéia inicial de Lasswell, mas por promoverem a inquietação diante de um fenômeno ainda tão presente e complexo quanto à ação dos meios de comunicação de massa.

Os educandos do *JovemPaz* foram então convidados a discutir a comunicação também pelo olhar das teorias concebidas pelos estudiosos citados acima.

Assim como não demorou muito para os teóricos perceberem que os meios de comunicação exerciam impactos limitados sobre a audiência, contrariando a teoria hipodérmica, os educandos do *JovemPaz* foram rápidos em perceber que a dinâmica da comunicação e dos meios de comunicação em um país como o Brasil revela algumas armadilhas e peculiaridades.

Os debates com os educandos foram longos, ricos e repletos de exemplos extraídos de suas experiências locais, confirmando a

idéia de que é no plano local que conseguiremos iniciar a horizontalidade do processo comunicacional, no qual emissor e audiência são sujeitos ativos.

A temática **Comunicação** contemplou as seguintes abordagens: a) conceituação de comunicação social; b) o modelo e a estrutura do ato comunicacional; c) os principais fenômenos presentes na comunicação; d) as funções sociais dos meios de comunicação de massa; e) introdução ao processo de manipulação; e f) introdução à visão de mundo projetada pelos meios de comunicação.

Os exemplos locais e extraídos dos meios eletrônicos, em especial da televisão, citados pelos educandos, revelaram que os jovens, principais consumidores dos *mass media*, não podem ser reduzidos a um público amorfo. Eles são, na verdade, fruidores no sentido lato do termo, capazes de desfrutar somente do conteúdo midiático que lhes interessa.

A exibição do filme **Cidade de Deus**, de Fernando Meirelles, permitiu que os educandos fizessem um relato puro do que entenderam como uma ferramenta para denunciar as diferenças sociais e a falta de perspectiva no nosso país, contrariando a tese explorada na academia, que denuncia produções da mesma natureza como uma forma de estetização da pobreza, ou seja, a tentativa de transformar a pobreza em culto artístico, sem discussões de efeitos sociais.

A segunda temática do eixo, **Cultura**, seguiu os mesmos caminhos adotados no primeiro tema.

Se Comunicação para alguns educandos era a forma de transmitir informações, de dialogar, Cultura era o instrumento de manifestação de um povo. Aos poucos e naturalmente, ampliaram o olhar para a idéia de Cultura como modelo de civilização, de modo de vida.

A identificação da Cultura como modelo de vida permitiu aos educandos resgatar o conteúdo discutido na temática anterior, delegando à Comunicação a responsabilidade de promover um modelo de cultura, que muitas vezes fere a coletividade, necessá-

ria para o desenvolvimento político de um povo — terceiro tema da formação.

O debate fundamentado na Teoria Crítica, concebida pela Escola de Frankfurt, em especial o resgate do conceito de Indústria Cultural, nas denúncias da Escola Latino-americana da Comunicação, alicerçada no conceito de hegemonia cultural, excedeu a tudo que já presenciamos no cenário acadêmico, sobretudo pela singular sinceridade com que o público revelava sua posição diante do processo de direcionamento cultural promovido pelos *media*.

Para alguns educandos, o fato de os meios de comunicação divulgarem um modelo de cultura calcado no ter em detrimento do ser, independente dos aspectos negativos, contribui para impedir que as pessoas aceitem silenciosamente a exclusão social.

Esse registro permitiu que recorrêssemos às idéias equilibradas de um dos maiores pesquisadores da comunicação na América Latina, o filósofo espanhol Jesús Martín-Barbero, que sempre evitou superestimar o poder dos meios de comunicação, em detrimento da redução do poder da audiência.

Segundo nossos educandos, cabe a cada um escolher o modelo de civilização que pretende alcançar. No entanto, seus exemplos, até mesmo extraídos de outros eixos do projeto, como a Cultura de Paz e a Sustentabilidade, revelavam a preocupação com a coletividade e a necessidade de que todos tenham e compartilhem do sentimento de pertencimento.

O último tema do Eixo Três, **Política**, não teria cenário mais apropriado para ser explorado que o promovido pela discussão anterior.

Ainda que restrita a partidos políticos, ou seja, à política partidária, a temática encontrou base suficiente para envolver os educandos.

Recorremos a Renato Janine Ribeiro e, mesmo que em contraponto, à filosofia política de Hannah Arendt.

Para alcançarmos o olhar dos educandos, conceituamos política das mais diferentes maneiras, apresentando a eles a longa

evolução semântica do termo política, sem jamais abandonar o princípio da coletividade da ação política.

3. Das avaliações – do educando ao educador

Um curso livre permite que a avaliação seja constante e que não se limite à observação crítica do educador para o educando, mas do educador para ele mesmo.

Os preconceitos que habitam a universidade impedem que conheçamos melhor os fenômenos que tanto desejamos conhecer.

Compartilhamos muitas vezes de especulações e as compreendemos como verdade, mas foi fora da academia que aprendemos a enxergar com olhos desprovidos de técnicas, conceitos e teorias, que são de importância inquestionável, mas não bastam.

O Projeto *JovemPaz* contribuiu substancialmente para o desenvolvimento cultural e profissional de todos, alunos/as e professores/as, pois estivemos diante de situações e registros que hoje impedem que propaguemos idéias concebidas na altura de nossa aldeia e que, portanto, não revelam a realidade e a dinâmica da comunidade vizinha.

Se no início tivemos dificuldades para entender que um dos motivos da evasão de alguns educandos estava no fato de a proposta do *JovemPaz* não ser profissionalizante, ao final do projeto tivemos mais clareza.

Os jovens que permaneceram no projeto afirmaram que alguns colegas desistiram quando perceberam que talvez não fossem aprender nada que pudessem aplicar profissionalmente e que, portanto, garantisse emprego.

Para nós, não há nenhuma avaliação capaz de medir o grau de interesse e, conseqüentemente, de conquista de conhecimento daqueles que driblaram as necessidades precisas, para participar de discussões que certamente permanecerão pelo resto da vida em suas mentes.

A avaliação era constante, era real e dispensava quaisquer modelos convencionais de medição. A inquietação dos educandos do *JovemPaz*, o senso crítico e as idéias construídas em suas aldeias permitem que a tríade Política, Cultura e Comunicação seja cada vez mais discutida fora dos palcos acadêmicos, de forma capaz de democratizar e promover o debate sobre os caminhos escolhidos por nossa sociedade.

O registro dos motivos que levaram alguns jovens a abandonar o projeto, por sua vez, revela a emergência de um debate sobre um fenômeno que, igualmente, assombra as universidades: a aplicabilidade técnica do conhecimento.



Coletivo para preparo de almoço em dia de atividades comunitárias – Iguape



Capítulo 3

FORMAÇÃO DOS EDUCADORES SOCIAIS

Práticas *JovemPaz*

Os textos que seguem foram gerados para os “jovenspaz”. São a tentativa de relacionar as especificidades técnicas e práticas do rádio, do jornal, do grêmio e da Internet, mais os atributos das festas, pensadas na alegria de recuperar cultura e identidade, com eixos teóricos temáticos, que fundamentam novas perspectivas do humano no Planeta.

Eixos teóricos profundamente ligados às práticas aplicadas pelos educadores. Os encontros prevêm o despertar de jovens cidadãos dispostos, não só a lutar por seus direitos, mas pelos direitos de toda sua comunidade, mais a salvaguarda da grande casa Terra.

Os núcleos de rádio, jornal e grêmio receberam visitas simultâneas dos orientadores. Os combinados e a integração entre as diferentes ações foram constantes, resultando num diálogo entre os grupos, muitas vezes uma formação complementando a outra.

Toda informação recebida dispunha imediatamente de um meio de difusão de seu conteúdo: a Internet.

A página *JovemPaz* serviu de argamassa e canal para reverberação e nova troca de idéias. Vale lembrar que estas ferramentas

foram utilizadas como potencializadoras do pensamento crítico existente em cada educando. Para isso, por exemplo, à técnica do radialismo, somou-se a prática pedagógica libertadora freireana.

O diálogo foi sempre a premissa da construção coletiva, dos círculos para debate, e referência para o encaminhamento de questões. É nesse ambiente que todos os/as participantes do *JovemPaz* puderam ler, escrever e divulgar as experiências da sua realidade. E isso foi feito não apenas no formato de um jornal, mas, sobretudo, dando eco à voz dos jovens, que manifestavam a criticidade de suas reflexões, também presentes na criatividade, na ousadia e na agilidade corpórea e espiritual da juventude.

Apreenderam-se conteúdos sobre democracia vivendo democraticamente, votando as mínimas pautas sobre o destino do grupo, reivindicando direitos, elaborando novas regras, leis. Foi nesse meio plural que ressignificaram as normas e os princípios de convivência do grupo. Desta forma, todos passam a entendê-las como instrumentos para melhor viver, ao contrário do uso engessado das normatizações resultantes da ardilosa manipulação das minorias opressoras.

Aplicabilidade prática de aprendizados torna-se parte da formação. Os temas conversados logo se transformam em matérias de rádio, de jornal, em ações do grêmio estudantil, em parcerias para a realização da Festa *JovemPaz*, em bate-papo na *Net*, em encontros virtuais/presenciais. É na construção conjunta de saberes, na dúvida compartilhada, na tentativa de resolução dos problemas, na soma de experiências com novas metodologias de trabalho e na democratização de meios de comunicação que erguemos as bases da educação *JovemPaz*.

Unindo ação política com festa, lendo “festa” como parte inerente ao humano e reveladora de profundas marcas culturais. Enxergando o jovem como cidadão, agente receptor, transmissor e transformador da informação, do meio social e criador de cultura. Difusor de ideários de paz e sustentabilidade. O jovem sendo, efetivamente, Educador Social.

1. Rádio Jovempaz

Implantando a Nossa Rádio

Primeiros Passos

Muitos de nós sonhamos um dia em trabalhar com rádio. Falar com muita gente ao mesmo tempo, informar, encantar, tocar os corações. Mas que tipo de rádio eu quero fazer? A Rádio Comunitária tem o olhar e o trabalho voltados para a vida da comunidade, levando ao seu conhecimento as informações que poderão ajudar a melhorar a vida das pessoas. Este projeto viabiliza esta oportunidade ao colocar, em nossas mãos, a possibilidade de nos comunicarmos mais e melhor.

Nossa rádio precisa ser produto de um entendimento entre o grupo que participa do projeto e a comunidade para qual a rádio pretende existir. Há que pensarmos no ouvinte. Quais suas necessidades, seus gostos, quais os problemas que enfrenta? Desenvolvemos, nessa direção, o que Paulo Freire chamava de **processo dialógico**. Neste processo, os envolvidos diretamente no projeto debatem os problemas a serem enfrentados, seus objetivos e metas.

Para melhor realizar esta atividade, compusemos uma coordenação da rádio. (Veja o tópico **A Equipe da Rádio**) Este processo garantiu uma forma democrática de criação e de implantação do Projeto, além do levantamento de fatores essenciais como os oito pês:

1. Problema
2. Proposta
3. Projeto
4. Produtos
5. Providências
6. Prazos
7. Preços
8. Parcerias

No caso da Rádio Comunitária Educativa (a Rádio Escolar), nós precisamos envolver todos os segmentos. Para isso, podemos e devemos contar com o Conselho Escolar. É no conselho que encontramos instrumentos legais para implantação de qualquer projeto que tenha a ver com a vida da escola. (lembrando que escola e comunidade são, ou devem ser uma coisa só — uma não existe sem a outra).

É preciso dialogar e construir o Projeto de Rádio Conselho de Escola, por meio da sua **Comissão de Comunicação**. Esta comissão — que tem o objetivo de pensar a comunicação dentro da escola e desta com a comunidade — deve ser formada por representantes da direção, dos professores, das professoras, dos alunos, das alunas, das mães e dos pais.

Estatuto da Rádio

É na “Comissão de Comunicação” que vamos discutir e elaborar o Estatuto de Funcionamento da Rádio. Estabelecer princípios para que a rádio funcione e seja respeitada por todos.



Rádio Eremim — Osasco — em formação

É preciso pensar...

- No caráter democrático da rádio
- Nas formas de participação — Coordenações, Voluntários, Repórteres, Técnicos
- Nas funções de cada um
- Na forma de enfrentar e resolver os problemas que surgirão
- No financiamento da rádio
- Na avaliação processual de todas as atividades e relações humanas.

Tudo isso vai facilitar a vida de todos os envolvidos.

Preparação para o Jogo

Nesse processo, dentro da escola, faz-se necessário ter claro que todas as atividades da rádio já serão um importante ensaio para se conseguir um canal de ráiodifusão no Ministério das Comunicações. Para isso, basta a comunidade querer e se organizar. Alguns municípios brasileiros estão aprovando leis que regulamentam a radiodifusão comunitária. Por exemplo, Itabuna, no Estado da Bahia, já tem sua lei municipal e uma Rádio Educativa Comunitária funcionando dentro de uma escola municipal no bairro de Ferradas, onde nasceu o escritor Jorge Amado (1912-2001).

Vamos rever os passos dessa estrada?

1. Proposta para o projeto: Dialógica — feita pelo grupo
2. Apresentação à Comissão de Comunicação
3. Elaboração do Estatuto
4. Apresentação ao Conselho de Escola, para referendo e eleição da coordenação da rádio e suas equipes.

No Conselho de Escola precisamos formar:

— Comissão do projeto político-pedagógico — que vai ajudar a discutir e implantar o projeto político-pedagógico na escola.

— Comissão de Cultura e Eventos — que vai trabalhar para que a escola seja interessante, ativa, participativa, incentivando os encontros interculturais.

— Comissão de Comunicação — que vai trabalhar para que todos saibam quais as ações a escola está promovendo — dentro e fora dela — utilizando a rádio, o jornal, os murais, a música, o teatro, a poesia, etc.

— Comissão de Reivindicação — que vai se organizar para conseguir, com os órgãos competentes, aquilo que a escola precisa para melhorar sua qualidade social da educação.

Simples, não é? Mas e se... (há sempre umas perguntinhas/pedrinhas no meio do caminho)

a) O Conselho de Escola não funciona?

resposta: Eis um bom motivo para reunir esse conselho. Vamos à luta! Chame a direção, os professores, funcionários, pais e alunos e marque uma reunião.

b) Não existe Comissão de Comunicação?

resposta: É hora de pensar nisso e formar as comissões do conselho. O Conselho de Escola existe para ajudar a instituição escolar a resolver seus problemas e a atingir seus objetivos.



Rádio da Escola Estadual Jeremias Júnior — Iguape

Voltemos ao projeto...

Já debatemos, elaboramos o projeto, apresentamos à Comissão de Comunicação e vamos ao Conselho de Escola para referendar o projeto e as novas **equipes**.

Vamos pensar um pouco sobre as equipes?

Como manter nossa rádio?

O que uma rádio precisa para funcionar???

A resposta é um tripé.

1. Técnica Programação Administração

A Equipe Técnica:

Segundo o **Jean-Michel Brosseau e o Jacques Soncin** — dois caras que trabalharam com a implantação de rádios comunitárias na África — “a equipe técnica ideal é aquela que sabe fazer-se passar despercebida, é aquela com quem os animadores e jornalistas não têm quaisquer problemas” (BROSSEAU & E SONCIN, 2001: 83). Isso quer dizer que as pessoas precisam entender muito sobre o equipamento e o funcionamento da rádio para que os problemas técnicos não aconteçam. Essa equipe precisará facilitar o trabalho dos jornalistas e apresentadores, fazendo a manutenção do equipamento, direção de estúdio, prover os materiais de consumo como CDs, cassetes, microfones, pilhas, etc.

Existem também as figuras do:

Técnico de Estúdio — que está no comando da mesa de som, além de auxiliar o apresentador. Muitas vezes, ele será também o próprio apresentador do programa.

Técnico de Manutenção — que cuida do funcionamento do equipamento, transmissor, antena, rede elétrica, telefone.

O equipamento para uma rádio comunitária é formado por:

- Transmissor e antena
- Cabo coaxial
- Computador com *software* livre

- Mesa de som-*mixer*
- Microfones
- Gravador portátil, fita e pilhas
- Chave híbrida — para colocar o ouvinte no ar por telefone
- Muita criatividade

A Coordenação de Programação

O papel desta equipe é fundamental para o sucesso da rádio. Ao definir a programação, estamos definindo o destino da rádio, se ela vai ser ouvida. Para ser ouvida, precisará falar de coisas importantes para seus ouvintes; para falar de coisas importantes precisará escolher pautas e assuntos de forma coletiva. Todos os participantes podem contribuir democraticamente. É sempre um bom exercício de participação democrática, mas com uma direção para que consigamos realizar as propostas. O que geralmente acontece em grupos de trabalho é que se fala demais e não se definem as coisas. No rádio trabalhamos com prazos e horários, o que nos obriga a sermos mais objetivos.

A equipe ajuda a orientar os produtores e apresentadores de programas sobre a qualidade sonora do que estão produzindo e também sobre o seu conteúdo.

E por falar em programação

O Brasil está cheio de rádios AM e FM. A mais ouvida é a AM. Porque traz mais informações e, neste país imenso, com dimensões intercontinentais, alguns lugares só conseguem se informar por meio do rádio. Isto porque o sinal de AM tem um alcance que pode abranger todo o território nacional. A FM, como poderemos ver na História do Rádio mais à frente, é ouvida pelo público mais jovem, tem uma programação mais musical, uma linguagem mais próxima do jovem. Mas, infelizmente, em muitos casos, a sua programação subestima a inteligência dos adolescentes.

No nosso projeto da Rádio *JovemPaz* temos temas e problemas específicos para tratar, como a Sustentabilidade, a Cultura da Paz, o cuidado com as pessoas, com o meio ambiente, com os recursos naturais. É preciso termos bem claro que estamos trabalhando para que a vida neste planeta, e neste pequeno pedaço que habitamos (tomamos emprestado), seja possível para todos. Nossa rádio pretende ser um instrumento de aproximação entre as pessoas, sobretudo os jovens que têm muito a dizer e só precisam descobrir este espaço. Por isso, com muita alegria, vamos ocupar este espaço de maneira pacífica, dialogando com nossos pais, professores, vizinhos, políticos e administradores. A comunicação poderá conter conflitos, ajudar a encontrar um consenso, para que possamos promover a inclusão de todos, *garantizar* (como dizem os espanhóis) que todo ser humano tenha os seus direitos respeitados.

A nossa programação tem que dar *show* para que mostremos a todo mundo que, quando nos unimos, fazemos a diferença.

A Equipe Administrativa

Para administrar a nossa rádio precisamos de, pelo menos, três pessoas. Naturalmente, em cada caso, o grupo poderá ter mais ou menos pessoas. Essa equipe vai precisar controlar os custos da rádio, estabelecer formas de manutenção destes custos, campanhas, apoios culturais, doações, festas para arrecadação de fundos, negociação com a APM da escola, com o comércio local e com todas outras possíveis fontes de recursos.

É preciso organizar muito bem as informações, os documentos, atas de reuniões, etc., e isso fica a cargo da equipe administrativa.

Atenção Equipes!!!

A rádio escolar é um bem público. No momento em que a escola recebe os equipamentos eles passam a fazer parte do patri-

mônio dela. Como a escola é pública, o patrimônio também é. Por isso, é preciso que todos se responsabilizem pelo equipamento e, principalmente, que se garanta a todos, escola e comunidade, o direito ao uso desse meio.

No Brasil, grandes grupos com interesses políticos e, no fundo, econômicos, controlam os meios de comunicação: jornal, rádio e TV. Por isso, nossa luta para que o cidadão conquiste meios para se expressar e comunicar. É preciso aprender a fazê-lo e lutar por esse direito. Há muitas coisas a serem ditas e aprendidas dentro de cada comunidade. Ter meios para isso é fundamental.

A Rede JovemPaz (Rede de Comunicadores pela Paz e Sustentabilidade)

É uma idéia simples, óbvia até. Se temos jovens em três cidades vivendo um mesmo projeto, é natural que eles se encontrem e trabalhem em rede. Isso fortalece o nosso trabalho e amplia a nossa atuação. Os programas produzidos podem ser disponibilizados para as comunidades escolares, através das rádios e para o mundo, através da página na Internet. Essa rádio pode ser uma rádio comunitária operando em FM. Ver o site www.obore.com

Desta forma, aprendemos uns com os outros e ampliamos nossa ação por uma juventude mais saudável, mais feliz, mais crítica e responsável.

A linguagem Radiofônica

O Rádio

Por que as pessoas gostam tanto de rádio? Temos certeza de que todos sabemos mais sobre esse assunto do imaginamos. Vejamos: o rádio...

- Informa — é o veículo que fala com o maior número de pessoas. Nas últimas 24 horas, de cada dez pessoas, seis ouviram rádio.

- É popular — custa pouco, hoje temos aparelhos de R\$ 5,00
- Fala a “língua do povo” — o rádio conversa com as pessoas, uma conversa de pé de ouvido. Sua linguagem é objetiva, coloquial, alegre e dinâmica.
- É versátil — O sinal de uma emissora vai longe, aproximando as pessoas e dando informações importantes, além de distrair e divertir. Para que este sinal chegue até as pessoas não é difícil.
- Com apenas uma ligação telefônica você informa toda a cidade sobre um fato acontecido há poucos minutos. E não importa o que a pessoa esteja fazendo, ela pode ouvir rádio: lavando roupa — dirigindo carro — tomando banho — fritando bolinho, etc.

Como é fazer rádio?

Fazer rádio é como contar histórias. O rádio é som e, portanto, é capaz de nos fazer enxergar o que não estamos vendo.

Num país onde o número de analfabetos ainda é muito grande e as pessoas não têm meios e hábito de ler, a informação se espalha pela oralidade (de boca em boca). Por isso o rádio é tão importante para informar o país.

O som é extremamente importante. Fazer rádio é trabalhar com o som para chamar a atenção e despertar a imaginação das pessoas. Com muita responsabilidade descobrimos neste trabalho várias formas de uso do som: Entrevista — Reportagem — BG — Trilha Sonora — Ambientação Sonora — Spot — Vinheta — Música.

Entrevista

Do que você não pode se esquecer?

- Escolher um assunto importante e interessante = Pauta
- Proximidade Geográfica — Ineditismo — Afinidade.



Rádio ao vivo no Morro Doce

- Informar-se bem sobre o assunto.
- Escolher bem a(s) pessoa(s) que vai entrevistar e se informar sobre ela(s).
- Escrever um roteiro para a entrevista.
- Fazer perguntas e não discursos. Quem tem que falar é o entrevistado(a).

Obs: Quando você coloca no seu programa uma entrevista gravada, ela é chamada de sonora.

Equipamentos e procedimentos para a entrevista

- No primeiro contato levante todos os telefones, *e-mail*, nome completo, atividade profissional e endereço do entrevistado.
- Tente trazê-lo até o estúdio para ter qualidade sonora. Mas se não for possível...
- Marcar horário e ser pontual. Se ocorrer algum problema, avise a pessoa.
- Confira se o gravador está funcionando bem, com pilha e fita novas.

- Evite gravar muitas vezes na mesma fita para não perder sua entrevista.
- Leve o bloquinho de anotações, que sempre ajuda, e duas canetas.
- Ao gravar, abaixe todo o volume do gravador. Isso ajuda a diminuir o ruído (mas não se esqueça da ambientação sonora, que dará mais veracidade à sua matéria).
- Cuidado para não colocar o gravador muito próximo da boca do entrevistado para não intimidá-lo. Um palmo é uma boa distância.
- Na rua, não faça perguntas de supetão. Converse antes com as pessoas e explique o que está fazendo.
- Trate seu entrevistado com respeito.
- Ao fazer as perguntas, você deve se colocar no lugar do ouvinte para ser capaz de extrair informações importantes.
- Nunca interrompa o seu entrevistado antes que ele conclua um pensamento.

Reportagem

- A reportagem é o ato de pesquisar um assunto para o transmitir pelos jornais, revistas, rádio, televisão etc...” (Ferreira, 1999: 1219).
- Quanto melhor a pesquisa, melhor o resultado.
- o quê? — onde? — como? — quando? — por quê?
- Incluir entrevistas é fundamental.
- Você deve caprichar na trilha, em ambientação sonora, bgs e efeitos.
- Quando o trabalho estiver pronto, feche os olhos e ouça. Se você for capaz de enxergar (imaginar) o que está sendo reportado, então está bom. Peça sempre a opinião de alguém.

BG

É a música, trilha ou qualquer som que fica de fundo durante a locução.

Observação: não é bom colocar música cantada como bg, pois pode confundir a pessoa que está ouvindo. Dê preferência a músicas instrumentais.

Trilha Sonora

- Som que ilustra o trabalho.
- Música (já existente ou composta especialmente para aquele programa).
- Várias músicas mixadas.
- Ruídos, sons característicos etc...

A trilha dá vida, dinâmica, movimento a uma peça ou programa radiofônico.

Ambientação Sonora

Em reportagens (sobretudo ao vivo), a ambientação sonora, os sons e ruídos do ambiente de onde vem a notícia são importantes para dar o clima dos fatos ao ouvinte.

Exemplo: O barulho da torcida no jogo de futebol. A torcida participa do programa sem saber. E quem ouve pelo rádio é capaz de saber se o jogo está bom ou não, só pela ambientação sonora

Spot

Peça informativa com 30, 45 ou 60 segundos.

No *spot*, você precisa dar a informação de forma clara e resumida. Vale aquela orientação dos 5 pontos. (o que — onde — como — quando — porque)

Obs.: produzir um bom *spot* pode levar horas, dias.

Vinheta

Usada para marcar mudanças na programação. Tempo, clima, assunto, início ou final de programa, intervalo comercial etc...

Usa-se muito o termo Vinheta de Abertura e Vinheta de Passagem.

Duração: 3 a 10 segundos.

Música

A música está em tudo o que fazemos. No rádio não é diferente. Ela sempre poderá enriquecer um programa e em muitos casos traduzir acontecimentos ou sentimentos sobre os quais teríamos dificuldade de falar.

A programação de rádio é cada vez mais segmentada, ou seja, dirigida a um só tipo de público. Mas numa rádio comunitária ou escolar é bom a gente se guiar pelas coisas que são importantes para nossa coletividade. Valorizar a música local é uma ótima forma de promover nossa cultura e aproximar artista e público. Nossa rádio pode promover festivais, debates, encontros musicais.

Apresentar ao público a diversidade cultural existente no Planeta ajuda a todos a ampliar seus conhecimentos e entender que o reconhecimento e o respeito a essa diversidade é fundamental para nossa sobrevivência.

Estas são, no geral, as sugestões que foram observadas, estudadas e analisadas com os participantes do Projeto JovemPaz, no curso específico sobre rádio.

2. Jornal Escolar

Escrever um jornal? ... Este foi o desafio que os jovens do JovemPaz decidiram enfrentar. Se é assim, vamos contar como tudo aconteceu...

Bem... começamos assim...

Salve pessoal do JovemPaz!

Lá vamos nós! Para a aventura de escrever um jornal!

Para que possamos aprender juntos a criar um veículo de comunicação...

— Espera aí, que negócio é esse de veículo de comunicação?

Pois bem, a coisa terá de ser desde o início. No primeiro encontro, é legal a gente perceber a importância da relação humana para a continuidade da espécie. Cada sinal, a fala do dia-a-dia,

os gestos mais sutis, por pequeninos que sejam, trazem enormes diferenças para a sobrevivência. Quanto mais afinado, unido estiver um grupo, quanto melhor se comunicar, ante a perigos e problemas, melhor conseguirá resolvê-los.

Elefantes africanos andam em bando, fortalecem ainda mais sua robusta proteção com sons e sinais, movimentos e posicionamentos estratégicos dentro do grupo. Quando um filhote é recém-chegado, todos auxiliam na defesa do rebento. Formigas trabalham em grupo e têm um sistema de fofoca tão eficiente, que nunca conseguimos acabar com o formigueiro que invadiu nossa casa. Quando estão amontoadas comendo migalhas pelo chão, a simples vibração de nossos passos põe todas elas a correr e a soltar um alerta para a sua casinha, de modo que não retornam, até a volta da tranquilidade.

— Nossa, que besteira! Besteira?!?!.

Mas, é isso, a comunicação nos deixa mais fortes, preparados para o desafio de viver. Podemos usar materiais, veículos, objetos que aumentem nossa capacidade de comunicação. Se estamos numa praia e queremos juntar uns amigos, que também estão lá, para um futebol, basta um gritão e logo o time estará formado. A organização de um campeonato de futebol envolvendo a comunidade e bairros vizinhos exigiria outras formas de relação, outros veículos de comunicação. Um carro com alto-falante no teto, espalhando data e local dos jogos, seria uma maneira mais eficiente de comunicar. Outros veículos poderiam ser usados como rádio comunitária, o microfone da igreja, cartazes, faixas, televisão, jornal.

Para cada tipo de informação podemos fazer uso de um veículo diferente, podemos criar novos veículos, e tudo depende do alcance que queremos com ele. Um exemplo: se moro no Morro Doce, bairro da cidade de São Paulo e desejo convocar o pessoal de Iguape para uma festa, é inviável ou, no mínimo, ineficaz, subir no local mais alto do Morro e tocar dez grandes tambores. Parece ridículo mas não é. Se no mesmo Morro todos estão articulados e unidos por um desejo comum (música e festa), o toque dos tambores pode ser

um eficaz veículo de comunicação local, onde, aliado ao som da percussão adiciona-se o boca-a-boca, ou seja, o comentário...

— Você ouviu? Hoje vai ter festa na associação!

— Quem disse?

— Eu ouvi os tambores pela manhã. Chama a Carolina, que eu quero dançar com ela. Seria engraçado este tipo de comunicação. Vale a pena lembrar que somos nós que conhecemos melhor nossa comunidade e podemos descobrir meios para ampliar a relação entre as pessoas.

Um jornal escolar é também poderoso quando torna-se parte integrante de um grupo. A escola é um bom lugar para a criação da redação do jornal por uma série de motivos. A escola tem espaço, ao menos deve ter, para receber a equipe feitora do impresso, na escola atividades constantes acontecem e envolvem boa parte da população envolta. Pessoas juntam-se por causa do aparelho escolar e seus benefícios. Além disso, a maioria das escolas do nosso Estado possuem computadores, indispensáveis para nossa proposta. Claro que podemos fazer jornal sem o uso de computador, mas este veículo comunicacional facilita e agiliza nosso trabalho.

Pois bem, temos muitas pessoas envolvidas, direta e indiretamente; por isso, unimos ao espaço o público receptor das informações, que são os nossos leitores e as nossas leitoras. Além dos possíveis criadores e organizadores do jornal (vocês, nós estudantes e jovens da comunidade), mais os recursos técnicos, pronto! Quase tudo resolvido.

Outros problemas aparecerão e nós os resolveremos em grupo.

Para que uma equipe compreenda a importância do trabalho articulado, bem relacionado, utilizamos técnicas de comunicação sensorial.

— Que é isso? Bem... Já explicamos.

Comunicação sensorial é toda a relação que o nosso corpo tem com o mundo, por meio dos órgãos dos sentidos, na sua forma mais primitiva, primária. Ou seja, o uso do corpo como ferramenta para “ler” o ambiente, decifrá-lo e recontá-lo. O corpo na essên-

cia, sem nenhum aparelho que o amplifique, como: rádio, televisão, revista, computador...

A primeira comunicação de que devemos tratar é a do grupo que fará o jornal. É essencial que nos conheçamos, muito bom saber os gostos e desgostos de cada pessoa que vai trabalhar junto. Respeito e afeto na atividade desenvolvida.

— Como assim, afeto?

É isso mesmo, afeto. Precisamos nos olhar mais, ouvir mais, sorrir, abraçar, gostar...

— Pera aí, que negócio é esse de abraçar, gostar?

Gostar mais um do outro. Dessa forma, traremos uma harmonia para dentro do grupo e também o tratado de tentarmos criar um clima de amizade e respeito na nossa redação escolar. Claro que isso tudo não é conquistado num passe de mágica, mas com um exercício diário de bem querer. Precisaremos da união de grupos, como os teatrais, musicais, etc. Portanto, é também importante fazermos uso de técnicas de aproximação e expressão corporal para nosso ambiente jornalístico.

Parece loucura, mas a atividade teatral põe ao nosso alcance formas de transmissões de informação semelhantes a impulsos elétricos. Estes impulsos serão transmitidos numa grande roda de pessoas de mãos dadas. Um jogo nos traz o compromisso com a turma, concentração para receber e enviar informação, calor humano, amizade, diversão, harmonia e a compreensão de que somos difusores, receptores e processadores da informação. Outra brincadeira, o jogo do Pá, permite juntar corpo e voz numa partitura de sons e formas comunicadoras. É um outro jeito de falar e transformar as pessoas. Movimentos e sons emitidos por um colega implicam em respostas imediatas dos que estão ao lado.

— Desculpe ser abusado, mas vocês vieram ensinar jornal ou passar brincadeiras?

Realmente não sabemos. Achamos que as brincadeiras. Não pretendemos ensinar ninguém a fazer jornal e, depois, as brincadeiras são muito mais divertidas. Fazer algo coletivo está além da



Dinâmica: estátua gigante

força de um mandante, de um “ensinador”. Gostaríamos que vocês, em primeiro lugar, se divertissem ao construírem um jornal. Se for para indicar uma profissão sisuda, carrancuda e sem alegria, com cobranças e metas a serem atingidas, com números mil e estatísticas que transformam o simples e prazeroso de todo dia num castigo, se for assim não faço, nós também não gostaríamos de participar. Inclusive, este é um dos grandes problemas do jornalismo industrializado de hoje. Os repórteres têm um certo número de matérias para produzir diariamente, devem atingir as cotas. Preocupados com a quantidade, destroem a qualidade e não resta tempo para a conferir as informações coletadas às pressas, por telefone. O jornalista raramente vai a campo e, quando vai, não consegue executar investigações profundas por falta de tempo.

Sendo assim, rompemos agora com o jornalismo de resultados. Acreditamos que nossas buscas, neste Projeto, são de outro tipo. Com o cuidado na veracidade dos fatos apresentados, com a delicadeza na construção do texto que servirá ao leitor, nosso público. Esta é uma discussão importante. Para quem vamos escrever? Que tipo de informação espalharemos? E prá dis-

tribuir o jornal, como fazer? A periodicidade, as cores, o formato, os custos?

É bom sabermos que já temos uma linha editorial definida previamente. Escreveremos nossas matérias com base nos três eixos temáticos apresentados pelo projeto: Cultura da Paz e Sustentabilidade, Carta da Terra e Agenda 21, e Cultura, Política e Comunicação.

Um alerta: se durante nosso trabalho algum de nós se mostrar acelerado em razão dos prazos a serem cumpridos e, com isso, acelerar todo o grupo... por favor, voltemos a nossa atenção para o que é fundamental neste processo: a descoberta do ritmo comum do grupo.

O grupo e suas funções

A produção de um periódico demanda uma série de trabalhos. A indústria jornalística criou uma hierarquia para melhorar essa criação. Ou seja, dividiu o grupo numa série de funções, que tem o objetivo de tornar mais rápida e eficaz a feitura da matéria e do jornal.

Abaixo, vejamos os cargos comumente utilizados nas redações jornalísticas:

Editor — Decide com a equipe as matérias que farão parte do veículo, quais as mais importantes, a página em que devem ser postas, tamanho do título.

Redator — O redator deve ter um bom domínio da língua portuguesa. Ele lê e faz correções nas matérias trazidas pelos repórteres, junto com o editor dá título às matérias.

Repórter — É quem vai a campo, investiga, conversa, faz perguntas, pesquisa, confirma declarações e escreve a matéria, juntando as informações que colheu.

Pauteiro ou chefe de reportagem — É a pessoa que distribui o que cada repórter deve fazer, que matéria “caçar”. Ele acompanha o andamento da investigação, dá opiniões e idéias, alerta

sobre os prazos que estão vencendo. Sugere uma série de possíveis fatos a serem investigados.

Diagramador — Monta o jornal. Entende de computadores e estética. É quem equilibra a página do jornal, dando uma aparência agradável, interessante, aos textos e fotos que serão dispostos na página.

Ilustrador — Cria charges, quadrinhos, caricaturas para o veículo. Apresenta bom humor, talento criativo e expressivo, além de aguçada opinião crítica sobre a realidade.

Fotógrafo — A foto-jornalismo tem particularidades. É o registro de um fato, a imagem que deve conter o máximo de informação possível, o documento sobre o que é relatado. Muitos repórteres costumavam fazer o registro fotográfico de suas matérias. Hoje é grande o uso de fotógrafos especializados, que atuam sozinhos ou acompanhados de um repórter.

Dica — Essa hierarquia é apresentada dentro das redações dos jornais. Mas isso não determina que devemos seguir esse formato. É importante conhecermos as funções e distribuímos as tarefas, mas, igualmente importante, é não criarmos amarras e relações de poder dentro do nosso veículo. A liberdade deve prevalecer junto do compromisso e da responsabilidade de termos um jornal só nosso. O grupo está unido por uma vontade, um desejo. Não é prisioneiro de um sistema econômico e hierárquico, não recebe pagamento e nem ordens. Vale lembrar que o diálogo deve pautar as reuniões, e as decisões devem ser coletivas. Quando surgir um problema, todo o grupo resolverá e descobrirá a melhor forma para isso.

Periodicidade — O período entre a impressão e a circulação de um número e outro do seu jornal é essencial para a conquista do público leitor. Ele pode ser diário, semanal, mensal, bimestral, semestral, anual, etc. O importante é que o leitor saiba e confie na periodicidade proposta para o veículo. O fato de sabermos que naquela data não falha, que o jornal da escola, do bairro ou da comunidade sairá, faz com que o comércio local possa pautar-se para futuras publicidades, com que o leitor espere aquela crônica,

a nova charge que certamente virá. A periodicidade cria um elo de confiança e solidez com a comunidade leitora.

Pauta — A pauta é uma sugestão de notícia a ser perseguida por um repórter ou todo o grupo. Várias sugestões aparecem para ser debatidas e pensadas se são realmente interessantes para o público leitor. Para isso, fazemos o que chamamos de reunião de pauta.

Na reunião de pauta, cada colega traz uma série de temas e fatos que podem ou não compor a próxima edição do jornal. Nessa reunião você fará a defesa do seu tema, explicará por que é interessante o assunto apresentado, quais as maneiras de alcançar informações e possíveis fontes. O conjunto de ingredientes devidamente listados, acompanhados de um texto que justifique a proposta, com telefones e contatos que facilitem o acesso do jornalista à conquista da matéria é denominado pauta.

Fonte — A fonte é uma espécie de apelido jornalístico dado às pessoas e ou meios que fornecem as informações das matérias. As fontes de informação podem ser oficiais (órgãos governamentais ou reconhecidos por estes), documentais (livros, jornais, revistas, escrituras, etc.) e pessoas, instituições envolvidas com o fato noticiado ou conhecedoras do assunto.

Lead — A narrativa jornalística — A narração é um jeito de contar história. Fazemos narração o tempo todo. Um exemplo: Um menino estava descendo a rua e viu uma pequena pedra, olhou fixamente para ela, tomou-a nas mãos e ergueu-a por cima de sua cabeça. Um brilho forte ardia os olhos do garoto, que começou a tremer e espumar a boca. A luz da pedra clareou a noitinha que entrava. Um berro bestial acordou toda a cidade de Iguape, população e autoridades foram para o local do grito e encontraram um gigantesco menino. Estava imenso, do tamanho dum poste e chorando uma boca de poço.

Esta é a narrativa temporal, apresentada cronologicamente, ou seja, os fatos encadeiam-se conforme aconteceram, um após o outro, seguindo uma linha crescente de tempo. É assim que costumamos contar histórias, de acordo com a progressão dos fatos.

Para o jornalismo contaríamos segundo o grau de importância do ocorrido. Separamos os fatos e os reorganizamos. Deste jeito, a cena narrada acima ficaria mais ou menos assim:

Um menino *gigante* foi encontrado chorando na cidade de Iguape, litoral paulista, no início da noite de ontem. Segundo as autoridades, um grito forte anunciou o paradeiro do garoto...

A reunião dos principais fatos no primeiro parágrafo é chamada de lide.

O lead

Segundo nos lembra o prof. Nílson Lage quando nos fala sobre a estrutura da notícia, verificamos que o conceito de *lead* é muito simples: trata-se do primeiro parágrafo de uma notícia. Estamos, aqui, referindo-nos ao jornalismo impresso.

O *lead* é o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou mais interessante. O *lead* é importante para oferecer ao leitor informações relacionadas sobre o autor dos fatos, sobre o que aconteceu, onde, como, porquê e para que realizou-se determinada atividade ou ação.

Em jornal usaremos a impessoalidade — a terceira pessoa. Esta é uma das tentativas técnicas de alcançarmos o mito da objetividade. O mito busca a imparcialidade jornalística para que o leitor tenha a chance de pesar as informações e tirar suas próprias conclusões, sem ser induzido pelo veículo...

... Caros leitores e caras leitoras. Esta é apenas uma pequena mostra do que vimos, discutimos e estudamos nos encontros sobre jornal, dentro deste importante Projeto. Outros conteúdos teóricos foram incluídos num pequeno caderno que organizamos, com textos técnicos e reportagens, que nos auxiliaram a compreender um pouco mais deste universo das palavras. Mas... vejamos um pouco mais deste universo jornalístico, para termos ainda mais clareza do quanto os jovenspaz puderam aprender e ensinar sobre jornal.

Editorial é o espaço destinado à opinião dos donos do jornal. Sempre que vocês lerem jornais, revistas, fanzines, qualquer publicação impressa, poderão constatar a existência do editorial. Neste espaço, o veículo torna-se parcial, ou seja, toma partido dos fatos que acha relevantes exporem à comunidade e ao seu público leitor. A linha editorial é o rumo ideológico que seguirá a publicação em toda sua existência.

Exemplo: A revista *Caros Amigos* segue uma linha editorial combativa, de esquerda. Existem publicações feitas para o público surfista, outras para *rappers*. Portanto, tratarão destes temas e seguirão estas linhas. Estas divisões em especialidades nos impressos são chamadas de jornalismo segmentado. O Jornal é uma espécie de segmentação jornalística, pois o jornal escolar esteve voltado às questões ambientais e ao melhor relacionamento entre as pessoas. Para fazer isso tudo, podemos lançar mão da brincadeira. Parece-nos uma tarefa empolgante, divertida. Por isso, o nosso reiterado convite: vamos brincar!

Notícia — A notícia é um dos grandes conteúdos do jornal. Existem diferentes formas de registro da informação. Uum dos modos é o da notícia. Tem como característica um texto enxuto, sintético e objetivo. Esteticamente, a notícia segue os padrões do *lead*, é mais rígida que qualquer outra estrutura de escrita num jornal. Para se fazer uma notícia é necessário que o redator pesquise o fato, organize os eventos mais importantes e disponha-os de forma clara, em ordem decrescente de importância. Conforme escreve Nilson Lage,

Conceitos que expressam subjetividade estão excluídos: não é notícia o que alguém pensou, imaginou, concebeu, sonhou, mas o que alguém disse, propôs, relatou ou confessou. É também axiomática, isto é, se afirma como verdadeira: não argumenta, não constrói silogismos, não conclui nem sustenta hipóteses. O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro (LAGE, 1998: 19)

Reportagem — Para fazer uma reportagem, o jornalista possui mais liberdade de estilo que para uma notícia. O rigor com a

veracidade, pesquisa e apuração dos fatos continua, porém, há a possibilidade de abandonar a rígida estrutura de um lide. O repórter pode usar estilos vários, até narrar em primeira pessoa fatos que presenciou. É importante que registre com atenção as informações, para que possa, com segurança, contar a história colhida ou vivida. Rádio, gravador, bloco de notas, fotos, documentos são alguns dos meios para reforço da credibilidade do texto construído. Comumente, a reportagem é mais extensa que a notícia, e sua característica de investigação e narração de um fato é mais abrangente e livre.

Entrevista — Perguntar e responder, taí a principal característica de uma entrevista. Essa estrutura de pergunta do entrevistador e resposta do entrevistado, seleção dos momentos mais importantes ou publicados na íntegra, constituem um precioso material jornalístico.

Existem alguns tipos de entrevistas:

- Opinativa: registra a opinião do entrevistado sobre um assunto.
- Noticiosa: busca informações que podem virar notícia.
- Biográfica: registra idéias, pensamentos, modo de ver o mundo, o ambiente em que cresceu, etc.
- Coletiva: O entrevistado responde a vários repórteres de diversos veículos de comunicação, simultaneamente.

Reportagem fotográfica — Uma reportagem cujo principal meio de registro dos fatos é a fotografia. O uso do texto dá-se somente em legendas ou com pequeno texto introdutório.

Legenda — Acompanha fotos. A tarefa de escrever uma legenda possui seus complicadores. Falar sobre o que está exposto, sobre o que todos já estão vendo sem ser repetitivo. Uma frase concisa, que traga elementos que a imagem não evidencia e que auxilie o leitor a compreender o que é mostrado.

Possíveis impressões e distribuições — Jornal mural, mimeógrafo, xerocópias (Fanzine), matriz computadorizada —



Entrevista coletiva e colaborativa: Jornal e Rádio.

Nosso jornal poderia ser feito de diversos modos. Aqui serão apresentadas algumas das formas de fazê-lo, mas não estão encerradas as possibilidades para criação. Sempre existe um outro jeito para criar; portanto, temos sugestões e não determinações.

Em debate com seu grupo podem surgir outras maneiras de imprimir e distribuir suas notícias.

Jornal mural — Um grande painel colocado num lugar de bastante movimento. Esta é a base do nosso mural Jornal. Todos os preceitos apresentados até aqui valem para nosso muro. Claro, há especificidades. Textos menores, para que o leitor possa rapidamente inteirar-se sobre o conteúdo apresentado. As pessoas estarão, normalmente, de pé. Como será exposto em local de bastante movimento, faz-se necessário o uso do texto curto, basicamente o lead em letras bem maiores que as do jornal convencional. A letra grande contribui com a agilidade necessária a este veículo e com o conforto do leitor, que não precisará amiudar os olhos a fim de reconhecer o que está impresso. O painel pode ser feito com qualquer papel. Um papel muito usado é o craft, de cor parda. Folhas menores podem ser coladas uma nas outras, até atingirem

o tamanho ideal. O tamanho será definido pelo grupo, assim como o formato.

Exemplo: A turma quer falar sobre esportes radicais e cria um mural que aborda este assunto como linha editorial. O formato pode ser de uma prancha de surf.

O local de fixação do veículo também é escolhido pelo grupo. A redação precisa verificar se seu público-alvo frequenta o local escolhido; caso contrário, o trabalho será subaproveitado.

Canetões, régua, grandes, papel, tinta e fita adesiva podem resolver os problemas para confecção do mural.

Uma pessoa ou mais que gostem de escrever e tenham a letra legível podem ficar encarregadas do árduo ofício de copiador.

JORNAL PAINEL: NOTÍCIAS D'A PONTE

FESTA – Produção coletiva de integrantes da oficina de jornal de Osasco, Morro Doce e Iguape – 06/12/2004.

TERMINA EM FESTA

A III Festa reúne as galeras do Morro Doce, Osasco e Vale do Ribeira, hoje e amanhã, 06 e 07 de dezembro, na cidade de Iguape para encerramento, produção e troca de experiências sócio-político-culturais.

Dois ônibus cheios partiram de São Paulo rumo ao litoral sul do estado. Na bagagem, jovens do Morro, Osasco, a equipe do Instituto Paulo Freire, artistas convidados, animação e expectativa de conhecer novos horizontes.

“Expressões em equipe constroem um saber. Festas propiciam relações com linguagem: música, dança, poesia, enriquecimento.” – Afirma Luizinho, professor do projeto, que conta com mais de 80 jovens.

Os visitantes foram recebidos na entrada da cidade de Iguape, ainda na estrada, pelos “*Jovenspaz*” do Vale.

Dinâmica com bexigas em uma grande roda de confraternização deu abertura às atividades.

O almoço marcou mais um aprendizado. Voluntários do grupo serviram a comida, cada pessoa se responsabilizou pela lavagem do seu prato e talheres, enquanto outros arrumavam o salão para o próximo trabalho.

“Somos responsáveis também pelos outros, fazendo nosso pouco não acumulamos para o próximo”, disse Paula Daiane, integrante do e voluntária na distribuição da comida.

Depoimentos sobre o fazer cotidiano de cada Pólo emocionaram o público.

Sete grupos com oito artistas orientadores partiram para as oficinas culturais.

A noitinha rola um sarau, o nosso café caíçara, e um cortejo de bumba meu boi na praça da cidade encerram os trabalhos de hoje.

Dica: O mural pode sair da escola e encontrar a comunidade. Isso demanda um pouco mais de trabalho. Em vez de escrever um, escrevam dois ou três e fixem as cópias em locais de movimento na comunidade. Se conseguirem cumprir a periodicidade estipulada pelo próprio grupo e manter os locais de exposição, em breve, terão público cativo e o jornalão influirá nas opiniões que circularão pelo bairro.

Dica: Experimente o uso de diferentes formatos para o seu jornal. Esta pode ser uma interessante maneira de criar um jeito próprio de propagar as notícias e surpreender o leitor.

Mimeógrafo — O mimeógrafo é uma máquina que possui um cilindro de metal e manivela, que permite a impressão de uma pequena tiragem (cerca de 100 cópias) a baixo custo. A matriz (estêncil) é feita impressa em máquina de escrever, os títulos e ilustrações são feitos à mão. Todo o cuidado para manusear a matriz é necessário, pois, ela funciona como um carimbo e decalcará nas folhas brancas de sulfite tudo o que nela contiver. O grupo terá de pensar muito como produzir o boneco do jornal. Esta fase é decisiva para o sucesso da matriz e da posterior impressão. Limpeza e equilíbrio nos espaços, cuidado no manuseio e arquivo do material.

É sempre bom verificar se na sua escola existe o mimeógrafo e uma máquina de escrever; certamente terão nova vida depois da criação do jornal.

Xerocópia e colagem — Assim como no mimeógrafo, trabalharemos na construção duma matriz. Uma folha sulfite pode ser a eleita a receber a dose de criatividade e informação que tivermos. Crie um boneco, organize os espaços para textos e ilustrações e títulos.

Os textos podem ser escritos à mão ou à máquina. As letras dos títulos podem ser produzidas por um talentoso colega ou recortadas de revistas e outras publicações. As ilustrações igualmente podem ser feitas por colegas, usando-se recortes. Montada a folha original é mandar para a xerox.

Dica: Dependendo da quantidade de cópias que farão, vale a pena negociar com o dono da copiadora. Informe o número de cópias e que pretende periodicamente imprimir esta quantidade; estes dados podem ajudar a baratear o custo.

Computador e xerocópia ou gráfica — A maioria das escolas públicas do Estado de São Paulo possuem computador, sem contarmos a proliferação de telecentros (espaços para uso gratuito de computadores) em algumas cidades. Mais raro é possuir o computador em casa. Seja qual for o meio para conseguir acesso a uma dessas máquinas, o fato é que estão cada vez mais presentes em nossa vida e que facilitam a produção e a reprodução de cópias do nosso jornal.

Num computador produzimos os textos e os diagramamos, ou seja, distribuímos no espaço que será a página, impressa em papel. Um programa simples como o *Word* (programa para texto, semelhante à máquina de escrever, com mais recursos) já supre a maioria das necessidades para a construção de um periódico eficaz e simples.

Devemos verificar na turma quem é que tem habilidades com programas para desenho e diagramação, quem sabe mexer no *Word* e toparia ajudar na arquitetura do jornal. O processo se

repete. O pessoal sai em busca das informações, estrutura seus textos, títulos, cria os desenhos e charges e traz para o computador. Neste, criam um boneco e imprimem uma matriz ou duas ou mais, e com ela são tiradas as cópias numa copiadora comum, seguindo os conselhos do jornal xerocopiado. Outra alternativa é salvar o boneco num disquete e enviar para uma gráfica. Claro que toda a pesquisa de preço já foi feita por alguém do grupo. O número de cores, a gramatura do papel (peso), a quantidade a ser impressa, a periodicidade do serviço, isso tudo influi no valor a ser negociado com a gráfica. Acima de 500 cópias torna-se vantajoso o uso da gráfica em termos financeiros, além da qualidade superior da impressão.

Outras Maneiras — Outras formas de imprimir e propagar a informação podem surgir a partir das grandes idéias que surgem num grupo. Um exemplo de cultura popular brasileira que vence os limites impostos pela rudeza da vida é a literatura de cordel. São livros e folhetos de poesia muito disseminados no Nordeste do Brasil. Normalmente, o cordel é feito a partir de uma técnica de impressão chamada xilogravura. Xilogravura é a escultura na madeira, que se torna uma matriz lambuzada de tinta e carimbada no papel, tecido, etc. O texto é talhado na madeira e impresso quantas vezes o autor desejar. Não é fácil, mas é um caminho.

Outdoor é um imenso painel de comunicação rápida utilizado em estradas e avenidas movimentadas, buscando a atenção dos motoristas. Como seria um desses num outro local e com outra finalidade?

Formas de conseguir dinheiro/captar recursos — A criatividade vai comandar essa difícil tarefa de conseguir grana para bancar a impressão do seu jornal. Aqui vou citar algumas maneiras:

- **Rifa e bingo:** sempre tão utilizados por comunidades para gerar recursos e aplicá-los segundo os planos delas.
- **Festa:** uma festa sempre traz pessoas e a possibilidade de arrecadação de dinheiro. O ingresso, alimentação e bebidas, além de jogos e brincadeiras, podem ajudar.

- **Lista para contribuições:** qualquer pessoa pode doar uma quantia para ajudar o seu jornal. Saber a característica e a linha editorial do veículo ajuda bastante, além de sua simpatia na comunidade.
- **Publicidade:** Ceder espaço do jornal para anúncio de propagandas de comerciantes, indústrias, etc.
- **Parcerias:** Descobrir parceiros que simpatizem ou que tenham algum interesse na promoção do seu jornal. Uma copiadora que executa o serviço por metade do preço, uma gráfica, etc.
- **Patrocínio:** Instituição, comércio, indústria, sociedade civil que custeiem integralmente a feitura do seu jornal.

Muitas outras idéias e formas de captação de recursos podem surgir durante um projeto. Por isso, recomenda-se que possamos sempre estar atentos a tais possibilidades, dentro e fora da região onde se encontra a instituição escolar.

Ética

Os jornalistas possuem um **código de ética**. Trata-se de uma espécie de mandamentos, que regem nossa conduta dentro da profissão. E nós, fazedores de jornal na escola ou no mundo, temos a responsabilidade com a informação que propagamos. Portanto, é necessário estarmos sempre atentos para não distorcemos os fatos. Ouvir os envolvidos num acontecimento, dar voz a eles. Importante que não usemos a força da comunicação como instrumento de opressão, pois temos um compromisso social, somos cidadãos e não “donos do poder”. A luta por uma comunidade mais justa, democrática e informada deve pautar nossa tarefa.

A seguir, apresentamos as atividades que foram propostas pelo grupo do Jornal, durante o processo de formação dos educadores sociais. Tais atividades, executadas durante o projeto, na ín-



Jornalismo e teatro em Iguape

tegra ou em parte, foram inicialmente pensadas para uma série de dez encontros. Esta proposta foi e deve ser adequada aos respectivos contextos onde se dão a formação dos jovens e, sobretudo, à identidade dos respectivos jovens/educadores sociais com os quais trabalhamos.

Encontro	Conteúdo	Procedimento Metodológico	Materiais necessários
1º	Apresentação de orientador e equipe, conversa sobre expectativas quanto ao jornal escolar, jogos com bola, jogos com som, jogos com corpo que traduzam elementos físicos da comunicação, discutir o tema, ação-teatral, redação e análise individual da vivência. Dinâmica em grupo com uso vário do papel de jornal.	Abordagem dialógica para exposição das individualidades, jogos teatrais buscando a simplificação de conceitos.	3 bolinhas de tênis, folhas sulfite e canetas. Resmas de jornal Computador

Encontro	Conteúdo	Procedimento Metodológico	Materiais necessários
2º	Distribuição de diversos diários para familiarização e investigação da construção estética e conteúdo. Por que escrever? Para quem? Que tipo de informação? Qual a periodicidade deste veículo? Como conseguir recursos para impressão, ou de que recursos dispomos? Distribuição? PB ou colorido? Estética e equilíbrio da página? Redação sobre impressões do primeiro encontro e expectativas para os próximos.	Abordagem dialógica para exposição das individualidades e primeiras impressões para formação de identidade coletiva redacional. Feitura de jornal painel (ainda sem matérias, só o boneco).	Quadro negro e giz, Papel craft e canetões Resmas de jornal
3º	Lead — a objetividade jornalística Ética jornalística. Reunião de pauta para cobertura da festa da escola cidadã. Entrega de textos de suporte sobre as outras atividades desenvolvidas no .	Aula expositiva e diálogo sobre questões éticas. Simulacro de reunião de pauta numa redação. (Teatro-jornal)	
4º	Planejamento Gráfico, disposição textual (aula Fernada).		Indispensável o uso de computador
5º	Lead — a objetividade jornalística II Gêneros jornalísticos e a importância da leitura na prática jornalística — o profissional das generalidades. PAUTA. Pedido de feitura de resenha para entrega no 9º encontro.		
6º	Reunião de pauta e busca imediata por matérias. Copi-descagem.	Os repórteres trarão suas pautas por escrito para análise coletiva.	

Encontro	Conteúdo	Procedimento Metodológico	Materiais necessários
7º	Periodicidade, compromisso ético, credibilidade e seriedade da publicação. Fotografia, cor e ilustrações. Significados de composições imagéticas. Tradução de fatos em gravuras.	Exercício corporal de leitura de imagens (reprodução de quadros fotográficos partindo de uma análise interna do ator/fotógrafo) visão dos leitores/público.	Folhas sulfite e ou cartolinas, giz de cera, lápis de cor, canetas coloridas.
8º	Planejamento Gráfico, disposição textual (aula Fernanda).		Indispensável o uso de computador
9º	Entrega de resenhas e leitura ao grupo, escolha de texto para o último jornal.	A escolha do texto se dará coletivamente buscando qualidade literária e de informação, a forma de eleição será definida pelo grupo.	Jornalismo de serviços: produto descartável — Dennis de Oliveira, s.d.
10º	Avaliação dialógica das conquistas e novas possibilidades vislumbradas após a finalização dos encontros. Distribuição do 2º número do jornal produzido pela equipe, indicação de leitura, exercícios e jogos de relação e despedida.		

3. Grêmios estudantis

O envolvimento com essa temática nos desafiou a estarmos abertos para novas possibilidades e sonhos. Primeiro, porque **grêmios** exige agremiação, juntar-se para a ação; exige coletivo, saber ouvir, falar; exige tolerância, aprendizagem, agir na diversidade. Segundo, porque **estudante** é gente em ação, é curiosidade, motivação, formação continuada e permanente, pessoas que vão se fa-

zendo na história e com a história, recriando seu mundo, seus valores, suas culturas, suas comunidades.

Portanto, nosso trabalho, construído a partir da sustentabilidade e da cultura da paz, desafia-nos a oxigenar nossas ações, nossos pensamentos dentro da ousadia juvenil, que busca incessantemente o novo, o transformar-se, o querer fazer.

A formação no contexto do Projeto significa um espaço de ofertas, construções e buscas dos instrumentos culturais que possam desenvolver nos participantes a compreensão de suas vidas, suas relações sócio-históricas como possibilidades, sustentando em cada ser humano o gosto de constituir-se sujeito de seu caminhar, cidadãos que não se conformam com as desigualdades, com as injustiças sociais, as agressões à vida e ao planeta Terra. Cidadãos e cidadãs que se fazem participantes e construtores de uma ética solidária e planetária.

Com essas aspirações, os conteúdos abaixo apresentados, especificamente trabalhados quando discutimos Grêmios Estudantis, serviram como referência para o caminho trilhado neste projeto e que, portanto, podem servir como indicadores para a continuidade ou para a ampliação deste processo.

1. Grêmios: Um desafio social, cultural e político.
 - Culturas juvenis
 - Cultura local
 - Identidade sócio-cultural
(curiosidade, participação).
2. Leitura etnográfica: um olhar para a comunidade
(curiosidade, participação).
3. A legislação e a construção de espaços inovadores
(criatividade, possibilidade).
4. Voz, voto e ação — fazer coletivo
(participação, emancipação).
5. e 6. Grêmios: um movimento em construção
 - Formação de chapas

- Comissão eleitoral
 - Propaganda das chapas
 - Plano de trabalho
 - O ato de eleger
 - Formas de participação
(dialogicidade, ética, coerência, criatividade...).
7. Grêmios e comunidade: parceria necessária
(dialogicidade, participação, transformação, epistemologia).
8. Grêmios: Poderes e saberes no cotidiano da escola
- Seleção de conteúdos
 - Seleção de procedimentos metodológicos
 - Normas de convivência
(participação, transformação, epistemologia).
9. Movimento estudantil e lutas políticas e sociais
- UNE
 - UPES
 - UBES
 - UMES
10. Visitando os trabalhos realizados, reavaliando o processo.

Procedimento Metodológico

Para desenvolver o conteúdo proposto, e com base no desenvolvimento metodológico geral, apresentado anteriormente, utilizamos procedimentos que valorizaram o trabalho em grupo, a tomada de decisão no coletivo, as referências culturais de cada participante, o permanente cultivo da curiosidade, da pesquisa, da aprendizagem; as ações reflexivas; a relação entre teoria e prática, a participação ativa de homens e mulheres através de “leitura do mundo”/estudo do meio, oficinas, produções culturais diversas, seminários, diálogos e Círculos de Cultura.

Objetivamos consolidar atitudes e experiências na direção de uma sociedade democrática, sem violência, solidária, igualitária e preservada ambientalmente, em que o ser humano, em comunidade, seja construtor de seus métodos de aprendizagem, de suas organizações sociais, políticas e econômicas, de suas utopias, para que as tragédias não ocupem nosso cotidiano.

Grêmios Estudantil

Nossos encontros de formação sobre organização estudantil, permeados pela relação carinhosa e de respeito mútuo, procuraram promover o ensino e a aprendizagem de novos valores, novos prazeres, novos conhecimentos, que construiremos na partilha de nossas experiências acumuladas. Foram momentos em que procuramos aprofundar os diálogos no contexto de uma educação intercultural, ou seja, pautados na diversidade, na diferença cultural, no trabalho, no estudo, na pesquisa, na organização, na criatividade, no lazer, na permanente construção da aprendizagem, em que cada participante muito teve a contribuir abrindo seus saberes, suas construções culturais, suas formas mais simples de organizar a vida.

Esse trabalho teve como objeto de preocupação as dimensões diversas que a organização estudantil pode estabelecer com os acontecimentos de nossa sociedade, no que diz respeito às produções culturais dos estudantes, às suas criações artísticas; à participação ativa nos desafios educacionais; ao envolvimento que devemos ter com os problemas e alegrias da comunidade; às questões ambientais, tais como recursos naturais, consumo, lixo, desperdício, equilíbrio planetário; aos desafios diários para a construção de uma cultura da paz e da sustentabilidade. Estes encontros buscaram desenvolver em cada ser humano um olhar comprometido com as práticas, valores que promovem a vida. Onde cada um, como desdobramento dos trabalhos realizados nos encontros, através do exercício prático de organizar grêmios, exercitou seus direitos e deveres de uma cidadania cada vez mais coletiva e profunda.

Nesse sentido, a partir das culturas locais, buscou-se compreender os caminhos que tornaram viáveis as alternativas, que procuraram construir condições que sustentam uma cultura gestada na diferença, na paz e na sustentabilidade, respeitando, assim, a diversidade humana que forma nossas comunidades. Com isso, cumprimos nossos objetivos iniciais: potencializamos os sujeitos que fortalecem os processos democráticos e que valorizam a verdadeira participação dos povos.



Atividade da formação do grêmio do Morro Doce

Todos os integrantes destes encontros, além do desafio de concluí-los com uma compreensão dos processos teóricos e práticos de organização de grêmio, foram incentivados a desenvolver outros olhares para elementos fundamentais na construção da cultura e da história humana, tais como: elaboração de novos métodos de investigação-ação participativa; estender a experiência vivenciada nos trabalhos sobre organização estudantil para outros setores da sociedade; envolver, produzir e valorizar todas as iniciativas libertadoras populares; promover novos líderes, fortale-

cendo a ética no pensar e fazer político coletivo e solidário; comprometer-se com as lutas contra todo tipo de injustiça; cultivar os princípios necessários para a consolidação de uma cultura ecopedagógica sempre em movimento, entre outros.

O trabalho de formação sobre grêmios estudantis foi também organizado em 10 (dez) encontros, nos quais desenvolvemos os seguintes estudos e atividades:

1º Encontro — Grêmios: Um desafio social, cultural e político: Culturas juvenis, cultura local e identidade sócio-cultural.

Esse primeiro momento teve como preocupação central dois aspectos: 1º) dar um mergulho na cultura local, compreender um pouco dos seus referenciais sobre grêmios, suas reflexões, conceituações e experiências individuais e coletivas sobre o tema; 2º) abordar, com o grupo, uma reflexão e um olhar sobre as práticas, as experiências que traduzem, na compreensão do grupo, características, valores, expressões, símbolos da cultura juvenil, local e identidade sócio-cultural da comunidade envolvida.

Neste primeiro encontro, fizemos também uma reflexão sobre os possíveis passos culturais, políticos, organizacionais, sociais, que os participantes terão pela frente, quando se comprometem com uma organização tão importante para a vivência comunitária como é o grêmios estudantis.

2º Encontro — Leitura Etnográfica: um olhar para a comunidade

Essa atividade pretendeu provocar a curiosidade dos integrantes do projeto, levando-os a observar detalhes, condições, situações e possibilidades que podem passar despercebidas, no dia-a-dia, às quais, muitas vezes, não damos o devido valor ou a dimensão que essas experiências podem atingir, na direção de promover a vida comunitária de forma mais profunda e ética.

Valorizamos a participação e o olhar crítico de cada um e da equipe como um todo, por meio de uma leitura que desenvolvemos nos diversos segmentos dos bairros, em que pequenos grupos

tiveram responsabilidades de coletar dados, destacando suas próprias experiências e dos demais membros da comunidade sobre expressões culturais, organizativas, políticas, econômicas, ambientais, religiosas, entre outras que dão sentido às suas ações cotidianas.

Esse material coletado e tabulado juntamente com o grupo, constituiu-se num dos suportes para nossos planos de trabalho, que elaboramos nos encontros seguintes.

3º Encontro — A legislação e a construção de espaços inovadores

Todo trabalho que deseja êxito em suas ações necessita de uma boa fundamentação, mostrando suas possibilidades de superar barreiras e suas viabilidades concretas. Esse foi o nosso desafio, ou seja, utilizar o tempo que o encontro nos garantiu para ler, refletir, entender e analisar coletivamente a **legislação** que regula a organização estudantil e para vivenciar, sobretudo, os espaços inovadores que os ambientes escolares e comunitários nos reservam, quando desenvolvemos nossas capacidades criativas e reflexivas. Em especial, quando damos os braços, através de práticas que constroem a libertação coletiva para a paz.

Foi possível dialogar, nos encontros do grêmio, sobre relações humanas, respeito, ousadia, criatividade, iniciativa, alegria, originalidade, que a sala de aula, os murais, o pátio, as ruas, o jardim da escola, a horta, a produção artística, o espaço para esporte, a tv, o baile, a praça, os projetos, as festas, as organizações políticas, as criações pedagógicas podem ter quando os/as alunos/as através do grêmio resolvem assumir suas responsabilidades de propiciar uma formação e um desenvolvimento integral do ser humano.

4º Encontro — Voz, Voto e Ação — Fazer Coletivo

A história brasileira, por longos 500 anos, tem demonstrado em seus registros uma procura insistente de validar só as idéias, os interesses, as vontades das elites, das classes que dominam o poder político, econômico e cultural. Ela esconde, nega várias inicia-

tivas e práticas que revelam o poder criador e inovador que as camadas populares têm de organizar e manter suas vidas.

Nesse sentido, resgatamos o poder da voz, da palavra como instrumento transformador, instrumento que conduz o homem e a mulher a desejarem romper qualquer condição de opressão, qualquer situação que negue suas identidades e sua cultura local. Falamos do poder do voto, da sua dimensão participativa, cidadã, em que as pessoas desejam construir a sua própria história, tomar seus “destinos” em suas próprias mãos. E, por fim, debatemos também o fazer coletivo, enquanto ações práticas, nas quais todos/as os/as participantes e todo/a cidadão/ã farão valer de suas condições sócio-históricas para construir uma cultura que, preocupada com a paz e com a sustentabilidade, buscam a emancipação de cada ser humano.

5º e 6º Encontros — Grêmios: um movimento em construção: Formação de chapas, comissão eleitoral, propaganda das chapas, plano de trabalho, o ato de eleger e as formas de participação

Estes dois momentos foram reservados para aprofundarmos a relação teoria e prática na organização do processo eleitoral de um grêmio estudantil.

Com base em vivências, diferentes experiências e grupo, desenvolvemos ações educativas que possibilitaram aos participantes uma reflexão sobre conceitos e formas organizativas. Valorizamos o diálogo que expressa códigos próprios dos estudantes e da região, rumo à valorização dos interesses e envolvimento de cada um para com o projeto coletivo do movimento estudantil, vinculado à cultura da paz e da sustentabilidade.

Tratamos como a ética, a coerência, a criatividade, o saber ouvir, a interação, a incerteza são partes constitutivas desse agir. Em que cada participante tem sua cota de compromisso e responsabilidade, para que o projeto possa acontecer e dar continuidade em outros espaços e tempos.

Essa foi nossa grande intenção: construir em cada um o gosto de criar seus novos caminhos, seus novos métodos, suas novas

pesquisas, suas novas curiosidades, mesmo que todos esses “novos e novas” sejam, às vezes, a recriação ou a reinvenção do que já existe. O que desejamos foi mostrar que mulheres e homens envolvidos com o projeto possam desenvolver sua autonomia para promover a vida coletiva e o Planeta.

7º Encontro — Grêmios e comunidade: parceria necessária

- Algumas perguntas estimularam a problematização sobre a parceria entre grêmios e comunidade, a saber: Como potencializar o intercâmbio de conhecimento?
- Que atividades realizadas na escola têm vínculo com iniciativas e organizações da comunidade?
- Que agenda faremos juntos? (escola, grêmios e comunidade).
- Quais serão as preocupações do grêmios e da comunidade para garantir e formar novas lideranças que representem seus interesses?
- Quais são as preocupações ambientais que unem a comunidade, escola (grêmios)?

Essas foram apenas algumas, dentre as tantas outras questões, que sinalizam caminhos para um trabalho conjunto entre escola (grêmios) e comunidade, no sentido de resgatar experiências, saberes acumulados de cada segmento na construção de novos valores que dão sentido a cada conteúdo estudado, a cada produção executada, seja ela artística, organizativa, social, epistemológica, afetiva para o fazer histórico do individual e do coletivo.

Esses foram e são nossos objetivos: perceber os possíveis planos, em diversas áreas, que podemos desenvolver coletivamente, garantindo o verdadeiro sentido da escola para a construção comunitária e o desenvolvimento da curiosidade para novos objetos de pesquisas.

8º Encontro — Grêmios: Poderes e Saberes no Cotidiano da Escola: seleção de conteúdos, seleção de procedimentos metodo-

lógicos, seleção de procedimentos avaliativos e princípios (normas) de convivência.

O tempo desse encontro foi utilizado para realizarmos uma viagem pelas formas organizativas dos espaços, estruturas, colegiados e salas de aula de uma instituição educativa, com o objetivo de refletirmos sobre as formas diversas que as relações de poder e saberes se concretizam. Olhamos com atenção as formas de seleção de conteúdos, as relações destes com a vida cotidiana dos educandos, as contribuições para superar situações de desigualdades e injustiças, a relação entre saberes populares e acadêmicos, as preocupações com as questões de gênero, classes sociais, étnicas, ambientais, culturas juvenis.

Um outro aspecto que foi possível discutir está relacionado aos procedimentos metodológicos e avaliativos, conforme já foram trabalhados nos cursos anteriores, e que procuram enfatizar as dimensões criativas, éticas, organizativas, epistemológicas, solidárias, interativas, transformadoras, críticas e desafiadoras da pessoa que se propõe indagadora e construtora de seus próprios caminhos.



Morro Doce tece a rede

Por fim, trabalhamos alguns princípios orientadores de normas de convivência, que buscaram orientar uma nova forma de se garantir a democracia, o crescimento coletivo, a ética, a inclusão, a afirmação dos sujeitos sociais, a cidadania ativa, sobretudo, a promoção da vida e do Planeta.

9º Encontro — Movimento estudantil e lutas políticas e sociais:

Com a preocupação de não realizarmos um trabalho sobre grêmio que ficasse apenas nas questões locais, sem estabelecer relações com as questões políticas e sociais mais amplas, esforçamos para conhecer um pouco da história do movimento estudantil, suas origens, suas lutas, suas conquistas, suas derrotas, disputas internas, entre outros olhares a partir de suas/nossas trajetórias.

Tomamos o grêmio como uma instituição social que se faz presente de forma crítica, através de ações, linguagens, códigos que alimentam o espírito alegre, dinâmico dos jovens, na direção de uma cultura cada vez mais compromissada com a paz, com a dignidade humana. Grêmio como instrumento de luta e de prazer na vivência de suas histórias, nas frentes e nas experiências que o educador social poderá encontrar pela frente, em suas diferentes atuações nas instituições que representam os jovens e os estudantes em geral.

10º Encontro — Visitando os trabalhos realizados, reavaliando o processo: desafios postos.

Chegada a hora de avaliar os trabalhos desenvolvidos e de pensarmos novos desafios, observamos as contribuições, as iniciativas e construções dos participantes do curso. Foram importantes momentos de esclarecermos dúvidas, discutirmos temas, assuntos mais significantes para cada realidade; renovar as curiosidades e nos martermos sensíveis para as novas demandas que a cultura da paz e da sustentabilidade nos exigem.

Portanto, esse ciclo de cultura final se destinou a visitar idéias já trabalhadas, laboratórios vivenciados, ações planejadas e expe-

rimentadas, brincadeiras partilhadas, registros, produções que esperamos ter instrumentalizado. Verificamos que os participantes caminharam satisfatoriamente na direção de cultivar novas organizações estudantis e de recriar essas idéias desenvolvidas em outros lugares, outros segmentos da sociedade como igrejas, clubes de cultura e lazer, agremiações de amigos de bairro, sindicatos, empresas, movimentos sociais, lutas ambientais, agremiações para práticas de esportes, cooperativas, ações comunitárias. Certamente não sem dúvidas, sempre presentes, mas com a certeza de que na troca de experiência e no encontro com outros sujeitos e atores, os desafios poderão ser melhor superados.

Esperamos que homens e mulheres, jovens e adultos, mantenham vivas as esperanças e as lutas por uma sociedade cada vez mais humanizadora e alegre, em suas atitudes mais simples do dia-a-dia.

Orientações didático-pedagógicas.

Para garantir a melhor qualidade da formação de educadores sociais, procuramos orientar a todos os/as participantes do curso no sentido de ficarem muito atentos/as para a coerência entre discurso e prática. Nesse sentido, chamamos a atenção para as seguintes orientações, durante todo o processo de formação, orientações estas que poderão ser importantes para os momentos futuros, quando eles darão continuidade às suas atividades de formadores.

1. Tire sua dúvida — Sinta-se à vontade para falar e perguntar, todas as vezes que alguma idéia, dinâmica, palavra, atividade, sugestão, texto não ficaram claras para você.

2. Interagir — É importante participar de corpo e alma de cada etapa das atividades desenvolvidas e sempre tirar dúvida sobre como tal atividade pode ser aplicada em outro segmento.

3. Monte sua pasta — Cada participante deve ir montando, durante os encontros, sua própria pasta de atividades, textos, brin-

cadeiras. Para que possa multiplicar, recriar esse projeto em outros segmentos.

4. Registre — Durante ou no final de cada encontro, você deve registrar as questões mais importantes do dia em seu caderno.

5. Pratique — Entre um encontro e outro (15 dias), procure praticar as propostas trabalhadas (com amigos no bairro, na escola, no grupo da igreja, da capoeira, etc.).

Avaliação

Foram utilizadas três formas diferenciadas de avaliação, durante o curso sobre o grêmio estudantil:

1 — Avaliação individual: ficha avaliativa produzida pelo próprio IPF.

2 — Avaliação coletiva: ao final de cada encontro, garantiu-se um tempo para dialogarmos sobre conteúdo, metodologia desenvolvida, nível de participação dos presentes, criatividade, inovações apresentadas e sugestões para o próximo encontro.

3 — “Ficha Painel”: foi construída uma ficha painel com espaço para os participantes colarem livremente palavras, desenhos, fotos, imagens, frases, símbolos, figuras, outros, que possam traduzir o significado do encontro para eles.

Lembretes permanentes: que também ficaram sempre à disposição dos participantes.

I — Essa e outras propostas de trabalho devem ser submetidas ao grupo de trabalho e aprovada por ele no início das atividades..

II — Todo trabalho sobre grêmio deve estar interligado com os eixos da formação geral do Projeto, ou seja, Sustentabilidade e cultura da paz, Carta da Terra e Agenda 21 — ética, desenvolvimento sustentável, e projeto político pedagógico e Política, Cultura e Comunicação.

III — Os trabalhos devem ser partilhados com as atividades sobre Rádio e Jornal.

IV — Estamos formando formadores (aprender a fazer).

V — Realizar avaliações individuais e coletivas.



Outros jeitos de comunicar em Osasco/Produção de painéis informativos

4. Círculo Virtual

Braços virtuais e abraços reais: as tic's (tecnologias da informação e da comunicação) e a educação a distância voltadas para a aprendizagem em rede e para as necessidades populares.

O esforço por tornar as tecnologias acessíveis e úteis para a formação das pessoas e para as necessidades populares é de longa data. Com o advento da Internet, algumas comunidades constataram que a rede pode ser um dispositivo poderoso para os movimentos sociais. Não só serve para certas faixas de poder político e econômico, mas também às comunidades que fazem uso crítico delas. Exemplo disso são: a Favela Monte Azul, a Casa do Zezinho ou o MST, ao abrir e manter um espaço de interlocução e formação na Internet.



Página do Centro Cultural Monte Azul

A formação de redes de jovens e adultos cresce dia — a-dia e de maneira acêntrica e diversificada. Na nossa proposta procurou-se potencializar, promover e utilizar as tecnologias de comunicação e informação, para fortalecer o intercâmbio, a articulação

e a troca de informações entre jovens e diminuir o isolamento e a exclusão.

Busca-se, por meio de novas maneiras de organização, desvendar a realidade opressora, gerando-se redes em sentido transversal. O sucesso da organização popular em rede está na boa comunicação, no reconhecimento dos saberes, necessidades e potencialidades de seus membros. Dessa maneira, o desenvolvimento sustentado da cultura local, permite certa autonomia e autogestão. Pode escapar ao controle direto do poder local e até do imposto, por meio de Internet, TV, jornal, rádio ou qualquer meio dos chamados de comunicação de massa. Isso, se há uma preocupação maior com a gente e não com as tecnologias ou seus gestores.

Todos os eixos do Projeto foram ao encontro do que hoje significa trabalhar em rede. No trabalho desenvolvido, foi inicialmente possível reconhecer nossos saberes sobre as tecnologias, sejam elas tradicionais ou modernas, sobre o uso e a posse delas. Pretendeu-se tornar o acesso à Internet um direito cidadão. Para isso, reconhecermos os modos de comunicação, as inquietações da gente do local e o engajamento político da comunidade em redes sociais nas quais possam estar usando: 1) o jornal, 2) o grêmio, 3) o rádio ou a Internet, com *software* livre. Como assegurar nossa inclusão? Usufruindo os recursos culturais produzidos pela Humanidade, não aceitando pagá-los já prontos nem só vê-los pela TV ou na Internet. As tecnologias devem ser usadas em nosso favor, para trocas, comunicação e formação. Por exemplo, usar a Internet para conhecer e trocar com outras comunidades as produções culturais e artísticas de cada um, de maneira a operar canais de participação popular, interna e externamente a esse grupo.

Braços virtuais das comunidades

A Internet é um dispositivo que tem a potencialidade de tornar os conhecimentos e fatos acessíveis de maneira rápida e efetiva e com longo alcance de/com a população. Quando a informação que colhemos está sustentada na cultura local, ela pode ajudar a:

- Organizar agendas para a produção comunitária;
- Aproveitar modismos, gírias e linguagem local;
- Debater questões de interesse;
- Oferecer/solicitar trabalho;
- Brindar/demandar formação;
- Construir uma base de saberes;
- Oferecer produtos da comunidade;
- Obter/difundir informação/documentação na Internet (currículo, regularizar a situação de trabalho, operar num banco, num caixa eletrônico, um e-mail, fax, numa cooperativa etc.);
- Encorajar a participação cidadã;
- Formar/certificar monitores para trabalhos específicos.

Algumas experiências demonstraram que é possível criar uma rede alternativa de jovens e adultos, quando são os próprios líderes da comunidade que a operam.

Recuperar e fortalecer a fala, a leitura e a escrita dos membros da comunidade, a alfabetização e a formação no uso de novas tecnologias foi uma meta plenamente alcançada.

Assim, a rede ajudou a registrar experiências, documentar o cotidiano, avaliar o uso das técnicas locais, analisar as potencialidades e as limitações de criar braços virtuais para a comunidade.

Quais são as nossas potencialidades? As necessidades? O uso que fazemos das tecnologias?

Princípios da educação popular para a formação de jovens e adultos

A rede de aprendizagem levou em consideração a cultura das comunidades que abrange. Considerar a cultura na construção do conhecimento, significou saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria construção.

Os quatro princípios básicos da educação popular são: a) realizar o processo a partir dos saberes dos participantes; b) vontade político-pedagógica de mudança social; c) utilizar uma metodologia dialógica e avaliação permanente; e d) o sujeito em processo, inacabado.

O homem é um ser inacabado, incompleto e em permanente processo de construção, o que demanda ter consciência três dimensões principais deste: o oprimido, aquele da práxis, mas principalmente aquele em potencial, aquele que puxa ser. Pois, a verdadeira realidade é a que puxa ser nesta perspectiva freireana.

Quando trabalhamos com jovens, esses princípios são fundamentais, já que o jovem é um dos atores mais inconformados com o mundo e a sociedade que lhe vem dada pelos outros.

Novas tecnologias para a paz e a sustentabilidade

Falar de paz implica falar em não paz, o que pode envolver violência da mídia e na mídia, desentendimento, aborrecimentos, intrigas entre crianças, jovens ou adultos.

Mas, para chegar a entender esse processo de violência ou de paz, foi necessário nos perguntarmos sobre como fomos construindo a idéia de paz e de não-paz em nós mesmos? Que atos nos levaram a isso? Sutis ou explícitos? Que manifestações violentas encontramos no grêmio, na Internet, no jornal ou no rádio? Como a Internet pôde nos ajudar a construir uma cultura de paz? Como se dá a relação consigo mesmo e com os outros nesse meio?

O alerta foi para fazermos uso adequado dos recursos naturais, da biodiversidade, da tecnologia a favor as culturas e necessidades populares, para permitirmos a sustentabilidade das nossas comunidades.

Braços e abraços virtuais para a sustentabilidade das comunidades

Criar braços e abraços entre as comunidades de Osasco (SP), Morro Doce (SP) e Vale do Ribeira (Iguape e Ilha Comprida, lito-

ral de São Paulo) foi uma das finalidades dos *Círculos de Cultura Digitais*. A afetividade foi também sempre fundamental.

Hoje, temos condições de criar a rede com a contribuição de cada localidade e interconectá-las por meio de ações, também na esfera virtual.

A esfera virtual, para nós, efetivou-se na página *Web* e com o Campus Virtual (CV). O CV consistiu em um domínio cadastrado no servidor do Instituto Paulo Freire. Operou por meio de um *software* que permitiu a conexão com muitas pessoas ao mesmo tempo.

Utilizamos um protocolo de transferência de hipertexto para aplicações *Web*, com uma linguagem de marcação *HTML*, que é a linguagem mais utilizada na construção de páginas *Web*.

```
<html>
<head>
<title>minha página</title>
<body>
Comunidade de...
.....
</html>
```

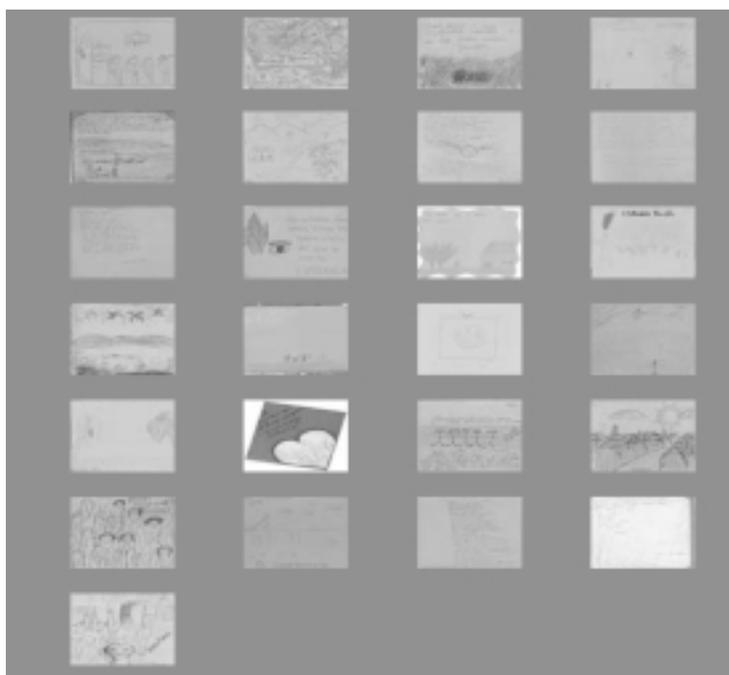
O processo envolveu conhecer as partes, a sintaxe, a estrutura de uma página e de um *website*. A sintaxe da imagem, a semântica do texto, o sentido que faz para nós.

É um espaço real, que situou a comunidade na esfera virtual, por meio de páginas (telas) disponibilizadas na Internet. O acesso foi livre para as páginas e restrito, por meio do uso de uma identificação de usuário e da senha, para o CV, pois o do-

mínio tem uma certa capacidade de memória para operar. As páginas serão de livre acesso para pessoas de qualquer lugar do mundo.

Organização e metodologia utilizada

Em um primeiro momento, procuramos reconhecer nossa experiência em redes, agrupações, associações, clubes, grêmios e outras modalidades de encontro. Também, procuramos saber sobre redes de comunicação que funcionam na comunidade e sobre a existência ou não de telecentros e locais abertos para uso da Internet, além da escola.



Trabalhos de releitura da obra bananal compartilhado no site



No dia 15 de março de 2003, o grupo de Iguape e Ilha Comprida realizou uma leitura da obra *O Bananal*, de autoria de Lasar Segall, de 1927, que retrata um trabalhador da banana do Vale do Ribeira, mesmo local onde acontece o hoje.

Na atividade o grupo discutiu sobre trabalho, exclusão, miséria, solidariedade, organização e solidariedade, tudo isso a partir do quadro do artista nascido em 1891, em Vilna, capital da Lituânia, que veio para o Brasil e pintou sobretudo a miséria. Morreu em 1957.

Participaram 24 jovens e três educadores do IPF: Luciano, Naiman e Luizinho.

Para refletir

- a) Qual a minha turma? O meu grupo? Meus companheiros?
- b) Quais os locais onde os encontro: casa, bairro, clube, na escola, no grêmio ...?
- c) Como me comunico com eles? — um-a-um, um-a-muitos, muitos-a-muitos, muitos-a-um...?
- d) Como informar-me do que acontece na minha comunidade e em outras?
- e) Que estratégias posso utilizar: face-a-face, carta, telefone, mensagem, *e-mail*, outros?

f) Para quê?

Gostaria de conhecer outras comunidades? Que me interessaria saber?

Apresentadas essas perguntas, orientamos os/as participantes para que, se quisessem, que escrevessem as suas reflexões no caderno virtual, até mesmo para que pudessem compartilhá-las com outros colegas.

Primeiro, atua-se no local e, logo, integra-se o trabalho ao global, procurando compartilhar as problemáticas, produções e conexões com outras comunidades na esfera virtual. No *site* da Rede, pode-se ampliar a comunidade numa dimensão maior do que da escola ou do bairro. A idéia de Círculo de Cultura sustentará os encontros (presenciais e virtuais).

Além de reconhecer os companheiros e as nossas potencialidades, desenvolvemos também as seguintes atividades:

- formação para a utilização do Campus Virtual e a construção da página *Web* do projeto;
- atividades e bibliografia sobre a formação geral e a específica;
- material para leitura e reflexão;
- debates, fóruns, perguntas e diálogo *on-line* e/ou presencial entre colegas da mesma e de outras instituições, e interação com equipes docente e de apoio tecnológico;
- sistematização do tema e envio ao professor;
- leitura crítica por parte do professor e diálogo com os alunos;
- prática de navegação relacionada à temática específica;
- socialização — publicação da reflexão grupal no Campus Virtual e na página *Web*.

O ingresso ao Campus Virtual pode ser realizado a partir de qualquer local que disponha de um computador com conexão à Internet; sua interface é textual e simples. Favorece tanto o traba-

lho individual como o coletivo, permitindo compartilhar trabalhos na sala de debates, fórum, por meio do envio de *e-mails*, arquivos de textos ou gráficos.

Diferentes salas puderam ser criadas, por exemplo, uma para cada eixo temático. Várias foram as opções neste projeto, até mesmo como um exercício permanente da ampliação desse debate virtual, o que motivou muito todos os participantes. Os eixos temáticos foram coordenados por professores do Instituto Paulo Freire, permitindo que todos os textos, mensagens, observações e comentários cheguem aos alunos.

Quem participou?

Participaram das atividades do Círculo Virtual os jovens, professores e adultos inscritos no projeto, das comunidades de Morro Doce, Osasco e Vale do Ribeira, com responsabilidades e funções assumidas.

Os requisitos tecnológicos mínimos por grupo foram: acesso direto a, pelo menos, um computador dotado de: Processador Pentium, Microsoft Office em ambiente Windows 95 ou superior, *Browser* de navegação (*Netscape* ou *Explorer*), *e-mail* em um servidor organizacional ou externo (*yahoo*, *hotmail*, etc.), conexão aos serviços de Internet.

Para as trocas na Internet, utilizamos dispositivos da Internet: *e-mail*, fórum, *chat* com voz, imagem e anotações. Sugerimos textos para se trabalhar cada eixo, definindo com antecedência com o grupo qual seria o tempo de retorno de cada intervenção, evitando improvisações e mera espontaneidade. Como vemos, a estrutura do ambiente de educação a distância (EaD) permite aproximar as pessoas das comunidades.

Por outro lado, observamos que a página de entrada ao Círculo Virtual, mostra duas partes. No lado esquerdo, estão as ferramentas que utilizadas e, no lado direito, é apresentado o conteúdo, correspondente a uma determinada ferramenta selecionada na parte esquerda.

Ao entrar, em “Agenda” encontramos informações atualizadas, dicas ou sugestões dos professores para os alunos.

No ambiente TelEduc foi possível utilizar um subconjunto de ferramentas descritas abaixo, como veremos a seguir.

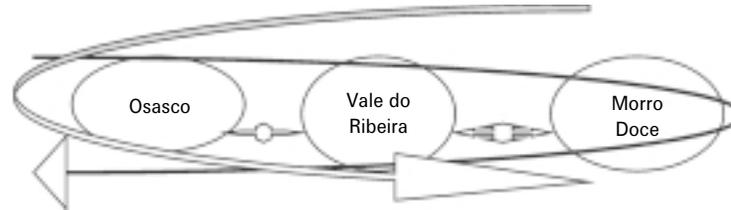
Espaço para educar

A proposta de educação a distância sistematizada em torno da Cultura da Paz e da Sustentabilidade foi discutida e reconstruída com as comunidades participantes.



Página *Web* da rede

Vemos na página da rede a apresentação do projeto: tema, objetivos, participantes, estratégias, fotos, documentos, encaminhamentos, tempo de realização, sala de debates, livro de visitas, campus virtual acima apresentado, contato, etc.



E a e galera... da a cara por aki!!! vamos fazer juntos!

informações sobre o funcionamento

metodologia e a organização do curso

atividades do dia

atividades a serem realizadas

informações e leituras sobre a temática da formação

relação de respostas e perguntas frequentes

Material para gerar reflexões e discussões

para disponibilizar informações relevantes...

permite uma conversa em tempo real

fórum com tópicos em discussão

correio para enviar e receber mensagens dentro da formação

A criação de **grupos** de pessoas é para facilitar a distribuição de tarefas.
 Em **perfil**, os participantes colocam informações sobre eles.
 O **diário de Bordo** é para facilitar que os alunos descrevam e reflitam sobre seu processo de aprendizagem. As anotações poderão ser lidas e comentadas pelos formadores.
 No **portfólio** os participantes podem armazenar textos, arquivos, endereços da Internet a serem utilizados na formação. Em **acessos se pode** acompanhar a frequência de acesso dos participantes ao curso e às suas ferramentas **Intermap**, permite aos formadores visualizar a interação dos participantes do curso nas ferramentas Grupos de Discussão e Bate-Papo (administrador do TeiEduc) através de e-mail.

Campus Virtual do Projeto no Teleduc

5. Festa

A festa como instrumento de alegre leitura de mundo.

(...) é um encontro essencialmente festivo. Juntou gente diferente, curiosa ao ponto de aceitar tantas outras novidades e diversidades.

No decorrer do trabalho, duas festas foram organizadas em cada pólo. A realização dessa festança deu-se por meio de sistemáticos encontros de preparação, que previam desde motivações histórico-antropológicas a aplicações pedagógicas da festa.

Pensamos festa como possibilidade reflexiva, afetiva e de investigação do meio sócio-cultural em que uma comunidade se insere. A “leitura do mundo” passa a ter um outro caráter. É um desvendamento com outra configuração e que, ao mesmo tempo, traz a população local para comungar, num mesmo espaço físico e temporal, as variedades culturais que a caracterizam. Os olhares investigativos do educando apuram-se no dia de folguedo. Ele se sente e efetivamente está preparado para ler, registrar e participar ativamente do mundo em que está inserido. Ver-se no espelho. O retrato de sua comunidade e época. Comidas típicas, vestimentas, músicas, artes em geral, brinquedos, dança, enfeites, tradições, histórias carregam a identidade de um povo. A festa potencializa a capacidade de reconhecer-se e conhecer o meio, a fim de pensá-lo para futura atuação crítica e transformadora.

No início, muitos jovens não compreendiam a relação entre festa, folia e educação. Mas, aos poucos, fomos reconhecendo a importância educacional do resgate da cultura popular e das festas populares no trabalho de aproximação entre escola e comunidade, bem como a incorporação crítica e criativa da cultura popular ao currículo escolar e às aprendizagens dos jovens. Uma vez que se sentiram esclarecidos, os jovens, os professores e demais pessoas das comunidades participantes do, organizaram-se e partiram para a divisão de tarefas.

Alguns momentos da preparação da Festa.

- Separação metodológica de grupos de *trabalhos*.
- Quem cuida do som?
- Tem a luz também... .

E assim foi.

- Comissão de comunicação e registro.
- Comissão de programação.



Primeira festa no Morro Doce – trabalho coletivo

- Geração de renda ou sustentabilidade econômica.
- Limpeza.
- Coordenação geral.
- Alimentação.



Primeira Festa Morro Doce — sustentabilidade econômica

Divididos em grupos menores, os/as jovens debateram propostas para solução dos primeiros problemas e apresentaram-nas para o “grupão”. Após estas discussões, definiam-se encaminhamentos para a semana seguinte, quando nova reunião colocaria todos a par da situação e preparativos para o grande dia.

Em cada região, procurou-se registrar os êxitos deste processo e, depois da alegria dos festejos, os grupos fizeram a avaliação de tudo o que havia acontecido na Festa, desde o início de sua preparação. Procuraram observar e registrar os acertos, os erros, os melhores momentos, os improvisos bem-sucedidos e também aqueles que não foram positivos, sempre refletindo sobre os porquês daqueles resultados — sempre tentando analisar o que valeria a pena repetir e o que deveria ser evitado nas próximas experiências.

Nova festa. Agora os grupos não mais recebem a comunidade em suas respectivas sedes; fomos festejar fora. Visitaram, interagiram e registraram a aldeia Guarani na zona sul de São Paulo/capital, uma praça pública recém-construída pela Prefeitura, no Morro Doce, zona Oeste da Capital. Em Iguape, integramos a *Ação*



Ação Cidadania — 2ª Festa em Iguape



Construção de painel com grãos, pedras e areia — Morro Doce

pela Cidadania, que aconteceu numa escola do bairro do Rocío, periferia da cidade. A organização se deu nos moldes das primeiras festas, assim como a avaliação.



Encontros festivos – Jovem de Iguape



Festa do farol organizada em Osasco – cerca de 300 pessoas da comunidade

“Eu pude perceber a minha comunidade, as pessoas que estão à minha volta.

Comecei a ver que não sou o único que tem problemas.” (Éder, participante).



Preparativos para festa no Morro

“Aprender a ser uma pessoa independente, a fazer suas próprias reflexões.” (Aquiléia, Participante)



Aulas ao ar livre, leitura de mundo, poesia e violão.

“Eu era muito individualista em alguns aspectos da minha vida. Eu não era muito democrática, achava que as pessoas não tinham a mesma capacidade de pensar como eu e acabava sendo egoísta.” (Irlani, participante)



Aldeia Guarani – Segunda festa de Osasco

“Festas da Escola Cidadã, entendidas como momentos de descontração, de alegria, de encontro e de resgate da cultura popular, que podem se traduzir em atividades potencializadoras de processos altamente pedagógicos. As festas podem favorecer, por exemplo, um trabalho contínuo de avaliação e de reconstrução do próprio projeto de vida, de escola, de cidade ou de sociedade da equipe escolar, que é convidada a refletir e a observar as diferenças pessoais, grupais ou institucionais ali presentes.. Demandas permanentes e esporádicas da comunidade, dos jovens que estão dentro e fora da escola, também podem ser mobilizadas e registradas nas festas, o que facilita a aproximação da comunidade com a escola e melhora as relações pessoais e interpessoais, dentro e fora dela. Com isso, as festas contribuem com a criação de novos espaços relacionais, criativos e aprendentes, mais do que transmissores, reprodutivos e ensinantes” (Padilha & Antunes, 2002: 12)



Grupos musicais da comunidade do Morro Doce

UM DESAFIO ACEITO

Relato da terceira festa – encontro multipedagógico

Reunimos 120 pessoas, após uma viagem de três horas, partindo da capital paulista. Alojjar, alimentar, criar, entreter, amar,

sorrir, passear, pensar, avaliar um ano de trabalho, participar da programação cultural da cidade-sede do encontro, lavar louça depois do almoço, peça de teatro, sarau, cortejo de bumba meu boi, maracatu, coco de roda, ciranda, umbigada, poemas de amor ao inimigo, leitura embotada de Paulo Freire, Chico segurando o choro, Irlane segurando o choro, Paula, Luizinho, Sindy segurando o choro e soltando a voz em canção de amor lamentado, sussurrado no escuro com platéia de olhar aceso, a finura sonora escapando da boca da Sindy, que fez jornal painel em duas horas, um belo texto com Natasha, Luciano e Paula, ao mesmo tempo em que Natan e Aline criavam charge gigante elaborada com os outros jornalistas mais Chico e Aquiléia, um de Iguape, outra de Osasco. Estes dois fizeram matéria juntos, conheceram-se lá, na festa, no Vale do Ribeira, no desafio que juntou os três pólos do, onde o Welvis falou para uma platéia atenta sua experiência presidencial numa agremiação estudantil, que ele mesmo fundara, do alto de seus onze anos de idade, do longe de sua casa, a 26 quilômetros do centro, ainda capital, o Morro Doce, com sua explosão demográfica de 130%, e sua meninice, seus olhos tortos, sua pele negra e branca, misturada, sua liderança firme ao som de aplausos jovens, felizes por serem parte deste que tanto admiram, por saber que seus colegas se expressam com o corpo e isso fez corpos tremem, e saber das criações e pensamentos nossos, todos nossos, e constatar o abalo na cidade, a força de eu pequeno mais ti des'tamaninho, somados após ano de conversa, criação, reflexão, produção de um significado capaz de fazer Max elaborar, ainda no ônibus, uma união com o grêmio do Morro, um misto de paquera com trabalho, Max era o máximo, bom de papo, grêmio, gatas, histórias, atirou flecha com guaranis, entrevistou-os, produziu e leu publicamente poesia sobre sua cidade, Osasco, até ator pres- tou-se com a Cinthia, orientadora, uma gata, o Max sabe, e com ele gatas de todos pontos do Projeto, misturados também na batucada sobre exclusão social com o Juninho, o Luizinho e o Huguino, o último não existiu, foi piada, que não pude contar, fui tolhido por dizê-las assim, tão ruins, mesmo porque, diversão é farta, maior quando vista sobre as pernas de pau de Jorel, clara na chama cuspid

por David e sua trupe de novos artistas iguapenses, estudantes jovens paz, e tantos mais, diversos seres, cores, desenhos captados por Mirley, alinhavados e transformados em colcha de retalhos, nosso estandarte em passeatas e na recepção na estrada, ah!, tinha americana: Levana, alemã: Io, olhos de mar ao atravessar o Ribeira de balsa, frevo em tambor e pé no chão quente, e juntos na Barra, num bloco cantante, dançante, tocante e brincante acenando e mandando intenções de bem querer aos viventes, com juventude coesa pela alegria e paz, tchibum na água salgada, vizinha da Juréia, levantamos acampamento sem resíduos, tudo planejado, conversado, reforçado no almoço com peixe da Associação de Jovens da Juréia, expulsos da terra em nome do conservacionismo, lutadores contra a exclusão, assim como estes que lavam seus pratos, mergulham no doce Ribeira antes de tomar um sorvete, a balsa, ônibus de volta pra casa com um mundo lido, escrito na cabeça, e agora, sempre consultado, revisto, comparado às aventuras do por vir. Telefones trocados, encontros marcados na net, perguntas constantes: Continua? (Luciano Carvalho, docente do Projeto).

Considerações finais

DIFICULDADES, DESAFIOS E SABERES CONSTRUÍDOS NO PROCESSO

1. Dificuldades e situações problemáticas durante o projeto

- Dificuldades de comunicação, em alguns momentos, entre a organização do *JovemPaz* e o pólo do Vale do Ribeira.
- Compromissos dos educandos para com os docentes, em várias oportunidades, não foram cumpridos. Falta de cooperação das escolas para com o projeto.
- A dinâmica da escola não permitiu, em alguns momentos, a inserção de projetos que representem uma demanda a mais.
- A falta de tempo nas atividades dos educadores impedindo um maior envolvimento com outras atividades extracurriculares.
- O desconhecimento, por parte dos educadores e diretores das escolas, do processo cultural e de organização juvenil, propiciado e/ou provocado pelos meios de comunicação, em destaque a televisão e a Internet.

- Rotatividade de alunos nas escolas.
- A dificuldade dos jovens em estabelecer um diálogo com as direções escolares sobre os grêmios.

2. Desafios

- Sensibilizar educadores e educandos para a importância da participação dos grêmios dentro do contexto da escola e das lutas sociais.
- Apresentar alguns elementos essenciais para o plano de trabalho como: ler o ambiente escolar, propostas inovadoras, recriação do espaço político da escola, compreensão dos interesses da comunidade escolar, os recursos de que o grêmio dispõe, coerência entre planejado e praticado, curiosidades e princípios que o grêmio necessita para trabalhar coletivamente.
- Traçar caminhos possíveis para a sustentabilidade na comunidade da qual o grupo faz parte.
- Dialogar sobre as barreiras que os estudantes estão enfrentando para serem reconhecidos como agentes sociais e líderes estudantis.
- Construir um plano de trabalho para que o grêmio estudantil possa inovar ou recriar o que já existe na escola.
- Apresentação dos espaços, dos interesses diversos, dos recursos humanos, financeiros e físicos, de atividades criativas, da coerência teórica e prática e dos princípios necessários para o trabalho em equipe dentro de um grêmio.
- Trabalhar com a diversidade cultural.
- Visitar as escolas básicas e estabelecer diálogo com suas coordenadorias e diretorias, para organizar um encontro com os representantes dos grêmios ou das chapas em processo de eleição.

3. Saberes construídos

- Vivência das características da comunidade sustentável.
- Construção da ponte com os problemas da comunidade expostos no Muro das Lamentações, com vistas a alcançar o sonho possível da comunidade sustentável.
- Aprendizado sobre como é constituído o grêmio estudantil: estrutura, organização na escola e na comunidade, articulações, expressões culturais, participação nas lutas sociais e como construir um plano de trabalho.
- Conscientização de características que devem ser inerentes aos participantes do grêmio: ser crítico, dialogar, ser tolerante, possuir flexibilidade e saber trabalhar com a diversidade.
- Criação de uma forma de articulação comunitária que visa à elaboração de encaminhamentos para concretizar sonhos e resolver problemas.
- Desenvolvimento de dois temas centrais que tratavam sobre grêmio, espaço escolar e espaço comunitário: 1) Passos para organizar uma eleição de grêmio. 2) Como conquistar espaços inovadores no interior da escola e da comunidade.
- Desenvolvimento de dinâmicas e estabelecimento de diálogos acerca do tema.
- Conscientização dos participantes para a importância de ser uma liderança em uma comunidade, escola.
- Verificação de valores que devem constituir uma liderança democrática: tomar a iniciativa, ser reflexivo, saber dialogar, ser coerente, pensar no bem coletivo, trabalhar em equipe, e sobretudo, ter postura ética.
- A importância do respeito à diversidade geocultural do nosso país.
- Construção de maquetes com sucatas, para conceituar o que significa para o meio ambiente e para o grupo.



- A conscientização de que é importante preservarmos as árvores que existem e lutar pela arborização da comunidade.
- Questionamentos sobre o que tem sido feito pela paz e pela democratização das escolas.
- Conscientização da importância da escola ser utilizada como espaço da comunidade, valorização da cultura local, das lutas populares por serviços básicos, do resgate da história do bairro.
- Debate sobre os limites da comunicação e qual o tipo de comunicação mais adequado para a escola.
- Como elaborar as diretrizes para a concreção da festa.
- Conceitos de autoritarismo e democracia.
- Aprendizado de como defender propostas, desenvolver argumentações, trabalhar em equipe e superar a timidez.



DEPOIMENTO

Carta de Daniel Hernandez – o “Chico”

Ano de 2002. Encontrava-me no 2º ano do Ensino Médio com minhas angústias, sonhos e desafios a serem enfrentados. Tinha também um fanatismo desmedido por futebol e uma vontade louca de me tornar jornalista só para poder ver de perto os jogos nos estádios.

Certo dia, fiquei sabendo que seria oferecido em Iguape (cidade vizinha a Ilha Comprida, município no qual eu residia) um curso de jornal, acompanhado de grêmio e rádio como formação específica e como formação geral, iriam estar oferecendo Cultura, Política e Comunicação; Carta da Terra e Agenda 21; Cultura da Paz e Sustentabilidade (uma palavra diferente, que eu não tinha a mínima idéia do que significava).

Era uma chance de ouro para que eu pudesse obter as minhas primeiras lições de Jornalismo. Estava ansioso com o início do tal Projeto *JovemPaz*. Tinha certeza que seria uma experiência enriquecedora, mas nem passava pela minha cabeça que estava preste a ter início uma verdadeira revolução em minha vida.

Logo no primeiro dia do projeto, percebi que havia algo diferente no ar. Cantar, dançar, falar, expressar-me livremente, sorrir, enfim, uma sensação de liberdade até então jamais experimentada dentro da escola. Era a oportunidade de ser compreendido

enquanto indivíduo e enquanto grupo, um momento único e especial, em que a escola estava abrindo suas portas e acolhendo a cultura e as idéias de seus alunos, que agora se tornavam debatedores e protagonistas da construção intercultural da paz e da sustentabilidade.

Finalmente, descobri do que se tratava a tal da sustentabilidade. Compreendi que ela deve ser buscada através do desafio da sociedade sustentável. “O desafio da sociedade sustentável de hoje é criar novas formas de ser e estar neste mundo. Para isso, é preciso superar os falsos valores que estão na gênese e no crescimento da sociedade ocidental e sua cultura”. (Gutiérrez, 1999:34) (Conheci o professor do curso sobre jornal, uma semana depois, e me surpreendi com a maneira que ele dava aula. Sentar em círculos, dialogar, realizar as atividades sempre coletivamente e ler o mundo em que vivemos através da comunicação. Eu estava sonhando ou aquilo era realidade?

Os encontros foram se tornando cada vez mais incríveis, pois podíamos interagir com os outros grupos (rádio e grêmio) e trabalhar em conjunto nas escolas.

Aprendemos a superar dificuldades, a aceitar qualquer desafio que aparecesse pela frente e alcançarmos os nossos objetivos. Descobrimos as desigualdades e as injustiças presentes no nosso planeta e aprendemos que era possível transformá-lo.

Festas aconteceram, atividades culturais em nossas escolas, eleições de grêmios, instalação das rádios, publicação de jornais escolares, composições de músicas, confecções de cartazes propondo caminhos para alcançarmos a sociedade sustentável e tantas outras atividades, que concentravam a pluralidade cultural presente nas comunidades e retratavam o protagonismo juvenil concebido pelo projeto *JovemPaz*.

Quanto àquele desejo de tornar-me jornalista, foi substituído pelo sonho de transformar a educação do nosso país, para que outros pudessem ter a mesma oportunidade que tivemos. Acreditei no meu sonho e com a ajuda dos meus companheiros de projeto

consegui superar o tortuoso caminho do vestibular e entrar na Faculdade de Educação da USP, para fazer Pedagogia; afinal, meus pais não possuíam dinheiro para pagar uma faculdade particular e a USP, apesar de parecer inalcançável era a única de realizar o meu sonho.

Vejo hoje que o *JovemPaz* foi audacioso e pareceu até mesmo utópico em alguns momentos, pois pretendia conscientizar os adolescentes de três comunidades oprimidas (Rochdale, Morro Doce e Iguape), o que para muitos poderia “estragar” a cabeça desses jovens... Mas, como já dizia Paulo Freire, “não é a conscientização que pode levar o povo a ‘fanatismos destrutivos’. Pelo contrário, a conscientização, que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita os fanatismos e o inscreve na busca de sua afirmação”(Freire, 1996:20).

Relembrar é viver, verificando os rios que passaram por nossas vidas e a transformaram completamente. Que bom saber que tudo isso que aconteceu foi verdade e que foram colhidos bons frutos dessa construção da paz e da sustentabilidade, quebrando preconceitos e marcando para sempre a vida desses jovens que, oriundos de comunidades oprimidas tiveram a oportunidade de falar o que pensam e interferir na dura realidade que os cerca. Tudo foi realizado com muita garra e esforço, ultrapassando as barreiras que surgiram e tornando concretos os nossos ideais.

Como conclusão, reproduzo um pequeno trecho das muitas canções de Naiman — docente responsável pela formação em rádio escolar — que ilustra a experiência do *JovemPaz* e demonstra como se deu a relação entre docentes e educandos, transformando o ambiente escolar com muita alegria e dedicação pelo que estava sendo construído.

De igual pra igual seremos nós, amigos pela mesma voz

Cantaremos paz, o nosso amor(...)

Lindamente, maravilhosamente(...)

No futuro eu lhe asseguro o presente é pra se viver.

Obrigado *JovemPaz* por me ensinar a ler o mundo e amar a *Natureza*. Minha vida foi transformada e passei a acreditar que tudo é possível; basta acreditar e lutar pelo seu ideal, contando sempre com a ajuda de seus amigos e com uma boa dose de coragem, para suportarmos as provações que haveremos de passar. Com vocês visualizei que um dos caminhos para transformar o mundo é através da educação e essa será, daqui pra frente, a minha bandeira de luta e de esperança por um outro mundo possível, que se dará com outra educação necessária.

Bibliografia

- ABRAMO, Cláudio W. *A Regra do Jogo: o jornalismo e a ética do mercenário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- ANTUNES, Ângela. *Aceita um conselho? Como organizar os colegiados escolares*. São Paulo, Cortez/IPF, 2002.
- ASSIS, Simone Gonçalves de. *Crescer sem violência: um desafio para educadores*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 1994.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *A formação do educador visando à cultura pela paz*. Rio Claro, UNESP, 1995.
- BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro, Campus, 1996.
- BOFF, Leonardo. *Ética da Vida*. Brasília, Letraviva, 1999.
- _____. *Manifesto pela concórdia e pela paz*. Rio de Janeiro, 2001.
- BOFF, Leonardo. *Paz como equilíbrio do movimento*. In “Folha de S. Paulo”, 26 de novembro de 2001, p. 3.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Construindo a Agenda 21 Local*. 2^a edição revista e atualizada, Brasília, CID Ambiental, 2003.
- BROSSEAU, Jean-Michel e SONCIN, Jacques. *Criar, gerir e animar uma rádio*. Lisboa. Inde, 2001.
- CASTRO, L.R. (Org.). *Infância e adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro, Nau, 1998.
- CASTRO, Mary Garcia (Coord.) *Cultivando vida desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza*. Brasília, UNESCO, 2001.

- CENPEC. *Coleção “Jovens e escola pública” — vol. 1 — Escutar: um ponto de encontro; vol. 2 — Olhar: Histórias de lugares e vínculos; vol. 3 — Pertencer: subjetividade, socialização e saber*. São Paulo, CENPEC, 1999.
- CHARLOT, Bernard (Org.). *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais*. Porto Alegre, Artmed, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. *Ética e violência*. São Paulo, USP, 1998.
- CONTI, Mário Sérgio. *Notícias do Planalto*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- COSTA, Paulo César Riani (Org.). *O poder da paz: textos produzidos por escrita coletiva*. São Carlos, Ed. Riani Costa, 1996.
- COSTA, Paulo César Riani. *Téo, o menino azul*. São Carlos, Ed. Riani Costa, 1991.
- COSTIN, Cláudia. *Pistas para o combate à violência*. Folha de S. Paulo, *Caderno 1, tendências e debates*, 13 de outubro, 2002.
- DANTAS, Audálio. *Repórteres*. São Paulo, Senac, 1997.
- DUHALDE, M. A. *La investigación en la escuela. Un desafío para la formación docente*. Buenos Aires, Ediciones Novedades Educativas, 1999.
- FARIA, Maria Alice e ZANCHETTA, Juvenal Jr. *Para ler e fazer jornal na sala de aula*. São Paulo, Contexto, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. 3ª ed., São Paulo, Nova Fronteira, 1999.
- FRA, Daniel. *Criar, Gerir e Animar uma Publicação*. Lisboa, Inde.
- FRANÇA, S. A. M. A indisciplina como matéria do trabalho ético e político. In *Indisciplina na escola. Alternativas teóricas e práticas*. 4ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996.
- FRANCO, Marília. As linguagens audiovisuais no processo educativo. In: III SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, São Paulo, 1996. *Comunicação e Plano Decenal de Educação: rumo ao ano 2003*. São Paulo, 1996. p.108-113
- FREIRE, Paulo. *Discurso na UNESCO ao receber o prêmio “Educação para a Paz”*. Paris, UNESCO, 1996.
- _____. *Educação como prática da liberdade*, 23ª ed. Paz e Terra. 1966
- _____. *Educação e Mudança*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- _____. Entrevista sobre violência. Revista VOZES, 1982.

- FREIRE, Paulo. GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre a Educação. Diálogo*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1984. V.2
- _____. *La dimensión de la cultura de la paz en la propuesta educativa freireana*. São Paulo, IPF, 2001.
- _____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. Editora Paz e Terra, 1970, 23ª edição, 1996.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da terra*. São Paulo, Peirópolis, 2001.
- GOMES DA COSTA, Antônio Carlos. *O adolescente como protagonista*. Belo Horizonte, Modus Faciendi, 2001.
- GÓMEZ, Margarita Victoria. Formação de monitores na área de informática. 2002. Mimeo.
- GRÁCIO, J. C.; AGUIAR, R.C.F. Grêmio estudantil: construindo novas relações na escola. In *Gestão Democrática*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.
- GUIMARÃES, A.M. & GOTLIEB, Liana. *Comunicação e Plano Decenal de Educação: Rumo ao ano 2003*, anais do III simpósio Brasileiro de Comunicação e Educação, ECA/Faculdades Claretianas, 1996.
- GUIMARÃES, A.M. *Comunicação e Criatividade na Escola*, São Paulo, Paulinas, 1990.
- _____. Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola. In *Indisciplina na escola. Alternativas teóricas e práticas*. 4ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996.
- GUTIÉRREZ, Francisco & PRADO, Cruz. *Ecopedagogia e Cidadania Planetária*. São Paulo, Cortez, Instituto Paulo Freire, 1999.
- _____. *Simiente de primavera: protagonismo de la niñez y juventud*. San José, IPF/PRODESSA, 2001.
- LAGE, Nílson. Ciências da Natureza e Teoria do Jornalismo: algumas perspectivas recentes. *Trabalho apresentado no IV Congresso Latino-americano de Ciências da Comunicação*. Recife, Set., 1998.
- ISER *Construindo nosso futuro comum: agenda 21 local — guia do cidadão*. Rio de Janeiro, 1996.
- LIMA, Gracia Lopes. *Lei regulamenta rádio comunitária*. www.socioambiental.org 2002.
- LÓPEZ, Lilian (Org.). *Educación y Derechos Humanos: entre la reflexión y la vivencia de los derechos humanos*. Rosario, Argentina, Instituto de Género, Derecho y Desarrollo, 2001.

- MAFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.
- MARQUEZ, Gabriel G. *Notícia de um seqüestro*. São Paulo, Record.
- MATURANA, Umberto. *Emociones y lenguaje en educación y política*. Chile, Santiago, Domes, 1989.
- MELIANE, Marisa. *Rádios livres — o outro lado da voz do Brasil*. Dissertação de mestrado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1995.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza e outros. *Fala Galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Gramond, 1999.
- MORAES, Régis de. *Violência e educação*. Campinas, Papirus, 1995.
- MORAN, Manuel. A tecnologia de ponta e a comunicação professor-aluno. In III SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, São Paulo, 1996. *Comunicação e Plano Decenal de Educação: rumo ao ano 2003*. São Paulo, 1996. p.101-107
- MÜLLER, Robert. *The magic of Sacred Mount Rasur*. Costa Rica, Universidade da Paz, 2000.
- Músicas: Cérebro eletrônico (*Gilberto Gil*).
- NAÇÕES UNIDAS. *Declaración Del Milenio*. Nova York, Assembléia Geral da ONU, 2000.
- OLIVEIRA, Dennis. *Jornalismo de serviços: produto descartável*. Piracicaba: UNIMEP
- PADILHA, Paulo Roberto. *Violência escolar e interculturalidade*. São Paulo, IPF, 2001.
- _____. *Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola*. São Paulo, Cortez/IPF, 2001.
- _____ & ANTUNES, Ângela. *Projeto político-pedagógico, leitura do mundo e a Festa da Escola Cidadã*. São Paulo, IPF, 2002 (*mimeo*).
- PARO, Vitor. “Implicações do caráter político da educação para a administração da escola pública” In *Educação e Pesquisa*, vol. 28, nº 2, p.15, FEUSP, São Paulo, 2002.
- PASINI, Maria Marta. *La infancia en juego*. Tandil, Grafikart, 2001
- PATTO, Maria Helena Souza. *A produção do fracasso escolar*. São Paulo, Queroz, 1993.

- QUEIROZ, Renato S. *Não vi e não gostei: o fenômeno do preconceito*. São Paulo, Moderna, 1995.
- RAMALHO, Priscila. Educação Oral. *Revista Nova Escola*, Ed.nº139. São Paulo. Jan/Fev 2001.
- Revista: *A mídia dos jovens: A marca do crime — os delitos da imprensa na cobertura da violência*. Pesquisa ANDI/IAS/UNESCO. Ano 5, nº 9, dez/01
- RODRIGUES et al. (Orgs.) *Grupos e instituições em análise*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992.
- SADER, Emir. *Guerra e paz*. In Folha de S. Paulo, 8 de outubro de 2001, p. 3.
- SCHERER-WARREN, I. *Cidadania sem fronteiras. Ações coletivas na era da globalização*. São Paulo, Hucitec, 1999.
- SCOTTO, Gabriela (Coord.). *Conflitos ambientais no Brasil: Natureza para todos ou somente para alguns?* Rio de Janeiro, IBASE, 1997.
- SERRANO, Glória Perez. *Educação em valores: como educar para a democracia*. Porto Alegre, Artmed Editora, 2002.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Sociedade da Informação ou da Comunicação?* São Paulo, Cidade Nova Editora, 1996.
- SPOSITO, M.P. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr, nº 13, ANPED, 2000.
- Timoneiro. (*Paulinho da Viola*).
- UNESCO. *Manifesto 2000: cultivemos a paz*. Brasília, UNESCO, 2000.
- _____. *Prix UNESCO de l'Éducation pour la Paix*. Paris, UNESCO, 2000.
- VIEZZER, M. L. e OVALLES, M. *Manual Latino-Americano de Educação Ambiental*. São Paulo, Gaia, 1994: p.54.
- WAINER, Samuel. *Minha Razão de Viver*. São Paulo, Record.

